

Literatura Novilatina na Recepção ao Novo Bispo de Coimbra D. Afonso Furtado de Mendoça no Colégio dos Jesuítas

Jesuit *Novilatine* literature in XVIIth's century Coimbra connected with ecclesiastic events

ANTÓNIO GUIMARÃES PINTO

Professor Titular de Línguas Clássicas
da Universidade Federal do Amazonas (Brasil)

aguimaraesp@gmail.com

ORCID: 0000-0001-7580-2372

Artigo entregue em: 30 de dezembro de 2020

Artigo aprovado em: 24 de fevereiro de 2021

RESUMO

Neste artigo transcrevem-se e traduzem-se as composições literárias em latim, escritas, pelos professores titulares dos cursos de humanidades do Colégio dos Jesuítas de Coimbra, para homenagear a visita que ao mesmo fez o recém-empossado bispo de Coimbra, D. Afonso Furtado de Mendoça, em novembro de 1616. Na introdução e notas procurou contextualizar-se e valorizar-se uma amostra de literatura novilatina portuguesa, de entre as muitas que continuam por explorar e se mantêm manuscritas em diversos e valiosos códices, como é o caso do 994 da BGUC, donde se extraíram os textos que aqui se recuperam.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura novilatina portuguesa; pedagogia jesuítica; receções aos bispos.

ABSTRACT

This article provides the transcription and translation of Latin literary compositions, written by the professors of humanities courses of the Colégio dos Jesuítas de Coimbra, to honor the visit made by the newly installed Bishop of Coimbra, D. Afonso Furtado de Mendonça, in November 1616. In the introduction and notes, it sought to contextualize and value a sample of portuguese *novilatine* literature, among the many that remain to be explored and still persist handwritten in several and precious codices, such as the case of BGUC 994, from which the texts that are recovered were extracted.

KEYWORDS: Portuguese Humanistic literature; Jesuit pedagogy; receptions of Bishops.

1. Os códices escolásticos jesuítas. Sua importância e caracterização

Foi norma dos principais colégios da Companhia de Jesus registrar em livro especial a produção literária escolar, sobretudo latina, tanto de mestres como de alunos, que por seus superiores atributos, quer de conteúdo quer de linguagem, tivesse sido considerada merecedora dessa espécie de sobrevivência. No dilatado âmbito da ação pedagógica dos inicianos em Portugal e seus domínios, do século XVI a 1759, data da sua expulsão, foram numerosos os repositórios manuscritos em que se consignou este importante acervo literário, o qual, infelizmente, em parte não despendianda, é de presumir que para sempre se tenha perdido, mercê não só dos avatares da própria história nacional, com suas sequelas de humano desleixo, criminosa sonegação¹ e sanha ideológica, como também das próprias contingências da natureza, entre as quais se devem salientar o Terramoto de 1755 e as agressões e inclemências próprias dos climas tropicais, de deletéria ação sobre o papel e a tinta.

Como facilmente se conjectura, o grosso dessa produção escolástica coube às academias de Évora e Coimbra, nas quais o grande número de alunos e a distinção dos mestres fazem supor uma maior probabilidade de

¹ Como se sabe, abundam em coleções privadas e bibliotecas públicas de países estrangeiros códices e documentos procedentes dos colégios e casas da Companhia de Jesus, vendidos ou oferecidos ao desbarato pelas autoridades públicas portuguesas incumbidas da guarda dos bens arrecadados aos jesuítas após a expulsão. Como exemplo, baste dizer que só a Hispanic Society, de Nova Iorque, possui uma coleção de esplêndidos códices, imprescindíveis para o conhecimento do teatro jesuítico em Portugal.

qualidade na execução literária. Quanto ao pecúlio manuscrito desta espécie originário da academia eborense, uma parte relativamente abundante logrou salvar-se graças aos desvelos do arcebispo D. frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas, fazendo hoje parte dos fundos da Biblioteca Pública de Évora, embora necessite urgentemente de uma criteriosa catalogação, a ser necessariamente feita com a cooperação de latinistas competentes, e que, por um lado, complete o perfunctório, mas mesmo assim assaz meritório, trabalho de Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, publicado em quatro volumes, entre 1850 e 1871,² e, por outro, ponha um definitivo termo à desorientação de que o incauto leitor pode ser vítima ao consultar de boa fé obras de académicos pouco probos.³

No que tange a uma parcela significativa da “nata e fina flor” da produção literária circunstancial e de menores dimensões que foi sendo produzida por ocasião dos vários eventos e efemérides que se embutiam no ritmo ordinário da vida académica do Colégio de Coimbra da Companhia,⁴ desde 1555 até quase o final do século XVII, supomos que foi reunida em seis ponderosos códices, de que hoje conhecemos quatro, subordinados ao título genérico de: *Rerum scholasticarum quae a patribus huius Conimbricensis Collegii scriptae sunt. Tomus*, ou seja, [nº ordinal correspondente] *volume das composições escolares que os padres e irmãos deste Colégio de Coimbra escreveram*. Os tomos terceiro e quarto desapareceram e, em relação ao tomo que no início vem numerado como *Tomus quintus*, conjetura-se, com a máxima probabilidade, que tem a sua continuação no códice nº 1963 da Livraria do ANTT. Quanto à cronologia das peças literárias que compõem cada códice, determina-se de acordo com as seguintes balizas correspondentes a cada tomo: 1555-1571 *Tomus primus*;⁵ 1568-1579 *Tomus secundus*;⁶

² Para os textos literários em latim de autores jesuítas é sobretudo importante o tomo II deste *Catálogo dos manuscritos da Biblioteca Pública Eborense*, saído dos prelos da Imprensa Nacional, em Lisboa, no ano de 1869.

³ Como é o caso notório de um professor inglês, cuja monomania, caracterizada pelo desejo de glorificar a todo o custo o nome de André de Resende, o levou à acintosa falsificação de referências e atribuições de autoria, constantes de textos manuscritos de códices quinhentistas existentes em Évora e alhures.

⁴ Com esta expressão se englobam o Colégio de Jesus, ou propriamente da Companhia, e o Colégio das Artes, regido desde 1555 pelos jesuítas, mas aberto, como curso preparatório, a todos quantos pretendiam ingressar em alguma das diferentes faculdades que integravam a Universidade.

⁵ Códice 3308 da BNP. Para a descrição externa e relação de autores e composições deste códice veja-se BARBOSA, 1995: 401-421.

⁶ Códice 993 da BGUC. Descrição externa e relação de autores e composições em BARBOSA, 1996: 405-423.

1611-1629 *Tomus quintus* (1ª parte);⁷ 1631- penúltima década do século XVII *Tomus quintus* (2ª parte).⁸

Os núcleos temáticos em torno dos quais girou a conceção da imensa maioria das composições, em prosa e verso, que integram estes códices coimbricenses, encontram-se sobretudo relacionados com:

- 1) a calendarização da vida académica (por exemplo: falas na concessão de graus académicos, orações de sapiência, louvores das ciências, discursos de início do ano académico);
- 2) a religiosidade, nas suas feições quer especificamente jesuítica (por exemplo: louvores de Santo Inácio e de S. Francisco Xavier), quer regional (panegírico da Rainha Santa Isabel, o tema indiscutivelmente mais glosado);
- 3) a gratidão corporativa (panegírico do rei D. João III, o grande protetor da Companhia);
- 4) as injunções decorrentes da importância da Companhia de Jesus e dos seus Colégios na Academia e sociedade coimbrã dos séculos XVI e XVII (receção a visitantes ilustres);
- 5) o aspeto lúdico na pedagogia jesuítica (composição e interpretação de inscrições, descrições e enigmas; representações cénicas, sobretudo nas cerimónias de entrega de prémios).

2. O códice 994 da BGUC. Breve descrição

Tendo-nos já ocupado, em artigos e livros, de inúmeros autores e composições que integram os tomos 1º e 2º deste vasto espicilégio escolástico, ou seja, os códices 3308 da BNL e o 993 da BGUC, afoitamo-nos agora à primeira parte do *Tomus quintus* desta série, ou seja, o códice que, no catálogo de manuscritos da BGUC, tem o nº 994. Trata-se de um códice miscelâneo de poesia e prosa latinas, com um total de 287 fólios e cujas composições se encontram datadas entre o ano de 1611 e o de 1629.

Os autores identificados são em número de vinte e quatro (24), acrescido de dois anónimos estudantes, responsáveis por dois breves epigramas, que irão ler-se mais à frente, e de, pelo menos, mais um autor, cujo nome foi deliberada e violentamente expungido através de riscos de tinta, e que

⁷ Códice 994 da BGUC.

⁸ Vd. PINHO, 2005: 351-382.

fará parte dos cinco que foram objeto do presente estudo. É a seguinte a lista dos autores cujas composições, em prosa e verso, foram selecionadas pelo juízo crítico dos seus confrades para comporem este códice conimbricense: Gonçalo de Abreu, Apolinar de Almeida, Luís Álvares, Cristóvão do Amaral, Jerónimo Botelho, Manuel de Escovar, João Freire, Paulo Gomes, Bento de Gouveia, Manuel de Gouveia, Gaspar Luís, Francisco Machado, Sebastião da Maia, Francisco Manso, André Palmeiro, Lucas Pereira, João da Rocha, Pedro Rocha, Diogo Seco, Francisco de Távora, Domingos Teixeira, Francisco Valente, Pedro Vasconcelos e Lucas Veloso.

Quanto à predominância dos temas, podemos estabelecer, com relativo rigor, a seguinte distribuição: Rainha Santa (13 composições); Santo Inácio (10); atos relacionados com a rotina e calendário da vida académica (9); atividade lúdica, sobretudo sob a forma de representações cénicas (6); recepção a personagem ilustre, no caso o bispo-conde recém-empossado na diocese de Coimbra, D. Afonso Furtado de Mendonça, na visita por este efetuada, em novembro de 1616, ao Colégio da Companhia: cinco (5) conjuntos de composições, da autoria de cinco autores diferentes. A esta última série temática será consagrado o presente estudo, mediante o qual almejamos, mais uma vez, resgatar do esquecimento alguns notáveis cultores do latim como língua literária no Portugal dos primórdios do século XVII e, de alguma maneira, ampliar ou matizar o nosso conhecimento da vida cultural, social e religiosa da Lusa Atenas nessa mesma quadra histórica, o seu tanto esquecida ou unilateralmente avaliada.

3. Breve esboço biográfico de D. Afonso Furtado de Mendonça

Ainda que o nosso escopo seja sobretudo histórico-cultural, e mais especificamente literário, cumprirá, no entanto, fazermos brevíssima incursão nos domínios da história eclesiástica a fim de contextualizarmos as composições literárias que iremos traduzir e transcrever. Ser-nos-á útil, portanto, uma referência ao percurso biográfico de D. Afonso Furtado de Mendonça, principalmente na medida em que possa ajudar à perfeita inteligência dos textos aqui apresentados, e às circunstâncias da sua entrada em Coimbra como novo bispo.

D. Afonso Furtado de Mendonça nasceu em 1561, no seio de uma família nobre, fortemente implantada no Baixo Alentejo. Era filho de Jorge Furtado de Mendonça, comendador de Entradas, Padrões e Represa, da Ordem do Santiago, lugares situados nos chamados Campos de Ourique e

hoje compreendidos no concelho de Castro Verde. Barbosa Machado, no artigo que lhe dedica na *Biblioteca Lusitana*, aponta a divergência dos autores em relação à terra em que viu a luz da vida, uma vez que “querem uns que nasceu em Lisboa”, e “escrevem outros” que em Montemor-o-Novo. No entanto, ainda que se trate de questão de cutiliquê, e tendo presente que o local de nascimento é muitas vezes obra do acaso,⁹ pendemos para esta última opinião, que tem o respaldo de alguém como D. Rodrigo da Cunha, que manteve trato pessoal, se não de amizade, com D. Afonso, e não é de presumir que avançasse do modo assertivo, como o faz, essa naturalidade, caso sentisse qualquer dúvida sobre esse ponto.¹⁰ De acordo com este último biógrafo, a sua infância decorreu em casa de seus pais, nas Entradas. Fez os estudos superiores na Universidade de Coimbra, em cuja faculdade de cânones se doutorou, tendo sido também admitido como colegial do Colégio de S. Pedro em 1592, aqui vivendo durante alguns anos, entregue ao estudo, sobretudo da história, segundo escreve o ilustre Cunha. Em 1597 o rei D. Filipe I de Portugal escolheu-o para Reitor da Universidade, entre vários nomes que esta lhe propôs, cargo que ocupou até 1605, uma vez que em janeiro deste ano o rei D. Filipe II de Portugal o elege para integrar o Conselho de Estado de Portugal, a funcionar junto da corte, que por então se achava em Valhadolide. Pouco tempo se conservou neste cargo, pois vêmo-lo em 1608 na presidência do tribunal da Mesa da Consciência e Ordens, em Lisboa. Em agosto de 1609 é nomeado bispo da Guarda, vasta diocese que então abrangia a totalidade da hoje chamada Beira Interior, de que toma posse em fevereiro de 1610 e à frente da qual permanece por quase seis anos. Com efeito, por bula de Paulo V, de 5 de dezembro de 1615, é nomeado bispo de Coimbra, dignidade que pessoalmente assume no dia 7 de novembro de 1616. Por pouco tempo permanece à frente do bispado conimbricense, porquanto, a 12 de novembro de 1618, é eleito para a então mais alta dignidade da igreja lusitana, como arcebispo de Braga e primaz das Espanhas, entrando em maio do ano seguinte a governar no espiritual e temporal a mui ilustre capital do Minho. O ano de 1616 assistiu à dupla glorificação de uma vida consagrada à Igreja e à coisa pública, sob a forma da sua eleição para arcebispo de Lisboa e para governador do reino: exerceu esta altíssima magistratura política até abril de 1630 e a de pastor

⁹ Acode sempre à memória, para este tipo de “acidentes” biográficos, o caso do Eça de Queirós, cuja ligação familiar ou vital à Póvoa de Varzim era simplesmente nula.

¹⁰ CUNHA, 1635: 451. A nota biográfica sobre D. Afonso, predecessor de D. Rodrigo na primacial sé bracarense, ocupa as pp. 451-465.

da grei lisbonense até à data da sua morte, que se verificou a 2 de junho deste mesmo ano.

Como se vê deste breve conspecto, D. Afonso Furtado de Mendonça protagonizou uma carreira brilhantíssima, a que apenas faltou a consagração derradeira que significaria a púrpura cardinalícia, para a qual aliás acenam, com evidente propósito de lisonja, algumas das composições que mais à frente irão ler-se. No entanto, D. Afonso correu neste aspeto a mesma sorte de todos os seus colegas da igreja portuguesa durante o período da dinastia Áustria, a qual, com notória falta de senso político, não criou nenhum cardeal português durante os sessenta anos da sua soberania, ligeireza e arrogante descaso que, de resto, não terão sido dos fatores menos despi-ciendos entre os que contribuíram para o seu expedito termo em solo lusitano,¹¹ no 1º de Dezembro de 1640.

Vejamos agora o período restrito da vida deste prelado que se prende com os textos que estão na origem deste trabalho.

4. Entrada de D. Afonso Furtado de Mendonça em Coimbra

Pela morte de D. Afonso de Castel-Branco, em 12 de maio de 1615, e conforme acima dissemos, D. Filipe II de Portugal escolheu para substituí-lo como bispo-conde de Coimbra o então bispo da Guarda, D. Afonso Furtado de Mendonça, estando datadas de 5 de dezembro daquele ano as *letras apostólicas* mediante as quais o papa Paulo V o nomeava para a diocese conimbricense. Recorrendo ao livro dos *acordos* do cabido da mesma, verificamos que este, reunindo-se aos 8 de fevereiro de 1616, decidiu que lhe cumpria visitar e saudar o seu novo prelado, que se encontrava então em Castelo Branco, tradicional residência de inverno dos bispos egitanenses, aos quais as inclemências da invernia obrigavam a abandonar durante a estação fria a sede do bispado.

Continua o livro dos *acordos* registando, com data de 7 de novembro de 1616, que o capelão do bispo apresentou perante o cabido procuração do mesmo, pela qual lhe dava os poderes para poder tomar posse, tendo-lha dado por virtude da dita procuração. Descreve-se depois todo o simbólico ritual da tomada de posse feita pelo referido procurador, a que se segue o registo da protocolar troca de mensagens entre o cabido e o novo prelado, que se encon-

¹¹ Nunca é demais lembrar o importantíssimo papel que na rejeição da soberania da Casa de Áustria sobre Portugal desempenhou a figura de D. Rodrigo de Cunha, que, em nossa opinião, até hoje ainda não foi sublinhado na sua verdadeira dimensão e peso.

trava no mosteiro de S. Francisco, da banda de lá do rio, através das quais D. Afonso pedia que o corpo capitular o acompanhasse desde a sé até à sua casa,¹² como alternativa ao trajeto determinado pelo cerimonial, que os cônegos asseveraram ser impraticável,¹³ chegando-se a um compromisso, cujo resultado final as palavras da ata capitular consignam da forma seguinte:

“E assentou o cabido que o Senhor chantre e o Senhor mestre escola fossem ao mosteiro de S. Francisco da Ponte, aonde estava aposentado o Senhor bispo, e de parte do cabido lhe significassem como o cabido o queria acompanhar como sua Senhoria pedia na forma e com as condições acima referidas (...) e os ditos Senhores dignidades foram a S. Francisco e falaram com ele em particular dando-lhe a reposta do cabido. E depois tornaram ao cabido ambos e disseram nele que o Senhor bispo festejava muito e mostrava muito gosto de o cabido o acompanhar. E que ele gotoso para andar a pé e assi forraria ao cabido o trabalho. (...)”¹⁴ E logo à tarde foi o cabido esperar o Senhor bispo à porta da cidade que é na Portagem, antes da porta da ponte, com sua cruz indo com o cabido os mais priores e beneficiados da cidade. E aí veio o Senhor bispo debaixo do pália que trouxeram dos cidadãos mais honrados da cidade e veio à sé, aonde fez os ofícios e cerimónias costumados. (...) E depois o cabido foi acompanhar o Senhor bispo levando a cruz diante do cabido e o Senhor bispo vinha no cabo entre o Senhor deão e o Senhor chantre. E subiu o cabido a sala aonde o Senhor bispo disse ao cabido que aquela mercê (...) ele a estimava muito.”¹⁵

É interessante conhecer também o modo como a Universidade de Coimbra, por iniciativa do então Reitor, D. João Coutinho, se empenhou em participar

¹² Entendo que o texto se refere à casa do cabido, anexa à sé.

¹³ “caminhos montuosos e de lamas e água e concorrência de gente.”

¹⁴ Se bem entendemos esta linguagem pouco escorreita, pretende dizer-se que, uma vez que o cabido não iria acompanhar o bispo desde a sé até ao paço, devido às dificuldades do trajeto, protocolarmente o bispo alegou que tão-pouco daria forma solene ou processional a essa deslocação, a qual, devido a problemas de gota, faria a cavalo, e trocou-se esse acompanhamento pelo que realmente se fez, desde a sé até à casa do cabido.

¹⁵ ALMEIDA, 1973: 205 e 211-213. Ao Professor José Pedro Paiva agradecemos a referência a estes documentos. Ao Dr. Arlindo Correia penhoradamente agradecemos a solicitação e amiga prontidão com que nos enviou cópia dos mesmos. A ambos o sincero bem-haja de quem, por dificuldades logísticas insuperáveis, em parte não pequena depende da boa vontade de colegas e amigos para levar a bom termo o seu trabalho.

nas solenidades da entrada do novo bispo na cidade que, quase doze anos atrás, abandonara, depois de ter estado à cabeça da sua Academia durante cerca de oito anos.¹⁶ Conforme reza a ata do conselho universitário reunido em claustro em 5 de novembro de 1616, este colegiado, tendo em consideração, além de outras razões, a circunstância a que acabámos de aludir, anuiu em que “a Universidade devia fazer com ele alguma demonstração”, para o que:

“se assentou que o fossem esperar a S. Francisco e o Reitor com o lente mais antigo de Teologia o trouxessem no meio e o acompanhassem até à Porta da Ponte, aonde o cabido e cidade o estavam esperando para o acompanharem a pé, indo ele debaixo do pátio, e que atrás podia ir o Reitor juntamente com a cidade, mas no primeiro lugar.”¹⁷

5. Tipologia das receções dos colégios jesuítas aos novos bispos diocesanos

Nas cidades cabeça de diocese onde os jesuítas possuíam colégios era costume acolherem com especiais mostras festivas a visita que também era de uso os novos prelados fazerem a estes centros de ensino, pouco depois de tomarem posse. Possuímos, em um livro impresso onze anos depois da investidura em Coimbra de D. Afonso Furtado de Mendoça, e referente à sé primaz de Braga,¹⁸ um importante testemunho referente às demonstrações de respeito em que o colégio jesuíta da capital minhota se empenhou quando o arcebispo D. Rodrigo da Cunha assumiu o senhorio temporal e espiritual da velha urbe bracarense, como sucessor deste mesmo D. Afonso Furtado de Mendoça, que fora transferido para Lisboa. Para o nosso presente escopo respigámos os passos seguintes,¹⁹ de forma forçosamente muito sumária,

¹⁶ Sobre a importância histórico-sociológica do estudo das entradas dos bispos no Portugal do Antigo Regime leiam-se as palavras de PAIVA, 1993, no início deste seu inovador artigo. Veja-se também, do mesmo Autor, o artigo em que, sobre o mesmo tema, e com alusão ao episódio de que aqui nos ocupamos, versou com a costumada proficiência: “Ceremonial eclesiástico en el Portugal del siglo XVII” (PAIVA, 2001). – Aqui publicamente consignámos o nosso agradecimento pela amabilidade mais uma vez demonstrada pelo Autor rapidamente nos enviando cópias destes artigos.

¹⁷ FIGUEIROA, 1937: 128-129.

¹⁸ Trata-se da RELAÇÃO, 1627.

¹⁹ As pp. 48vº a 77vº, embora oferecendo um pecúlio de textos latinos incomparavelmente inferior, em quantidade, ao fornecido pelo códice 994 que aqui se traduz, em contrapartida apre-

que se aplicam *grosso modo*, com uma ou outra modificação decorrente de alguma diferença de circunstâncias, ao que se teria passado, pouco mais de dois lustros antes, na cidade do Mondego:

“Costumam os prelados desta primazia visitar aqueles estudos, que estão à conta dos padres da Companhia, e quando neles entram de novo lhes fazem os padres algum recebimento literário. (...) Havendo pois sua ilustríssima de visitar aqueles seus estudos, determinaram os cinco padres lentes de humanidades de lhe fazer cada um seu recebimento, e para isso não quiseram trazer matéria de outra parte nem argumentos estrangeiros, mas (com bom conselho) ordenaram que fossem caseiros, nacidos e familiares das portas adentro. (...) E porquanto nestes estudos (deixando à parte as ciências maiores) se professa retórica, humanidades, poesia, história e gramática, tomaram os cinco lentes à sua conta cada faculdade destas, ficando a retórica à conta da suprema classe, as humanidades da segunda, a poesia da terceira, aonde se ensina a cantidade das sílabas, a história da quarta, na qual se começa a ler autor, e a quinta ficou com a gramática, que é própria de sua profissão; e, conforme a isso, a retórica havia de festejar a sua ilustríssima com os tropos e figuras daquela arte, vestindo e falando conforme o pede a natureza de cada ua; as humanidades haviam de sair com virtudes e empresas tocantes a sua profissão; a poesia com a diversidade de poemas: heróico, trágico, lírico e outros, com insígnias próprias de cada um; na história havia de entrar a europeia, asiática, africana e outras, dando cada ua razão dos feitos ilustres que em suas terras fizeram os Cunhas e outros de que sua ilustríssima procede. À conta da gramática ficou buscar traça pera com suas declinações e conjugações acrescentar a festa.”²⁰

6. A receção do Colégio de Coimbra ao bispo em novembro de 1616

Em conformidade com a praxe mais ou menos geral que acabámos de ver praticada em Braga, o Colégio dos Jesuítas de Coimbra convidou

sentam o detalhado enquadramento e a viva descrição da situação concreta em que as composições são apresentadas pelos mestres e alunos e até acolhidas pelo Senhor arcebispo.

²⁰ O. c., ff. 61vº-63rº.

o novo antístite para uma visita às suas instalações, sendo as boas vindas e itinerário pelos diferentes espaços de docência solenizados mediante várias manifestações de carácter sobretudo literário, nas quais tomavam vulto primordial as componentes oratória, lírica e dramática, esta sob a forma de breves representações cénicas de pendor mais ou menos alegórico. Conforme se sabe, como preparação para o estudo de mais remontados saberes, o ensino das letras humanas ministrado, sempre em latim, no Colégio Jesuítico, repartia-se por cinco níveis ou classes inferiores, suscetível cada nível de repartir-se por mais de uma classe, de acordo com as necessidades e grau de assimilação dos discentes. Segundo uma escala ascendente, era a seguinte a designação destas classes: gramática inferior, gramática média, gramática superior, humanidades e retórica. O escopo primordial era a aquisição do conhecimento completo da gramática e o domínio perfeito da eloquência, com a mira posta não apenas na utilidade do discurso, mas também na sua elegância, tendo em consideração que a eloquência compreende duas matérias fundamentais: a oratória e a poética.²¹

Como prova da proficiência, primor e quilates na poesia e eloquência latinas dos mestres (e também de dois anónimos alunos) do Colégio Jesuíta de Coimbra, de tão gloriosas tradições, iria o nobre prelado alentejano escutar e ver os frutos das minervas daqueles cinco membros da corporação inaciana, que, considerando as cadeiras que ministravam, certamente levariam vantagem aos seus confrades no cultivo em latim dos diferentes géneros da arte literária com que pretenderam honrar o ilustre visitante, naquele dia de novembro, de seguro não muito posterior a 7 de setembro, mas que com precisão não lográmos apurar qual fosse. Embora não conheçamos qualquer descrição da decoração e adereços que é indubitável rodearam e abrilhantaram este evento, algumas alusões contidas nos textos fazem-nos supor que, além de pinturas com o brasão de família do bispo e figurações da Serra da Estrela e da Guarda, é muito verosímil que os esboços dramáticos, em que se puseram em cenas personagens alegóricas ou simbólicas, não deixariam de utilizar recursos visuais e sonoros de forte dinamismo: temos inclusive a indicação de que, em certo momento, se esparzem sobre o chão flores, embora se estivesse em novembro.

²¹ Neste período quase nos limitámos à transcrição do que determina a *Ratio studiorum*, sobretudo nas *Regulae professoris Rhetoricae*, *Regulae professoris humanitatis* e *Regulae professoris supremae classis grammaticae*, que podem consultar-se, na edição bilingue preparada por MIRANDA, 2009, respetivamente: 199, 219 e 225.

7. Síntese dos conteúdos

7. 1. O discurso de receção, pronunciado com grande probabilidade na aula magna das instalações escolares, ficou a cargo do mais ilustre, a todos os títulos, dos cinco autores escolhidos para contribuir para esta solenidade: o lisboeta padre Apolinar de Almeida, professor de retórica, conceituado latinista e destinado a receber a láurea do martírio pela fé católica em terras da Etiópia. A *oratio* inicia-se com uma engenhosa aproximação entre o bispo, que acaba de chegar, e o seu próximo parente André Furtado de Mendoça,²² o célebre herói da gesta lusitana no oriente, e ambos com tão grande semelhança física que o orador os confunde,²³ referindo-se à estrondosa vitória alcançada por André sobre o façanhoso corsário indiano Cunhale. Aparece então pela primeira vez um vezo, que será um *leitmotiv* presente em todos os autores desta série, com frequência obsessiva e, para a sensibilidade atual, pisando as raias do mau gosto: o fácil jogo de palavras, a que de facto se prestava, e ainda hoje presta, o primeiro sobrenome do homenageado. Nesta primeira aparição, Almeida confessa que, a André, não será necessário *Furtá-lo* aos céus, porque ele ali está, sob a forma de Afonso...

Recorrendo depois ao sempre pródigo e manuseado arsenal que a mitologia pagã punha à disposição dos humanistas, mesmo os de mais acendrada piedade católica, o padre Apolinar acode, seguramente com a mais cândida inocência, à (para nós) escabrosa história do rapto de Ganímedes pela águia de Júpiter, para estabelecer um símile com o *furto* que Coimbra, de visão mais penetrante do que a águia, perpetrou ao arrebatrar para si o novo prelado. Com copioso alarde de autoridades literárias clássicas, assevera a procedência divina daquele desejado furto, para o qual também concorreram, com suas rogativas, os pobres, desejosos da terem junto alguém tão esmoler. Mantendo-se nos domínios mitológicos, e também no da ambiguidade semântica a que se prestava o sobrenome do antístite, o orador compara em seguida a cidade de Coimbra a Jasão, porque se atreveu, como o herói antigo, a furtar tão opulento velo de oiro e pastor, cujo resplendor não resulta de vaidade, mas se derrama pelas peles das suas ovelhas. Nele

²² Se não nos enganámos nas nossas pesquisas genealógicas seriam primos em segundo grau, uma vez que, ao que supomos, o pai do herói da Índia (também chamado Afonso Furtado de Mendoça, como o sobrinho bispo), seria irmão do avô paterno de D. Afonso, chamado António Furtado Mendoça. Recorde-se que o antigo governador da Índia falecera cinco anos atrás, em abril de 1611.

²³ Pelo que pode coligir-se pela iconografia que existe relativa a ambos os parentes essa parença é evidente: notória escassez de carnes, rosto afilado, tez marcadamente morena e nariz avultado.

e em suas virtudes (bondade, generosidade, rigor comedido, pureza de costumes e discrição) encontrariam bem azado motivo para seus eloquentes discursos os mais conhecidos oradores dos poemas homéricos: Menelau, Ulisses e Nestor.

Como se fazia mister naquele ensejo, o autor enumera, nos termos mais laudatórios, o indubitavelmente brilhante *cursus honorum* que o convidado poderia exibir até àquele momento da sua vida: sucessivamente, reitor da Universidade de Coimbra, membro do Conselho de Estado de Portugal, presidente do tribunal da Mesa de Consciência e Ordens e, finalmente, bispo da Guarda, cidade onde permanecera à espera que Coimbra o furtasse. Ora, confidencia o padre Apolinar, como justificar o roubo efetuado a alguém que se encontra na posse legítima de um bem? E eis que o mestre de retórica se metamorfoseia em arguto patrono da cidade de Coimbra, alegando a situação irregular em que a Guarda se encontra, como amiga do alheio: no caso, a Serra da Estrela, que a antiga Egitânia, como o nome português indica, mantém sob a sua indevida custódia. Outro argumento adiantado funda-se no reconhecimento que a Guarda faz da sua falta de qualificação para ter consigo uma personagem tão grada como D. Afonso, uma vez que, por força da inclemência da invernia que nela se faz sentir, obriga o seu bispo a passar metade do ano na mais apazível Castelo Branco. Acresce que a Guarda, ao invés de lastimar-se, mais deve regozijar-se por ter sido vencida por Coimbra, a cidade fundada por Hércules, o mítico herói que em remotas eras vencera e separara os Geriões, monstruosos reis das Espanhas.

O discurso de defesa tinge-se de certos laivos irónicos ao assinalar que o nome de Guarda fora conferido à cidade serrana em conformidade com a figura de linguagem que se designa por antífrase, porquanto, sem embargo do nome e do brasão, em que figura um castelo torreado, foi remissa e frouxa na custódia e defesa do seu tesouro, que poderia ciosamente ter acautelado em alguma das muitas grutas e cavernas em que o seu território abunda. É certo, porém, que contra a vetusta urbe *fria, farta e forte* militavam razões de peso, que justificam que Coimbra tenha *Furtado* com bom sucesso. É o que se conclui da pergunta retórica que o padre Apolinar formula nestes termos: *Sed, quid potest ciuitas abscondi supra montem et quidem stelliferum lampasque solis aemula inuidiose obtego quin transluceat ac radios tam doctrinae quam sanctimoniae clarissimos liberaliter spargat?* [“Como pode esconder-se uma cidade no cimo de um monte, e para mais estrelado, e ciosamente ocultar-se uma tocha, émula do sol, por forma a não se refletir nem a esparzir generosamente os mui luzentes raios tanto da doutrina como da santidade?”]

Depois de aplaudir Coimbra pelo bom êxito que coroou a sua ação furtadora, para que a qualificavam os seus dotes de astúcia e manha que a superiorizam entre as restantes cidades portuguesas, e ciente também de que por modéstia será lacónica na apresentação dos altos merecimentos que a qualificavam para uma empresa que não pode ser qualificada como injusta, o orador decide continuar a patrocinar os interesses da Lusa Atenas e interpela diretamente D. Afonso, perguntando-lhe pelas razões que o moveriam a recusar governá-la espiritualmente. Deste modo abre-se-lhe ensejo para apresentar os motivos da vinculação e obrigação moral e afetiva que unem a Coimbra o recém-empossado bispo. Coimbra é de facto a sua ama de leite: aqui estudou, aqui viveu, aqui esteve à frente, como Reitor, tanto do Colégio de S. Pedro como da própria Universidade, e, finalmente, evoca em tom marcial o laço, “mais duradouro do que o bronze”, em virtude do qual se estreitaram essas relações, quando o Reitor D. Afonso Furtado de Mendonça, fiel ao exemplo dos seus maiores, heroicamente organizou e se colocou à testa do batalhão académico com que se dispôs a rechaçar os piratas ingleses que, em 1602, atrevidamente desembarcaram e assolaram a vila de Buarcos.

Retomando, depois, a lendária história do velo de oiro, Almeida refere-se à usança sua contemporânea da transumância dos rebanhos da Serra da Estrela para as regiões dos Campos de Ourique, durante a época dos frios serranos. Deste modo intenta estabelecer, de modo o seu quê forçado para o nosso gosto, uma associação entre o “cordeiro do velo de oiro”, que é o próprio bispo, a região donde este procede e a vitória que ali mesmo obteve D. Afonso Henriques contra a mourisma, da qual participaram também nobres avoengos do prelado. O “cordeiro”, prossegue o futuro mártir da fé, teve de regressar na devida sazão aos sáfaros frague-dos beirões e seus frios rigores, suscitando as mais veementes saudades em Coimbra, que se desata em prantos e solta aos ventos o seu chamamento. Tão sentidos são os apelos que só uma inerte rocha a eles não seria sensível, razão pela qual D. Afonso acede em, à imitação e seguindo o percurso do Mondego, descer das serranias e vir com a sua presença alegrar Coimbra e fertilizar as mimosas veigas de seu alfoz. Enfim, e para concluir, o orador profetiza que em Coimbra terá doravante tranquilo e duradouro pouso, desde as alturas do seu paço regendo com justiça e firmeza as suas ovelhas, até que chegue o longínquo dia em que um santo decesso o arrebate e leve para as estrelas da eternidade pessoal, com um fim mais glorioso do que o do Mondego, que acaba anónimo entre as salsugens do oceano.

7.2. A honra de dar as boas vindas ao ilustre visitante ficou depois por conta de Gaspar Luís, varão que deveria orçar então pelos trinta anos de idade, mestre da 1ª classe de latim, recentemente ordenado padre e que, menos de dois anos depois, zarparia de Lisboa para as missões jesuíticas do extremo oriente, onde decorreria, por quase mais trinta anos, o restante da sua existência. Ao referirmo-nos à sua intervenção temos em consideração sobretudo a autoria dos textos, uma vez que, tal como sucederá de resto com as outras três séries, ou conjuntos estruturais, atribuídos no códice aos autores que aqui irão seguir-se, a apresentação pública destes textos (que supomos também ir-se dando, pelo menos a partir de certo momento, ao ritmo que o bispo ia avançando na visita, nas diferentes salas de aula correspondentes à classe da responsabilidade de cada autor), caberia não apenas ao autor, que recitava primeiro os textos introdutórios, mas em seguida ficaria a cargo de alunos, nas partes que, pela sua estrutura dialogada, apresentam um teor tendencialmente dramático.

Assim, num prólogo poético, constituído por treze dísticos elegíacos, o padre Gaspar, em nome da retórica, oferece ao novo prelado um ramo de flores, colhidas nas campinas do próprio bispo, e entrelaçadas com amor e pudor. Protocolarmente, lamenta a pobreza da dádiva, que lastima não estar em conformidade com a grandeza do destinatário e da altura dos cargos que antes desempenhara. Segue-se uma alocução preliminar, em prosa, que gira em grande parte em torno de célebre passagem da *Eneida* (6. 143-144), na qual se fala do “ramo de ouro” de certo carvalho, que, depois de cortado, imediatamente produzia outro com iguais características. Assim, aplicando o episódio épico ao novo bispo, o orador lembra que, tendo sido arrebatado pela morte o “ramo de ouro” D. Afonso de Castel-Branco, logo surdiu em seu lugar, como novo áureo rebento, outro Afonso. Depois de um laudatório excursus em que compara o bago episcopal com o caduceu de Mercúrio e o cetro de Assuero, retoma o símile do ramo de árvore, para associar agora o bispo ao pomo, também de ouro, que Hércules, ou seja, Coimbra, *furtou* no Jardim das Hespérides, que mais não é que a Guarda.

Ainda lhe serve a mesma comparação extraída do reino vegetal para asseverar que, com o seu “ramo de ouro”, o bispo dava maior lustre à árvore da sua linhagem, que até então era mais conhecida pela sua identificação com outro metal: o ferro das armas. E, por derradeiro, o “ramo de ouro” significa por igual a sabedoria, na qual sobressai D. Afonso e foi a causa de ter sido escolhido para o desempenho dos cargos públicos e académicos em que luzira, sendo por conseguinte justo que Coimbra o recuperasse, para tê-lo agora, não como Reitor, mas como um segundo Ambrósio no Ateneu

das letras lusas. É de esperar que aquele ramo, implantado no solo coimbrão, experimente várias mutações, e se transforme também em: *uictoriae laurus*, *seu poeticae facultatis hedera*, *seu iustitiae palma*, *seu nobilitatis cupressus*, *seu pacis et eleemosynae olea*, *seu diuturnitatis cedrus*. [“louro da vitória, hera do talento poético, palmeira da justiça, cipreste da nobreza, oliveira da paz e da esmola, cedro da longa vida.”]

À intervenção oratória do padre Gaspar Luís segue-se uma cena dialogada, em 127 versos, cujas falas se repartem por três personagens alegóricas: Coimbra, a Guarda e a Sabedoria. Dado o carácter breve, e por vezes entrecortado, das falas, só se torna possível uma síntese muito perfunctória dos conteúdos das mesmas, que se cifram em: Coimbra manifestar o grande júbilo que sente com o regresso de alguém cuja aplicação ao estudo ela testemunhara por longos anos; a Guarda prantear a perda de um prelado tão virtuoso, conquanto se mostre resignada perante as determinações da vontade divina, sobretudo ao ter em consideração que parte da glória futura de D. Afonso redundará também em proveito seu: *nostris summum decus addite rebus*. [“lustre mais alto ajuntará à nossa terra”]; e a Sabedoria em afirmar que os méritos que sobressaem no antístite têm a sua origem nela mesma, que nele tornou real tudo quanto os poetas inventaram sobre os dotes intelectuais das personagens que glorificaram. Finaliza esta série com dois epigramas, de dois dísticos cada um, da autoria de anónimos alunos da turma, e nos quais um inegável engenho se demonstra às custas, mais uma vez, das nugas e jogos a que se presta o sobrenome Furtado.

7.3. Segue-se, na festiva receção oferecida pelo Colégio jesuíta de Coimbra ao novo bispo diocesano D. Afonso Furtado de Mendça, a intervenção a cargo da 2ª classe de retórica, cujo texto, todo ele em verso e pensado em termos de representação cénica, é da autoria do docente dessa turma, o lisboeta João da Rocha, que em 1623 embarcaria para Goa. Nos 25 versos hendecassílabos recitados pelo Prólogo, o poeta supõe de novo vindos à terra os tempos em que os deuses por ela andavam e em que o próprio Júpiter não se pejava de tomar humildes manjares oferecidos pelos camponeses: motivo pelo qual se roga ao bispo que não receba de má catadura a pobre acolhida que lhe dará a 2ª turma de retórica. Segue-se a conversa travada em verso, por três moços, acerca da recentíssima entrada do bispo na cidade. Na primeira, designada “Poema trágico”, em virtude do metro iâmbico utilizado, refere-se a grande alegria que inundou a cidade pela chegada do bispo, que a vem ressarcir da imensa pena que sentiu quando dali o levaram para Espanha, alguns anos atrás. Relatam-se as mani-

festações de júbilo com que a população o acolheu na banda de lá do rio, o seu aspeto afável e risonho, ao avançar debaixo de pálio. Os seus modos cativantes sugerem ao autor a comparação com o ímã. Faz-se depois referência a alguém que o 2º e 3º moços na véspera tinham encontrado, e que, após escrever, com as letras do nome do bispo, um anagrama, como tomado de poderes divinatórios, e dirigindo-se ao bispo, como se ele estivesse presente, proferiu um poema de tom panegírico, que o primeiro moço, que não assistira à cena, roga aos seus companheiros que lhe repitam, e que de facto irá constituir o “Poema heróico”, assim intitulado em razão dos hexâmetros em que foi composto.

Nos 58 versos por que se derrama esta parte estrutural, o vate, aqui tomado no seu sentido próprio de visionário ou profeta, começa por apresentar a situação anterior de Coimbra, como a de um rebanho triste, que erra choroso após a perda do pastor, até que o júbilo se apossa dele com a vinda do novo prelado. Dessa alegria deverá participar a própria natureza, incitando-se o rio, as veigas e os cumes a pularem e correrem em demonstração do júbilo que sentem. Apoando-se no anagrama que formara com o nome do bispo, e cuja primeira palavra era *Alfa*, desenvolve o vate as qualidades e virtudes que essa letra, e o seu fértil valor conotativo, com relativa facilidade poderiam sugerir: D. Afonso é o primeiro na contenção e na falta de ambição, como abundantemente demonstrara no decurso da sua prelatura em terras da Guarda, onde guardara valentemente as suas ovelhas contra os lobos rapaces, buscando e carregando aos ombros as que se tresmalhavam; esmoler com os pobres, chegava a passar estreitezas domésticas para aliviá-los nas suas necessidades; imune ao vício do nepotismo e clientelismo. De tudo isto é testemunha a Guarda e tudo isto o profeta afiança que há de suceder nos tempos vindouros em Coimbra.

A participação literária de João da Rocha encerra-se com uma composição poética breve, em doze elegantes dísticos elegíacos, nos quais se afirma que no novo bispo de Coimbra surgem redivivas as qualidades, méritos e virtudes de cinco antigos Padres da Igreja: Agostinho, Ambrósio, Jerónimo e Gregório o Grande, motivo para desejar-lhe uma vida de tantos anos quantos somam juntas as dos quatro.

7.4. De exclusivo teor poético e na vertente teatral é a contribuição da 5ª classe, de que na entrada da sala de aulas faz a apresentação o seu autor e responsável pela docência, o irmão Jerónimo Botelho, personagem acerca do qual nos confessamos inteiramente *in albis*. Um escolar, em dois dísticos elegíacos, saúda a entrada do bispo, assinalando como especialmente ven-

turoso o dia de tão desejada visita. Irá seguir-se a representação de uma espécie de esboço dramático, que compreende 153 versos de metros variados, em que intervêm como personagens o Ano 1616, a Primavera, o Verão, o Outono e o Inverno.

O Ano de 1616 inicia a representação expressando a sua alegria por a ele ter cabido a sorte de ter trazido de novo para Coimbra alguém que doze anos atrás dali partira. Contra a sorte se queixa a Primavera, pois deu-se durante a sua vigência o triste sucesso do falecimento do anterior bispo, D. Afonso de Castel-Branco, infelicidade de que ela acalentara a esperança de vir a consolar-se com a entrada do novo bispo ainda durante os meses do seu domínio, o que não acontecera, tudo dando visos de que a mofina continuaria a persegui-la. No mesmo sentido, da expressão do desgosto e desgano por a vinda ter-se verificado em quadra diversa da sua, é a fala do Verão, pesaroso por não poder mimosear D. Afonso com as acolhedoras e amenas sombras que para ele aparelhava nos lugares altos, nas ribas do rio e regatos e nos bosques que refrescavam a quinta de férias dos bispos coimbrãos.

Sentimento bem diverso é o do Outono, estação que então decorria, e que exprime ufano o júbilo de se dar por então a entrada do novo prelado, a quem de bom talante oferece os sazoados frutos da época: uvas, romãs, pêssegos, marmelos, apresentados em colmados açafates. Demonstrando tal ou qual descomedimento, justificado em parte pela imensidão da alegria, ridiculariza e lança em rosto às anteriores estações a pobreza dos seus dons, que o movem à gargalhada, que apenas o respeito o coíbe de então soltar. Chega enfim a vez do Inverno, que expressivamente se descreve e inquire do bispo se dele não se recorda, uma vez que eram vizinhos, quando ele assentava seus arraiais na Serra da Estrela, bem perto do poiso invernal do prelado egitanense, que deixava no Outono a sede da diocese, e esperava em Castelo Branco o fim da sação dos frios. Do mesmo passo que manifesta o seu desgosto pela perda da sua companhia, promete-lhe um mais numeroso rebanho e invernias menos adustas do que as que padecia na diocese que até então pastoreara.

A parte que se segue ganha alguma vivacidade dramática mercê dos sentimentos encontrados que opõem Primavera e Verão, de uma parte, e o Outono, por outra, e que resultam da altaneria e arrogância de que este último deu provas, ao ensoberbecer-se com a ventura que lhe coube de dar-se a entrada do bispo em Coimbra num dia de novembro, ou seja, um mês da sua alçada. Às queixas e apelos à razão da Primavera e Verão, o Outono mantém-se firme na sua ufanía e assaca a simples inveja as palavras dos oponentes. O Inverno acaba por intervir, manifestando a sua adesão ao

Outono, convicto de que os seus opositores estão de facto tomados de inveja. Perante o tom litigioso e agressivo que ia tomando o diálogo entre as quatro estações, o Ano 1616 decide impor a sua autoridade, cominando-lhes que cessem de brigar e proferir sandices, e incitando-as a entoar um hino de despedida ao bispo, augurando-lhe as maiores felicidades. Todas assentem com a sugestão, prometendo cada uma ao recém-empossado antístite os benefícios e prendas que em seus respetivos meses a natureza lhes concede, ou seja: felizes e sadios dias a Primavera; celeiros cheios e dias não muito calmosos o Verão; frutos sazoados e delicados e boa saúde o Outono; e, por derradeiro, o Inverno, à falta de melhor, compromete-se a manter as enfermidades bem apartadas de D. Afonso. No mesmo sentido da conservação da saúde se manifesta o Ano 1616, que reconhecendo os poucos dias que lhe restam de vida, mesmo assim proclama o seu cuidado e empenho em preservar a saúde.

7.5. Na visita que D. Afonso Furtado de Mendoça realizou ao Colégio dos jesuítas de Coimbra coube o último lugar nas públicas homenagens, prestadas sob a forma de apresentação de textos laudatórios em latim, à turma de gramática regida por um mestre, autor dos textos com que se conclui esta série, e que veio a incorrer no desagrado, para não lhe chamarmos sanha, dos seus antigos confrades, uma vez que no códice o seu nome se encontra expungido com bem vigorosos traços de tinta, de modo a inviabilizar totalmente a leitura.²⁴ A primeira parte desta série é ocupada por uma alocução preliminar na qual, depois de manifestar o regozijo por poder disfrutar durante alguns momentos da presença do bispo, que já conhecera como Reitor, o orador se interroga sobre a pertinência da sua presença, porquanto, conforme pergunta: que tem que ver a gramática com as musas? Mas na verdade, embora o seu mister lide com o passado, a mera presença de D. Afonso *furta* o anónimo latinista da consideração exclusiva do pretérito, que faz parte do seu ofício, para voltar-se para o aprazível presente.

Depois, a alusão à túnica de linho do sumo-sacerdote hebraico, que a presença do prelado lhe sugerira pelo seu poder de atrair os olhares de todos, sugere ao autor a dilatada descrição do brasão da família Mendoça, que nas suas partes constitutivas vai engenhosa e lisonjeiramente aplicando às qualidades que exornam D. Afonso. Lembra que os antigos romanos como

²⁴ Ocupámo-nos deste procedimento expedito de eliminação de autorias, conquanto conservando as produções, no capítulo intitulado “Vozes duplamente silenciadas. Vinte e três poemas latinos do códice 3308 da BNP”, que pode ler-se em PINTO, 2020: 9-59.

insígnia prestigiante aplicavam um raminho em que se entrançavam as folhas da palma, da oliveira e do loureiro, e confessa o seu propósito de mostrar como também esses símbolos se adequam à figura do homenageado e à sua linhagem, não menos do que as armas que acabara de descrever: de facto, avantajaram-se pelo sangue régio, pela intrepidez na guerra e pela singular sabedoria. Prossegue o discurso com a particularização, na pessoa do homenageado, dos primores genéticos, éticos e sócio-culturais que referira de modo geral.

E, assim, e em primeiro lugar, o novo bispo de Coimbra ajuntara em si as qualidades que fazem santos, entre as quais avulta a imensa liberalidade para com os pobres. Em segundo lugar, quem não admira nele o brio bélico? E, a este propósito, relembra-se o episódio do comando do esquadrão académico, à frente do qual acudiu a escorraçar os piratas ingleses desembarcados em Buarcos. Finalmente, e em vinculação com a simbólica folha de oliveira, a sabedoria realçava nele com tão luzentes quilates que obrigou o rei D. Filipe I de Portugal a nomeá-lo Reitor, exemplo seguido pelo seu filho, que o convidou para fazer parte, junto da corte em Castela, do Conselho de Estado de Portugal. Lisboa também pode testificar a sua prudência e saber, pois viu-o como presidente do tribunal da Mesa da Consciência e Ordens. Que prova mais cabal da sua ciência do que as *Constituições sinodais do bispado da Guarda*, que são obra exclusivamente sua? Quanto à sua presença na Guarda, ao orador só lhe ocorre aconselhar esta cidade a calar-se, uma vez que o *guardou* por mais tempo do que era justo. É que o lugar próprio para alguém como o bispo era o centro de Portugal, numa cidade como Coimbra, à qual ele era de novo restituído, e que não mais consentiria em dele se apartar, a não ser para ocupar mais dignos lugares, como seriam Braga, Lisboa e a púrpura cardinalícia, espécie de prognóstico que de facto se verificou, com a pequena mudança em relação à púrpura cardinalícia, que não obteve, mas se trocou pela correspondente profana, como detentor, de 1626 a 1630, do altíssimo cargo de membro do conselho de regência ou governador do reino, com equiparação a vice-rei.

À parte em prosa, seguiu-se uma breve representação cénica, que tem como interlocutores a Nobreza, Coimbra, a Companhia de Jesus e a Virtude, que todas à compita exaltam os merecimentos e virtudes do novo prelado, sem grandes novidades dentro do que podemos chamar “o cânone da lisonja”, aplicado a uma figura da alta jerarquia eclesiástica procedente de vetusta e gloriosa linhagem aristocrática. É de salientar, numa das falas da Companhia de Jesus, a alusão a favores e proteção que a corporação inaciana terá ficado a dever a D. Afonso, com o que certamente terá em

mente alguma intervenção especial, em circunstâncias que desconhecemos, quando do desempenho dos altos cargos políticos e judiciais a que já fizemos repetidas referências. Quase no final, e correspondendo ao desejo que a Virtude formula, almejando o impossível de novembro se volver em abril e desatar-se em violetas que o bispo pudesse pisar, verifica-se deveras a realização daquele retórico *adynaton*, e o nobre prelado, tal como a inteira assistência, vê a Nobreza juncar o chão de flores, enquanto a elas se dirige: *Vos, quibus hiberni uis temporis atra pepercit, / Pargo libens: triti melius fundetis odorem*. [“De bom grado vos esparzo, a vós que poupou o / negro e forte inverno; esmagadas melhor cheiro derramareis.”] E entre os gerais vivas destas figuras alegóricas se conclui a festiva recepção desta turma de gramática, com a qual supomos que também terminaria a visita de D. Afonso Furtado de Mendonça ao que seria então, além de noviciado jesuítico (correspondente ao Colégio de Jesus), o maior centro nacional do que, em linguagem moderna, poderíamos chamar de ensino secundário e preparatório para o superior (o Colégio das Artes).

8. Os Autores

8.1. Apolinar de Almeida nasceu em Lisboa, em 22 de julho de 1587,²⁵ entrou no noviciado da Companhia de Jesus na sua cidade natal a 5 de novembro de 1601 e concluiu esta fase do seu tirocínio religioso em Évora, aqui ensinando humanidades por seis anos. Participa, mediante composições literárias em latim, na homenagem com que a Companhia, em 6 de dezembro de 1611, saudou a entrada em Évora do novo arcebispo, D. José de Melo: a coletânea manuscrita que recolhe estas peças literárias designa-o como mestre da primeira classe.²⁶ Da capital alentejana foi enviado para o Colégio de Coimbra, onde lecionou as duas classes de retórica, matéria para a qual a natureza e o estudo especialmente o habilitavam, conforme assevera o indelével testemunho do P. Baltasar Teles, que foi seu aluno:²⁷

²⁵ Como facilmente se compreende, aqui apenas registámos os elementos biográficos pertinentes para o ponto de vista (literário, na vertente humanística) a que obedece a nossa abordagem destes autores. Uma mais completa visão do percurso humano e religioso de Apolinar de Almeida pode resultar da consulta das seguintes obras: O’ NEILL, 2001; FRANCO, 1714: 278-295; MARTÍNEZ, 2015; PENNEC, 2003; SANTOS, 2000: 63-67.

²⁶ Veja-se o códice CXIV / 1-23 da Biblioteca Pública de Évora.

²⁷ “Ó felicíssimo padre Apolinar de Almeida! Confesso que muitas vezes vos vi honrando as cadeiras das primeiras classes das duas universidades de Coimbra e de Évora.” Vd. TELES, 1660: 617.

“Na arte da eloquência e nas leis da retórica foi tão insigne que por três anos contínuos teve a oração da Rainha Santa Isabel (...) e havia muitas rezões pera ele contentar muito, porque a voz, o tom, a língua, a prática, tudo parecia de ouro. Na poesia latina foi tão sublime que bem merecia não só ser coroado com a lira vencedora, mas também podia levar a láurea de Apolo, a quem não só representava em o nome de Apolinar, mas na suavidade da eloquência.”

Passou depois ao Colégio de Santo Antão, no qual leu filosofia, donde foi promovido à cátedra de Escritura na Universidade eborense, cadeira em que obteve o grau de Doutor em Teologia a 19 de junho de 1624, prosseguindo aqui a sua carreira docente, até que em 1628 foi eleito bispo de Niceia, com a finalidade de vir a suceder, nas missões jesuítas da Etiópia, ao patriarca Afonso Mendes. Depois de sagrado bispo pelo arcebispo de Évora, dirigiu-se para Lisboa, donde, em 1629, zarpou com destino a Goa, cidade a que chegou a 21 de outubro do mesmo ano. Na capital da Índia portuguesa, que então se encontrava *sede vacante*, ainda sagrou como bispo de Hierápolis ao seu confrade, de que à frente nos ocuparemos, João Rocha, antes de embarcar, em 1630, para a Etiópia, destino que alcança ainda dentro deste ano. Após oito acidentados anos de missionação em terras da Etiópia, Apolinar de Almeida acaba por padecer, em 14 de junho de 1638, juntamente com dois outros missionários, cruel morte às mãos da população enfurecida e acirrada pelos dirigentes religiosos locais, avessos à intromissão do catolicismo romano na sua forma tradicional de cristianismo.

Durante a sua vida publicou-se, como única produção literária da sua autoria até hoje impressa, um opúsculo de 20 pp., impresso por Mateus Pinheiro, em Lisboa, no ano de 1629, intitulado

Festa e demonstração de alegria, que fez a nação francesa, residente na cidade de Lisboa, pela tomada d’ Arrochella e gloriosa vitória del-rei Cristianíssimo Luís XIII, o Justo. Sermão que nela pregou o reverendíssimo Senhor D. Apolinar de Almeida, da Companhia de Jesus, bispo de Niceia, coadjutor e futuro sucessor do patriarca de Etiópia, aos 17 de Dezembro de 1628. Dedicado pola mesma nação francesa ao rei Cristianíssimo.

Depois de uma dedicatória ao rei de França, que ocupa uma página e pouco, e subscrita pelos *franceses de Lisboa*, segue-se em 16 páginas o sermão do nosso Autor, de estilo vigoroso e ágil, truculento por vezes, e com

saborosos ressaibos do vívido linguajar popular.²⁸ Em relação às três celebrações *orationes* dedicadas à Rainha Santa, que em anos sucessivos pronunciou em Coimbra e de cuja fama se faz eco Barbosa Machado no artigo consagrado ao nosso Autor, apenas conhecemos a pronunciada em 1614, a qual ocupa os fólhos 112 a 119 do mesmo códice coimbrão 994 em que se encontram as composições objeto do presente trabalho. É de facto obra notável, pela força oratória, inspiração e grande erudição histórica.²⁹ Igualmente neste códice, e ocupando os fólhos 166 a 169vº, encontra-se uma mais ou menos longa mostra do engenho poético-dramático do futuro mártir da Abíssinia: *Dialogismus ad praemia diuidenda*, destinada, como pelo título se vê, a ser posta em cena na cerimónia de distribuição dos prémios escolares de 1616.

8.2. Gaspar Luís era alentejano, de Portel, onde nasceu ao redor de 1586.³⁰ Ingressou na Companhia de Jesus em Évora, a 15 de maio de 1602, cidade onde também se ordenou de padre, depois de estudos de humanidades e de teologia, que compaginou com a docência do latim em Braga, Lisboa e Évora. Em 1616 vamos encontrá-lo *magister primarius* no Colégio de Coimbra, aqui permanecendo como docente até partir para a Índia, na nau *Santo Amaro*, saída de Lisboa em 16 de abril de 1618. De Goa é enviado para Macau, cidade onde no 1º de novembro de 1619 redige a carta anual referente ao Japão. Em 1624 chega às missões do sul do mar da China, no território designado então por Cochinchina, onde permanece até 1638, dali escrevendo para o Geral em Roma as cartas anuais daquela missão corres-

²⁸ Sirvam como exemplo: “Tornou-a Deus em sal, pondo-lho a todos na moleira” (f. 2); “pera como touro ser corrido, agarrochado com festa de apupadas, atabales e charamelas” (f. 2v); “e pera significar que algum lugar era rebelde e obstinado em seus males, lhe chamávamos *arrochela*” (f. 2v); “tanto que nela meteu pé a heregia e os vícios a tropel” (f. 3); “porém a la una gritam os profetas” (p. 4v); “aconteceu estarem duas crianças num leito: um acabou de pura fome, outro por não acabar de todo se enviou como cachorro aos dedos do minino defunto, e lhos comeu e roeu” (5v).

²⁹ Fizemos a tradução e a transcrição do texto latino, que, como tantos outros trabalhos nossos, fica à espera de que algum generoso hospedeiro se afoite a dar acolhida a estas velharias, que hoje não parecem interessar nem mesmo àquelas instituições a que esses esquecidos autores tanta glória deram no passado.

³⁰ Para a elaboração desta breve nota recorremos: a SCHÜTTE, 1975, sobretudo p. 1220; à entrada que MACHADO, 1752, consagra a este Autor, cuja data de falecimento erra; ao brilhante e muito bem documentado livro LOURENÇO, 2016: no que tange aos conflitos que suscitou em Macau a ação, ao que parece o seu tanto indiscreta, do Padre Gaspar Luís como comissário do Santo Ofício vejamos sobretudo 244-247, 251-262 e 265-274. – Cumpre-nos deixar aqui exarado o testemunho da mais sincera gratidão pela gentileza com que o Professor Lourenço nos enviou não apenas cópia deste seu precioso trabalho académico, mas também de material manuscrito de grande valor, como é o caso das reproduções dos originais de todas as cartas anuais de Gaspar Luís conservadas nos arquivos romanos da Companhia de Jesus, e incrivelmente até hoje ainda não publicadas.

pondentes aos anos de 1625 a 1627, 1629 a 1631 e 1634 a 1635. Em Macau, onde se encontra desde 1638, serve os cargos de reitor do Colégio de S. Paulo, vice-provincial do Japão e de comissário do Santo Ofício, no desempenho do qual entra em violentíssimo conflito com o governador do bispado. De janeiro a junho de 1641 visita a missão de Tonquim. Em 2 de fevereiro 1642 embarca para Goa, havendo sido nomeado em final deste ano visitador das missões do Japão e da China, cargo de que não chega a tomar posse, mantendo-se na região de Goa até à sua morte, que ocorreu certamente entre novembro de 1647 e a redação do catálogo dos jesuítas do Japão de 1648 (província da qual ele era professor), uma vez que o de daquele ano e mês ainda o dá como residente em Rachol.

Algumas das cartas anuais escritas do oriente pelo Padre Gaspar Luís viram, ainda em sua vida, a luz da publicidade, traduzidas para o italiano e, a partir deste idioma, é possível que para outros. Temos conhecimento direto: a) das duas *lettere annue di Goa, scritte dai Padri dalla Compagnia di Gesù al molto R. P. Mutio Vitelleschi Generale l' anno 1618 e 1619*, estando ambas datadas de Goa e ocupando a 1ª as pp. 94 a 109 e a 2ª as pp. 110 a 137 do volume *Lettere annue del Giappone, China, Goa et Ethiopia scritte (...) negli anni 1617, 1618, 1619. Volgarizati dal P. Lorenzo delle Pozze*, Nápoles, P. Lazaro Scoriggio, 1621; b) da carta anual da Cochinchina, escrita pelo Padre Gaspar Luís por incumbência do padre Visitador, datada de Macau, aos 17 de dezembro de 1621, que pode ler-se nas pp. 97-118 do livro *Lettere annue d' Etiopia, Malabar, Brasil. Dall' anno 1620 fin' al 1624*, Roma, per Francesco Corbelletti, 1627. No ARSI encontram-se os originais manuscritos, em latim a primeira e todas as outras em português, e algumas segundas vias em espanhol, de oito cartas anuais da Cochinchina, escritas *in loco* pelo mesmo padre, relativas ao período de tempo que vai de 1625 a 1635.

8.3. Não são muito abundantes as informações impressas que os historiadores da Companhia de Jesus clássicos oferecem acerca do seu confrade João da Rocha. Lendo o capítulo que lhe consagrou o também seu confrade, mas nosso contemporâneo, Ángel Santos Hernández,³¹ que consultou os arquivos romanos da corporação, bibliografia especializada sobre as missões orientais e etíopicas e a documentação coeva, fica-se com a impressão, que de resto ele mesmo partilha, de que se trata de um silêncio intencional, *como queriendo dejarlo en plena oscuridad*. É certo que o Padre António Franco, sempre tão minudencioso e com facilidade de acesso aos arquivos nacionais

³¹ Vd. SANTOS, 2000: 59-63.

da sua congregação, consagrando escassíssimas linhas a João da Rocha, e a outros dois jesuítas que também foram bispos (Diogo Valente e Gaspar Afonso), apresenta a seguinte escusa, em boa verdade pouco convincente:

De his tribus episcopis nihil praeter nomina uenit in manus meas. Cum tamen res sit extra dubium eos micuisse egregiis uirtutibus, cum non soleat nostra Societas ad sacras infulas nominare nisi praestantissimos. Eorum nomina huc adiungam ut excitent alios scriptores qui nouerint iterum gestas ad ipsas luci publicae commendandas. ["Em relação a estes três bispos nada mais além do nome chegou ao meu conhecimento. É todavia um facto indubitável que eles se notabilizaram pelas mais singulares virtudes, uma vez que a nossa Companhia não costuma designar para o episcopado senão os mais capazes. Colocarei aqui os seus nomes para que incitem outros escritores que conhecerem os seus feitos a entregá-los de novo à luz da publicidade."]32

Com o propósito de traçar uma breve nota biográfica deste Autor, conjugaremos as informações sobretudo de Barbosa Machado com as do Padre Ángel Gonzáles. Sabe-se que João da Rocha era natural de Lisboa, tendo entrado no noviciado da Companhia de Jesus na sua cidade natal a 25 de janeiro de 1603. Prosseguiu os estudos de humanidades e teologia em Coimbra, pelo menos a partir de 1606. Em 1610 o catálogo enviado para Roma apresenta-o como professor de humanidades, situação a que também alude o de 1614, que acrescenta a sua situação de terceiranista de teologia. Como se colige do seu texto aqui traduzido, em novembro de 1616 era responsável por uma turma de retórica. Três anos depois, já com o grau de mestre em Artes, aparece como docente do primeiro curso de filosofia, mantendo-se na capital alentejana, "explicando o 4º ano como mestre de curso". Durante este ano é nomeado como segundo bispo coadjutor, com o título de Hierápolis, do patriarca Afonso Mendes, destinado à Etiópia, não chegando porém a ser sagrado, aparentemente *quod facultas a Pontifice non peruenisset*. ["Porque a autorização do Papa não tinha chegado."]33 A 12 de março do ano seguinte, parte, em companhia de D. Afonso Mendes, para Goa, cidade onde, muito estranhamente, irá permanecer e onde é finalmente sagrado bispo seis anos mais tarde, quando, conforme atrás

32 FRANCO, 1720: 500.

33 FRANCO, 1726: 237.

escrevemos, aí chega o seu confrade Apolinar de Almeida, a quem tão-pouco acompanha na sua jornada para a Etiópia, missão para a qual Rocha em Portugal fora destinado. Encontrando-se em *sede vacante* a arquidiocese de Goa, João da Rocha desempenhou funções de governador da mesma, envolvendo-se em graves conflitos com o cabido, sobre os quais existe abundante documentação nos ANTT.³⁴ Em 20 de Agosto de 1633 tomou posse como deputado da Inquisição de Goa, cidade em que morreu a 20 de julho de 1639, sendo manifesto que não são poucas as irregularidades, demasias e desobediências que, salva mais bem fundada opinião, tisnaram a sua imagem de religioso a partir da sua nomeação para o episcopado, e que de sobejo justificam o silêncio a que o seu nome foi votado.

Inegável, no entanto, foi o prestígio que rodeou algumas das suas obras literárias, escritas ainda em Portugal e nas quais sobretudo avultou a sua vocação para o género dramático. A sua tragicomédia *Nabucodonor*,³⁵ em palavras de Barbosa Machado, “mereceu o aplauso de todos” e, segundo testemunho de António Franco, mais de um século depois da primeira representação, a peça de João da Rocha ainda era lida nas salas de aula: *Conimbricæ theatro induxit tragoediam, cum migrauimus ad noua gymnasia, quae modo sunt usui nostris praeceptoribus*. [“Fez representar em Coimbra uma tragédia, quando nos mudámos para as novas escolas, de que os nossos professores ainda se servem.”]³⁶ No códice 994, além da sua intervenção nesta homenagem ao novo bispo, encontram-se um discurso consagrado à Rainha Santa (*De Elisabetha sanctissima Lusitanorum regina oratio panegyrica*, fólhos 130-135vº), uma *Ecloga cui nomen Marsyas*,³⁷ nos fólhos 170-178, e a *Tragicomedia Daniel sapiens honestatus*, que se estende pelos fólhos 180 a 207, representada em abril de 1616.³⁸ Em vida, ao que conseguimos apurar, da sua autoria saiu apenas impressa um elegante *Queixume* poético, escrito já em Goa

³⁴ Cota: Armário Jesuítico, livro 12 – Amável informação que devemos e publicamente agradecemos ao Professor Miguel Rodrigues Lourenço, da Universidade Nova de Lisboa.

³⁵ Não conhecemos o paradeiro desta peça, se de facto ela existiu com esta autoria, e não pomos de parte a possibilidade de tratar-se de confusão que MACHADO, 1752, pretendendo escrever *Tragicomedia Daniel*, fez com o título da obra desse nome, representada em Évora em 1576, diante do cardeal-infante D. Henrique, e cujo texto manuscrito, sem indicação de nome de autor, se encontra na Biblioteca Pública de Évora.

³⁶ FRANCO, 1726: 237.

³⁷ O estudioso FRÈCHES, 1964: 458-466, ocupa-se da descrição e análise deste texto dramático, que inclui na categoria das “pastorais” e caracteriza como *une pièce agréable, légère, divertissante*.

³⁸ FRÈCHES, 1964: 434-447, faz o circunstanciado resumo, interpretação e comentário desta peça de tema bíblico.

e enviado para Portugal, para figurar na homenagem poética com que os mais inspirados vates da Companhia celebraram um dos seus mais ilustres confrades, o Padre Francisco de Mendoça, que inesperadamente falecera em Lyon, em junho de 1626. Esta poética consagração figura nas primeiras páginas de um livro póstumo em que se reuniram inúmeros inéditos do falecido teólogo e pregador, dado à luz da publicidade na cidade em que morrera, sob o título sugestivo de *Viridarium*, ou *Vergel*. Ali, os trinta e três dísticos elegíacos, de bem urdida fatura, do nosso Autor podem ler-se nas pp. 15v-15r. Por nós transcritos e traduzidos pode o leitor encontrá-los no final deste trabalho, como *Âpendice 2*, para de certa forma ressarcir o Autor da menos nutrida participação com que colaborou na homenagem ao bispo D. Afonso.

8.4 e 5. Em relação aos autores das duas últimas partes da homenagem literária prestada pelo Colégio jesuíta de Coimbra a D. Afonso Furtado de Mendoça, e que corresponderiam às turmas menos adiantadas nos estudos humanísticos, já atrás dissemos que estamos diante de duas incógnitas, uma vez que, sobre o irmão Jerónimo Botelho nada conseguimos apurar e, em relação ao autor dos textos apresentados em último lugar, o seu nome foi expedita e impiedosamente apagado a riscos de tinta, muito provavelmente por a Companhia o ter rechaçado por motivos talvez pouco abonatórios da sua idoneidade moral.

Considerações finais

A feliz sobrevivência de estas cinco séries de composições, da autoria dos encarregados da docência dos cinco diferentes níveis ou classes inferiores que integravam os Colégios jesuítas de Coimbra, destinadas a honrar a visita do novo bispo diocesano às instalações escolares, ofereceu-nos a oportunidade de conhecer uma das formas mediante as quais a pedagogia inaciana promovia a criação literária, quer no género oratório, quer na poesia, que se apresentava muitas vezes sob a forma de peças teatrais ou, como é o caso presente, de esboços dramáticos de intriga rudimentar e finalidade sobretudo laudatória da figura do ilustre visitante. Deu-se aqui a curiosa circunstância de que três dos Autores, cujos merecimentos como homens de letras e latinistas não se revelam nada dispiciendos, vieram a ter, embora em graus diferentes, certo protagonismo na história das missões jesuíticas e até da Igreja católica, com experiências vitais muito diferentes das “amenidades” beletrísticas para que os pendores naturais mais aparentemente

pareciam fadá-los: desde um Apolinar de Almeida, bispo mártir na Abissínia, a um Gaspar Luís, pioneiro das missões no Vietname, passando por um João da Rocha, envolvido em violentas intrigas e querelas com o cabido goês, vemos aqui uma pequena amostra das quase incríveis “variedades de Proteu” a que podia estar sujeita a existência de um português da época da expansão ultramarina, mesmo tratando-se de um pacato mestre de latim, afeto às musas e alistado nas fileiras imbeles de uma corporação religiosa.

Na transcrição dos textos latinos seguimos as regras filológicas correntes nesta espécie de trabalhos. Atualizámos e uniformizámos a ortografia e pontuação dos textos antigos em vernáculo, respeitando sempre as muito raras especificidades em que a fonética do português do século XVII divergia da atual. No caso especial do último sobrenome do bispo objeto das composições aqui traduzidas, respeitámos a forma sob a qual as mais das vezes aparece grafado, ou seja, *Mendoça*, sem o *n* epentético que a pronúncia popular nele veio a introduzir.

TRADUÇÕES

Código 994 da BGUC

[136]

Pronunciada pelo Padre Apolinar de Almeida

Alocução com que foi recebido o Senhor D. Afonso Furtado de Mendonça no mês de Novembro de 1616 no público auditório de Coimbra

Quando no oriente foi subjugado o cruelíssimo Cunhale, inimigo de Portugal, graças à chefia, prudência e coragem do nunca vencido general, raio da guerra, glória imorredoura da pátria, os laureados soldados cantaram, com toada harmoniosa, ao sobrenome Furtado do vitorioso capitão, um mui jubiloso hino,³⁹ não se fazendo acompanhar, frouxos e efeminados, nem pela cítara e plectro, nem pelos sistros egípcios, de quando se passou o Mar Vermelho, nem pelos feminis tamborins das moças palestinas após a morte do gigante, mas sim, e virilmente, pelas trompas, recurvas trombetas e clarins. Era o seguinte o sentido do mesmo: “A terra pediu ao céu um chefe, mas, receando uma recusa, furtou-o.” Ó dourada sentença, ó áureo cantar, ó música marcial que melodiosamente cumpre repetir-se com cadências de Alceu, com a lira de Aquiles, com a cítara de Aríon, com as vozes das musas, com a cítara de Mercúrio e com a ebúrnea lira de Apolo: e que nos apraz mais uma vez repetir: “Para que a terra não pedisse ao céu nem tivesse de suportar uma recusa, atreveu-se a furtar com certa violência aos astros este chefe.”

³⁹ Referência a André Furtado de Mendonça (1558-1610), célebre herói da gesta portuguesa na Índia, primo do bispo destinatário da *oratio*, e à retumbante vitória que, em 1600, alcançou sobre o corsário Cunhale Marcá: “aquela admirável e famosa vitória que alcançastes do tirano Cunhale, cuja potência tinha assombrado este Estado, ganhando-lhe vós, Senhor, tantos fortes, tantas tranqueiras, tantos baluartes e tantas outras máquinas que se faziam impossíveis aos homens até se vos entregar e virdes triunfando dele até esta cidade”, Diogo do Couto, *Fala que fez Diogo do Couto (...) em nome da Câmara de Goa a André Furtado de Mendoça, entrando por governador da Índia, em sucessão do conde da Feira D. João Pereira*, Lisboa, Vicente Álvares, 1610, [p. 4r], não numerado. Veja-se também, sobre o mesmo celebrado caudilho luso, a notável peça oratória que nas suas exéquias solenes pronunciou frei António Gouveia, *Sermão nas exéquias de Afonso Furtado de Mendoça, governador que foi da Índia no convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa anno Domini 1610*, Lisboa, por Vicente Álvares, 1611: o qual, com referência à prisão do façanhoso pirata indiano, diz o seguinte: “aquele terrível cossairo e pernicioso inimigo Cunhale Marcá, que, qual outro Golias, parece que nasceu pera castigo e afronta dos exércitos fiéis, mas esta pedra duríssima o derribou a seus pés e, posto a banco em sua galé, restituiu o crédito aos portugueses”, p. 19 do opúsculo sem paginação.

*É possível que alguém, para mais o céu, se arroje a tamanha impiedade?*⁴⁰ Que haja tão grande inveja nos habitantes do empíreo que não queiram, por breve prazo, para uma campanha árdua e difícil, ceder pelo menos por empréstimo o ilustre general? Avançai, esquadrões lusitanos, jovens de escol, de imediato o ataque se lança contra o céu, lançai-vos, arrebatadi e furtai, para com um tal comandante expungirdes qualquer nódoa de uma sorte avessa e abundantemente pagardes na mesma moeda. E quem é que, no próprio limiar e na própria soleira, mal havendo saudado tão ilustre hóspede, logo de seguida me arrebatando em súbito redemoinho, mais veloz que o Pégaso me transportou até aos sequiosos indianos, que longe de nós vivem no Oriente, perto dos golfos do oceano e do berço do sol, até às costas do Malabar e região de Calecute? A tempo me acudiu à memória que há um Furtado no nascente e outro no poente. Não é mister um adivinho, que se retirem os pitões e os arúspices: perante os vossos olhos e rostos encontra-se postado este Furtado. Olhai-o, contemplai-o, venerai-o: facilmente me perdoais e mui facilmente me relevareis o extemporâneo e inesperado entusiasmo oratório.

Oh roubadora Coimbra, oh cidade furtadora e ardilosa: *não foram tão pichosas as mãos de Autólico*,⁴¹ nem tão manhoso o engenho de Mercúrio, nem tão aduncas as unhas do febeu corvo, nem tão recurvas para roubar as garras do pagem de Jove. Aplicar-te-ei um novo nome, ou antes, com toda a justiça chamar-te-ei e cobrir-te-ei com nomes: acelera-te, arrebatadi os despojos, apressa-te a roubar os despojos. Para que alguém não me chame iníquo nem me acuse de caluniador, avivai um pouco a memória e ponderai com toda a justiça o peso das razões, porquanto a própria localização da vossa cidade não parece que resultou de artifício humano, mas dá visos que Deus ótimo máximo a fundou para estas generosas presas. Erguendo-se de uma banda e de outra benignamente, a toda a volta se oferece aos olhos uma ampla perspectiva e encontra-se rodeada por vales acomodados para a emboscada; não se acha longe do mar; além disso, o rio Mondego corre aos seus pés, com ligeiras chalupas para célere navegação, e nas campinas vagueiam manadas de éguas muitíssimo velozes, tais como nem o Epiro gerou nem Micenas, tais como não viu Élide no pó e carreiras dos olímpicos jogos.

⁴⁰ Cf. Virgílio, *Écloga* 9, v. 17: *Heu! Cadit in quemquam tantum scelus?*

⁴¹ Cf. Marcial, 8. 59. 4: *Non fuit Autolyxi tam piceata manus*. – A lição hoje mais corrente adota *piperata* em vez de *piceata*, que traduzimos por “pichosa”, no sentido de untado com pez, ou seja, neste contexto, “ratoneira, rapace, ladra”.

Na triste e calamitosa expedição de África o nobilíssimo D. Manuel de Meneses, egrégio bispo, morreu cumprindo gloriosamente o seu dever.⁴² Tratava-se de escolher sucessor: a quem coube em sorte esta cidade? Coube em sorte? Digo pouco: quem pediu ela? Pediu: ou antes, a quem escolheu ela? Ora, escolheu quem quis e designou, e, depois de Gaspar do Casal,⁴³ bispo de Leiria, como se dentro das fronteiras do reino nenhum lhe tivesse agradado, nenhum cabalmente satisfizesse os seus desejos, transpondo as raias de Portugal, para além do promontório da Lua, junto ao de Sagres na direção do mediterrâneo, do reino do Algarve escolheu como presa o pastor D. Afonso de Castel-Branco,⁴⁴ varão [vº] de suma perfeição, e, depois de escolhido, venturosamente o possuiu por muito tempo. Este, ao ser transferido para melhores prémios, com que tinham jus a ser recompensados os seus merecimentos e o harmonioso conjunto das suas virtudes, deixou vazio o paço, abandonou o lar e a morada e, às próprias paredes, mergulhadas em silêncio e soltando suspiros, deixou-as chorosas devido à ausência do amo.

Mal Coimbra acabara de enxugar as lágrimas, limpa a vista, firma o seu penetrantíssimo olhar, desembaraça as mãos e, conforme o costume, prepara-as para a venturosa rapina. Os poetas disseram que a águia era servidora de Júpiter, senhor do raio, porque teve a experiência da sua lealdade no fingido rapto de Ganimedes, que teve como finalidade que este ficasse como copeiro e escanção junto às mesas e, por causa do seu ofício, provasse primeiro o néctar e a ambrosia. E, assim, voando com velozes plumas por cima de extensas nuvens, *na própria base do éter e cimo das tempestades, com as asas desfraldadas e os incessantes movimentos das penas dirigindo-se para onde lhe apraz, da cauda se servindo como de pequeno leme*; em seguida, *por breve trecho fica indecisa, com o voo suspenso quase no mesmo lugar, tudo esquadrinhando de longe*, arrebatou pelos ares mais rápido do que o dizê-lo, não o *imprevidente cordeiro* nem o bode que nos prados pula nem a *tímida lebre*,⁴⁵ mas o régio mocinho, que com o dardo perseguia correndo os velozes gamos da frondosa Ida.

⁴² Bispo de Coimbra de 1573 a 4 de agosto de 1578, data da sua morte, combatendo em Alcácer Quibir.

⁴³ Bispo de Coimbra de 1579 a 1584.

⁴⁴ Bispo de Coimbra de 1585 a 12 de maio de 1615, data do seu decesso.

⁴⁵ Cf. Apuleio, *Florida* 2: *Aquila (...) in ipso solo aetheris et fastigio hiemis (...) uelificatas alas quo libuit aduertens modico caudae gubernaculo, inde cuncta despiciens (...) indefessa remigia ac paulisper cunctabundo uolatu paene eodem loco pendula (...) uel agnum incuriosum uel leporem meticulosum*.

Apartai-vos daqui, sonhos delirantes dos vates, apartai-vos, contos de velhas, frioleiras da mentirosa Grécia, mais vãs do que a fumaça e a neblina. A vossa cidade, fundada por Hércules,⁴⁶ é mais veloz, mais forte e de visão mais penetrante do que qualquer águia: com empenho procurou um refrigerio apropriado para o desolado paço, um amo digno do palácio, um patrono e pastor digno de tão grande número de vilas e gentes; agarrou o que procurava; ao que agarrou sem detença o levou para casa, rica e ufana com o afortunado lanço e o nobre furto.

“Oh aformosentadas palavras de orador!”, objetará algum lívido invejoso remordendo-se de raiva, “oh palavras arrebitadas e vãs, oh panegírico inchado de balofas frioleiras! Oh frágeis adereços de uma falsa glória! De facto, segundo parece, ou como as pérolas e aljófares que se extraem dos recessos do oceano reluzentes com seu verde manto, ou como o fino oiro que se tira das entranhas e profundas da terra, ou como vindo das selvas do Brasil e dos redolentes bosques de Ceilão que tressuam bálsamo, ou como estes áureos frutos colhidos nos jardins das Hespérides, ou como estas púrpuras originárias dos *britanos do mundo nosso inteiramente apartados*,⁴⁷ ou este oiro e prata trazido das minas de Abissínia e Sofala, este novo pastor e patrono deve ser tomado e arrancado dos *morinos, os últimos dos homens*,⁴⁸ e levado para os campos de Hércules. Depois de Meneses, de Casal e de Castel-Branco, que resta, senão que este terceiro caia trazido do céu?”

Oh maldizente e raivoso zombador, desatinado e vesânico! Oh monstro, ó fúria desatada! Só tu és capaz de com enganoso te opor à justiça, só tu és capaz de sem pejo denegrir a verdade, só tu és capaz de desacreditares as minhas palavras, de excitar o ódio contra quem está a discursar e, sendo mentiroso, o acusares de mentira! Oh língua viperina que é necessário arrancar de raiz das gargantas: cala-te e fica mais mudo do que um peixe, ó tu que és *a mais vil de todas as criaturas com duas pernas*.⁴⁹ Do céu, repito-o, do céu, dos astros caiu este novo pastor, para juntar os rebanhos dispersos e desgarrados, para os apascentar e proteger. Associais-vos a mim, silêncio-

⁴⁶ Veja-se, sobre o tema da mítica fundação de Coimbra por Hércules, de Américo Costa Ramalho, a “Nótula sobre o brasão de Coimbra”, capítulo de *Para a história do Humanismo em Portugal III*, Lisboa, INCM, 1998, pp. 117-124. Para uma percepção das implicações do mito de Hércules na configuração da ideologia nacionalista, que teve em frei Bernardo de Brito o máximo corifeu, recomenda-se o artigo de José Sílvio Moreira Fernandes, “Estrutura e função do mito de Hércules na *Monarquia Lusitana* de Bernardo de Brito”, *Ágora. Estudos clássicos em debate* 9 (2007), pp. 119-150.

⁴⁷ Cf. Virgílio, *Écloga* 1. 66: *Et penitus toto diuisos orbe Britannos*.

⁴⁸ Cf. Virgílio, *Eneida* 8. 727: *Extremique hominum Morini*.

⁴⁹ Cf. Plínio o Moço, *Cartas* 1. 5. 14: *Regulus, omnium bipedum nequissimus*.

sos ouvintes; associais-vos e dais a vossa mais plena aprovação. Isso asseveraram os nobres; isso afirmam as comunidades religiosas; isso dizem todos os colégios da cidade; isso confirma este nosso, ou antes, este teu (ó bispo, que de entre milhares és o melhor); isso o confessam os plebeus; isso o proclamam os pobres: e todos juntos à porfia são unânimes em assentir à mesma opinião.

Logo que aqui se anunciou que estavas para entrar no território da nossa cidade (deixo de lado as restantes demonstrações de alegria que se fizeram), espalhou-se entre os mendigos e pobres uma voz unânime, a fim de, divididos por classes, acolherem com todas as honras fora da cidade o geral refrigério da pobreza, o remédio público das misérias e o protetor e pai comum. Por conseguinte, se o reino celeste aos pobres não foi prometido, mas dado, se [137] a indigência é engenhosa para explorar, se a pobreza tem asas ajeitadas para com elas mui facilmente voar para o empíreo: o prelado deve ser arrancado do céu não mediante cânticos mágicos, mas graças à defesa dos pobres, e deve ser pedido com as rogativas gerais e obtido com as preces de todos ou, depois de desferir-se uma arremetida, deve ser violentamente arrebatado. Os pobres, fracos e esfaimados, vivamente desejaram, obtiveram e arrebataram: de facto, as aves, que a natureza dotou de bico e garras para a rapina, tanto mais se apreciam, quanto mais esfomeadas se encontram; aos cães, que a natureza aparelhou para caçar, fê-los magros, esgalgados e descarnados, a fim de que a mesma fome e privações mais vivamente os aticassem, a falta de comida mais velozmente os impelisse e a necessidade mais brevemente os ensinasse.

A antiguidade celebrou sem comedimento com os harmoniosos cantos dos poetas a extraordinária expedição naval dos argonautas, na qual Jasão partiu para se apoderar do velo de ouro, e fabulosamente imaginou que a própria nau Argo fazia parte do número das estrelas. Consultados acerca deste assunto, os mitólogos respondem dizendo que Jasão navegou para arrebatrar a riqueza dos citas, porque *se dizia que não longe do monte Cáucaso alguns rios nas suas águas caudalosas arrastavam ouro, que os citas costumavam recolher em tábuas furadas e em peles com lâ*.⁵⁰ Tendes bem presente que certo autor mui sensatamente chamou *ricos às ovelhas, carregadas de pelo de oiro*.⁵¹ De bom grado chamarei Jasão a Coimbra, que se

⁵⁰ Cf. Natale Conti, *Mythologiae (...) libri decem*, Coloniae Allobrogum, excudebat Samuel Crispinus, 1612, p. 592: *non procul (...) excipere mos fuit*. A transcrição feita pelo orador é literal.

⁵¹ Penso que o autor teve presente o seguinte passo da tradução que Erasmo fez da *exhortatio ad artium liberalium studium*, de Galeno: *Praeclare igitur Demosthenes ac Diogenes, quorum alter diuites indoctos appellauit oues onustas aureo uellere (...)*. [“Por isso expressaram-se muito bem Demóstenes e Diógenes, o primeiro dos quais chamou *ricos ignorantes às ovelhas, carregadas de peles de oiro*.”] Erasmo, *Opera omnia*, Leyden, Petrus Vndera, tomo I, 1703, col. 1051.

atreveu a arrebatar um tão opulento furto de velo de oiro e de pastor, pois não se afastará do alvo quem chamar ao integérrimo, sapientíssimo e generoso antístite áureo velo, que resplandece não com vaidoso brilho, mas derramando-se pelas peles das suas ovelhas. Com as tábuas furadas se recolhiam as limalhas de oiro dos rios, com as mãos furadas espalha generosamente todas as riquezas que obtém, e espalharia pelos pobres os tesouros de Creso e Dario e os montes de oiro dos Persas. E, em relação a isto, no que acima de tudo se avantajou, em minha opinião, foi em que não era preciso pedirem-lhe: isto o comprovam os que caminhavam ao longo das estradas, aos quais liberal e espontaneamente distribuía pequenas dádivas, que quase com amável violência obrigava que aceitassem.

Não era esta matéria para ser tocada com brevidade e de passagem; cumpria aqui determo-nos com mais fecunda eloquência. *Os oradores homéricos* teriam tido aqui matéria de sobejo: *Menelau, subtil no seu desembaraçado falar, e o rei de Ítaca, semelhante a uma densa saraivada, e Nestor, velho já de três idades, de eloquência trescalando mel*.⁵² A todos não faltaria espaço para se espraíarem: a saber, a profunda bondade, a constante generosidade, o rigor comedido, a pureza de costumes e a discricção, não tanto procurada, quanto ingénita e espontânea, e outros exemplos de virtude, mais evidentes que a luz do meio-dia e que a posteridade almejará seguir. Tais vivos e nítidos exemplos a Academia de Coimbra os beija,⁵³ deles dá testemunho o régio Conselho de Sua Católica Majestade,⁵⁴ deles dá certíssima prova o digníssimo Tribunal da Consciência.⁵⁵ Poderíamos referir os restantes títulos e atribuições, dos quais não foi tão grande a honra que recebeu como o dobrado prestígio que sobre eles fez recair: estes, no entanto, *seria mais respeitoso que vós os reservásseis puros e íntegros para os vossos pensamentos do que separadamente e com brevidade neles tocar, porquanto geralmente sucede que, aquilo sobre que nada se diz, se julga ser tão grande como é*.⁵⁶ Tendes sem dúvida um prelado e um pastor com experiência em todas as funções mais importantes e aprovado pelos votos

⁵² Cf. Ausónio, *Ad Gratianum gratiarum actio*, 19: *Homerici scriptores, subtilis deducta oratione Menelaus, et instar profundae grandinis ductor Ithacesius et melleo delibutus eloquio tertiae iam aetatis Nestor*.

⁵³ Alusão ao período de reitorado de D. Afonso Furtado de Mendonça, de 1597-1605.

⁵⁴ D. Afonso Furtado de Mendonça foi convidado em janeiro de 1605 a integrar o conselho de Estado do Conselho de Portugal.

⁵⁵ Desde 1608 que fazia parte da Mesa da Consciência e Ordens.

⁵⁶ Cf. Plínio o Moço, *Panegírico de Trajano* 25: *reuerentius (...) uideantur*. Transcrição literal do passo cujas primeira e últimas palavras se indicam.

de todos e, da mesma maneira que as pepitas de oiro dos rios, que se tornam mais apuradas e luzentes com a incessante agitação das águas, assim, com o passar da vida, com a experiência dos negócios, com o atrito dos trabalhos e com o suportar das contrariedades este velo de oiro ficou mais acendrado, mais brilhante e mais excelente: mais merecedor de ser colocado entre os astros do que a nau Argo e o Carneiro de Frixo. Entretanto, posto, colocado e guardado na Estrelada Serra da Guarda,⁵⁷ para que a seu devido tempo o pedisse a vossa cidade, vossa por mais fundado e antigo direito, e, não o obtendo, para intrepidamente, deitando-lhe a mão, recuperar o Furtado.

[vº] Isso parecia obstar à alegria geral e lançar alguma sombra de desdouro sobre o brilho dos conimbricenses, imprimir alguma mancha sobre a sua honra e fazer incorrer no deslustre da infâmia. É que, sendo certo que pelo direito comum de todos os povos, por mais bárbaros que sejam, se considera muito melhor a condição do possuidor, as pessoas que avaliam as coisas com imparcialidade hão de considerar um crime monstruoso esbulhar a Guarda de um tão grande prelado e reivindicá-lo para si com o único pretexto de que é do seu agrado. Sinto que os ouvidos dos presentes esperam e dou-me conta de que nos rostos de todos se revela o que as almas desejam saber: de que maneira com igual ventura irei cortar ou desatar este nó górdio, qual o nadador Délio que há de ser capaz de resolver esta dificuldade,⁵⁸ qual o Édipo capaz de decifrar estes enigmas da Esfinge, qual a pessoa capaz de fazer estes cálculos babilónios e de interpretar estes *enigmáticos ditos da Beócia*?⁵⁹

Estes argumentos não me mergulham em trevas ciméreas nem, vencido e esmagado pela grandeza da dificuldade, me reduzirei ao silêncio. Sem quaisquer ardis, como um charlatão ambulante, vou apresentar a matéria de modo mais perfeito e cabal. Todos sabem que em todo o Portugal é celebre a Serra da Estrela, possuidora de grande número de povoações, manancial de muitos cursos de água e formosamente amena quando as neves se derretem, rica em gado devido à fartura de pastos, e a que os antigos chamavam Monte Hermínio. Por que motivo tomou o nome mais ilustre de Estrela e donde e com que direito o usou e furtou, os seus naturais explicam-no de um modo pouco verosímil: diz-se que os pastores lho puse-

⁵⁷ D. Afonso Furtado de Mendça foi nomeado como bispo para a diocese da Guarda em agosto de 1609, tendo tomado posse a 13 de fevereiro do ano seguinte.

⁵⁸ Expressão proverbial grega que supostamente surgiu em referência a um obscuro livro de Heraclito, cuja difícil interpretação só estaria ao alcance de um “nadador de Delos”.

⁵⁹ Expressão proverbial também grega, usada para encarecer a obscuridade e dificuldade de entendimento de alguma frase.

ram em razão de uma estrela figurada pela natureza no cimo de uma fraga. Nesta região fica situada Egitânia, capital da província. *Guarda* é a sua designação na linguagem corrente, que no nosso idioma significa “custódio”. Como brasão possui um castelo coroado com três torres defensivas.

Com que finalidade fui buscar tão longe estas cousas? Certamente que não sem motivo, mas para que compreendais que a questão tem a ver com mútuos furtos e que a fertilíssima cidade não pode intentar contra nós uma ação por furto. Abstenho-me de injúrias, para evitar com juvenil soberba pedir-vos elogios pelo desdouro alheio, e não censuro a inclemência do solo e do céu dela. Ela se apresenta como manifesta prova e reconhece que é indigna de um tão grande prelado, ao qual todos os anos mandava para outro lugar como desterrado e obrigava a permanecer muitos meses em Castelo Branco para que no interior dela não fosse queimado pelos frios da Eólia nem congelasse com as neves eternas e o gelo, e, à semelhança dos citas das planícies, cujas casas móveis são arrastadas em carros, com aposento semestral cansava-se vagueando de um lado para outro e cruelmente o fatigava sob aparência de compaixão e piedade, motivo pelo qual a Egitânia, por sua própria deliberação, durante metade do ano não possuía o ilustríssimo prelado, visto que não merecia vê-lo.

É a duras penas que os mortais suportam esperar que o mar ofereça o tempo favorável para navegarem: com quanto maior impaciência no centro de Portugal contam os meses, olham para os astros e esquadrinham os sinais da primavera para regressarem em segurança para os seus lares! Faz parte da natureza das aves de arribação, das cegonhas e andorinhas, em épocas fixas do ano o estarem aqui presentes e o irem-se de novo embora: chegar na primavera, estralejar com o bico, cantarolar, chilrear, conquanto com a determinação de ir-se de abalada, sem se despedir do hospedeiro, aos primeiros indícios do inverno. Motivo pelo qual a Guarda dificilmente há de defender a posse com fundamento no direito de domicílio: cumpre-lhe alegar com outras razões para defender o seu direito, se é que tem algum. Todavia será para ela não pequena consolação ser vencida pela poderosa destra de Coimbra, pois ainda se vangloria daquela coragem e intrepidez de Hércules, seu fundador, com as quais separou os Geriões, reis das Espanhas,⁶⁰ alcançou abundantes despojos e, enfeitado com triplicadas honras, se apoderou dos gados e rebanhos, as riquezas daquela época.

Zelaste mal pelos teus interesses, ó cidade da Guarda, guardaste mal o teu príncipe: com tanta propriedade tomaste em português o nome de

⁶⁰ Esta versão do mito de Gerião, que o desdobra em três reis hispânicos, é a que se lê em Justino, *Epítome* 44. 4. 16.

Guarda como *lucus*⁶¹ o tomou de ‘luz’, por antífrase, *bellum*⁶² o tomou de ‘beleza’, as ‘euménides’⁶³ o tomaram de “mansidão”. De que te serviram o brasão, o castelo e as torres defensivas? Absolutamente para nada. Tão facilmente confiavas a outros um tão precioso [138] tesoiro e permitias que se espalhasse, para não dizer que fosse banido, em todas as direções? Foi assim? Não aceito as tuas queixas, ó preguiçosa; não dou ouvidos aos teus lamentos, ó remissa; fico surdo diante dos teus gritos, ó negligente; as tuas lágrimas e suspiros de um arrependimento tardio não me abrandam nem comovem. Acrísio conservava guardada com todo o cuidado encerrada numa torre de bronze a sua filha Dânae, mas mesmo assim foi enganado; o Cérbero com três cabeças e Argos que tudo vê, foram adormecidos; a vigilante serpente das Hespérides, foi enganada: deverias ter escarmentado em cabeça alheia e aprender com o mal do próximo, e, para que não se transformasse em heróico furto dos conimbricenses, esconder e com toda a cautela ocultar o teu tesoiro em cavernas. Mas, como pode esconder-se uma cidade no cimo de um monte, e para mais estrelado, e ciosamente ocultar-se uma tocha, émula do sol, por forma a não se refletir nem a esparzir generosamente os mui luzentes raios tanto da doutrina como da santidade?

Do fundo do coração me congratulo com a vossa felicidade, caros ouvintes, congratulo-me contigo, ó Coimbra, por, a um tão extraordinário prelado, no qual resplandecem dotes da natureza, de atividade e de graça, o teres arrancado até da própria custódia da Guarda e o teres tirado das altíssimas fragas da Estrela; louvo a tua arte e esforço, louvo a tua astúcia e desvelo: ufana-te de um tal furto, entre as restantes cidades ergue mais alto a tua cabeça, uma vez que com a ponta dela tocaste os astros e a abóbada celeste. Se alguém pesar, julgar e ponderar os teus merecimentos, hás de responder de modo lacónico. Ninguém apresenta o motivo da felicidade. Todavia, para que não pareça aos ignorantes que apenas com o silêncio te defendes da injustiça e rechaças o engano, ainda que contra mim se incite o ódio, eu tomarei a tua defesa.

E por que motivo, ilustríssimo prelado, ainda que previsses muitas tempestades, te recusarias a governar Coimbra? Não te esquivarias ao labéu de ingrato se não retribuíesses à tua aleitadora com um amor igual e, uma vez que podes, não lhe mostrasses agradecimento. Ela durante muitos anos te viu, louvou e ensinou como sisudo aluno, em tal grau que depois não apenas a outros, mas

61 Em latim “bosque”.

62 Em latim “guerra”.

63 As fúrias.

até a ela tu mesmo pudesses sabiamente dar lições. Os teus nobilíssimos colegas do Colégio de S. Pedro sofriam com isto:⁶⁴ acaso consentirias que eles perecessem e morressem com saudades tuas? O mesmo única e vivamente desejava a prosperíssima Academia e já há muito esperava o seu antigo reitor, como o povo judeu a Moisés, resplandecente com a tiara e as insígnias de prelado, descendo, não dos cumes do Sinai, mas das cumeadas da Serra da Estrela, e só com a sua presença reconfortando as escolas, os liceus e as salas de aula. Estavam à tua espera cada dia com maior ansiedade os habitantes de mais alta posição, os da mais baixa, os leigos e os eclesiásticos: para dizê-lo numa só palavra, estavam à tua espera a cidade e a sua região inteiras. De facto, ainda se encontra gravado nas almas aquele imortal benefício, *mais duradouro do que o bronze* e que tempo algum apagará, com o qual fortemente as ligaste a ti mais do que com uma cavilha de ferro e grilhões de diamante.

Estais presentes, alguns de vós, que fostes testemunhas oculares do episódio e até participastes em parte da trabalhosa empresa, quando, com a vinda de piratas ingleses – que, mediante um desembarque repentino, já tinham assolado, na orla marítima, a vila de Buarcos –, o nobre reitor da Academia, Afonso, temível só pelo seu nome, recrutou como soldados os mais escolhidos jovens, imitadores da desarmada e armada Palas, e os conduziu em linha de batalha debaixo de pendões, não de forma imprudente e com o fito em alcançar fama e os aplausos de uma vã glória (como aqueles sacerdotes que para adquirirem renome, com mofina sorte morreram pelejando), mas a fim de intrepidamente, pondo de parte os riscos para a sua pessoa, defender a segurança geral da comunidade.⁶⁵ A que não há de atrever-se o excelente pastor guindado à cadeira episcopal contra os ardis dos lobos em prol dos amados rebanhos de ovelhas? O qual, graças à sua sombra protetora e defensora, em prol dos vossos lares e terras, em prol de vossas fortunas e honra ofereceu a sua vida a todos os perigos e com deno-

⁶⁴ Quadram a este intento as palavras seguintes que o mui nobre e insigne D. Rodrigo da Cunha escreveu na nota biográfica que consagrou ao seu antecessor nas mitras bracarense e lisboense: “Estudou na mesma Universidade [Coimbra] e se graduou na ciência dos Sagrados Cânones, que professava, alcançando meritissimamente, depois dos graus inferiores, o de licenciado por exame privado, e o supremo grau de Doutor, com grande satisfação e aplauso da Universidade, sendo colegial do Colégio de S. Pedro, onde viveu alguns anos com grande recolhimento e exemplo, estudando com cuidado, não só a ciência de Cânones, que professava, mas a teologia moral, de que teve muita notícia, e também da história geral do mundo, que soube, não de qualquer maneira, mas enfiada e continuada de seus princípios, até seu tempo.” CUNHA, 1635: 451-452.

⁶⁵ Episódio ocorrido em 1602 e que foi tratado com algum desenvolvimento em D. Nicolau de Santa Maria, *Crónica da Ordem dos Cónegos Regrantes do Patriarca Santo Agostinho*, 2ª parte, Lisboa, na oficina de João da Costa, 1668, pp. 392-393: que podem ler-se transcritas *infra*, como Apêndice 1 a este artigo.

do e generosidade se arriscou à duvidosa sorte da incerta guerra! E os esquadrões dos ingleses, armados de mosquetes, não aguentaram a visão dele e, pegando precipitadamente nas mochilas, juntando as bagagens e tocando a recolher, com vergonhosa fuga subiram para os seus barcos, por forma a como triunfador vences, só com a tua presença, ou antes, só com o teu nome, os aterrorizados inimigos, da mesma maneira que o ditador César a Mitridates. [vº] Oh brilhantíssimo tirocínio do futuro prelado, que muito merece ser comparado com os méritos dos antigos cabos de guerra e com as façanhas dos mais ilustres heróis. Que ninguém se espante nem indigne se eu às claras ao generosíssimo prelado chamar saudade muitíssimo ardente e fiel, se não das colinas eternas, ao menos da *colina das chuvas*.⁶⁶

Costumam os pastores mais experientes de Portugal em certas épocas do ano mudar de pastos e, para que o frio, transformado em duro gelo no solo, não maltrate o mimoso gado, conduzir os rebanhos de ovelhas desde os montes Hermínios até às planícies de Ourique no Alentejo, devido à tepidez de um clima mais ameno e a uns ares mais temperados durante o inverno, e daqui, já depois de nascidos os cordeiros, ao chegar a primavera, regressarem aos montes Hermínios. Nos campos de Ourique se nutre sob propícias estrelas:⁶⁷ é este o cordeiro do velo de oiro, para que, logo que nasce, respire e, juntamente com o leite, sugue os régios alentos de Afonso, primeiro rei de Portugal: algo que de sobejo dá a conhecer o seu brasão de família, tomado do mouro outrora morto em batalha, a fim de que, da mesma maneira que o rei Afonso tirou as armas do reino dos mouros vencidos,⁶⁸ assim os Furtado de Mendocha, notáveis pela sua religiosidade e armas, tirassem as suas da augusta saudação angélica.⁶⁹

⁶⁶ Parece haver aqui um jogo de palavras com uma fantasiada origem do nome de Coimbra, como provindo de *Collimbrium* < *collis imbrium*: “colina das chuvas”.

⁶⁷ Ainda que usando o autor de linguagem assaz sibilina, supomos ver aqui referência à ligação familiar que D. Afonso Furtado de Mendocha (o “cordeiro do velo de oiro”) possuía, não apenas com o Alentejo de modo geral (como nascido em Montemor o Novo), mas concretamente com os Campos de Ourique, uma vez que seu pai, D. Jorge Furtado de Mendocha, era comendador de Entradas e Santa Bárbara de Padrões, povoações localizadas na região historicamente conhecida por aquele nome, e incluídas hoje no concelho de Castro Verde. Segundo o testemunho autorizado do seu contemporâneo D. Rodrigo da Cunha, D. Afonso “criou-se em casa de seus pais, nas Entradas”. Vd. D. Rodrigo da Cunha, o. c., p. 451.

⁶⁸ Referência óbvia aos sete castelos e aos cinco escudetes das armas nacionais, símbolos tradicionalmente associados à batalha de Ourique.

⁶⁹ O AVE MARIA que figura no brasão de alguns ramos da linhagem Mendocha teria passado a fazer parte do mesmo por outorga que o rei Afonso XI de Castela fez a um membro dessa família, o qual, durante a batalha do Salado (1340), matara um mouro que, por desprezo, levava, presa à cauda da sua montada, uma banda em que figurava a conhecida saudação angélica. Acerca das

Em seguida, depois dos prósperos acontecimentos, o régio cordeiro, a fim de conduzir os rebanhos, subiu para as escabrosas colinas e estrelados montes. Por isso Coimbra se encontrava com os olhos levantados para os montes Hermínios, donde esperava que haveria de vir-lhe ajuda no momento próprio. De dia e de noite, com incansável desvelo, chamava o cordeiro, dominador e pastor da terra, para que, deixando a pedra do deserto e as altíssimas cumeadas da Estrela, viesse para o monte de Sião e as colinas das chuvas. Seria pedra duríssima quem não fosse sensível a estas saudades; mais duro que fraga e coração de ferro quem não se comovesse, amaciasse e derretesse com tantas e tão grandes chamadas do mais ardente amor. Finalmente, um dia imitaste o curso do Mondego, o qual, jorrando no próprio cume da Estrela, correndo por aqui e por ali como que ao acaso, se lança arrebatadamente, com rodeios tortuosos e sinuosas voltas, e, apertado pelas abruptas fragas, se precipita veloz de um lado para o outro, até que, quebrantada a sua impetuosidade, dominada a sua violência, corre mansamente em leito mais amplo, rico e mais abundante com as suas águas e as de outros rios, quando atinge as hercúleas campinas, nas quais se detém para abundantemente as fertilizar; e ali, a fim de liberalmente pagar as atenções da hospitalidade, à vista da cidade, formando um lençol de água, passa pelos cais das margens e os terraplanos de uma e outra margem, e, engrossado, com imensa fertilidade rega os campos que o flanqueiam.

*Este será o teu seguro lar,*⁷⁰ ó ilustríssimo prelado, para que não vagueies de um lado para o outro, indeciso quanto à pousada. Aqui, do alto da episcopal atalaia irás vigiar o teu rebanho e imprimirás um ritmo seguro aos trabalhos de fortificação, ornamentando e doirando Coimbra e a nossa época com um velo estrelado e de ouro. Até aqui imitaste o curso do Mondego, todavia, com sorte final mais venturosa, não perderás como ele o teu nome glorioso e fama mudando-te em amarga salsugem no vizinho oceano, mas, devolvido às mesmas estrelas de onde para nós te escapaste e ao mesmo céu de onde caíste, por causa do legítimo combate contra a sanha dos lobos hás de ser coroado, entre os braços de Erígone⁷¹ e de Escorpião,⁷² por forma a que o ânimo incorruptível no julgar e a energia e firmeza marciais demonstradas nos perigos sempre resplandeçam, sempre diante de todos brilhem como exemplo.

armas dos Mendoças Furtados veja-se, *infra*, a detalhada interpretação apologética que delas faz o autor anónimo da última série de composições que integram este artigo e a homenagem dos jesuítas de Coimbra ao recém-empossado bispo-conde D. Afonso.

⁷⁰ Cf. Virgílio, *Eneida* 8. 39: *Hic tibi certa domus, certi (ne absiste) Penates*.

⁷¹ Filha de Ícaro, transformada na constelação de Virgem.

⁷² Alude-se ao signo de Balança.

Gaspar Luís, mestre da 1ª classe
No ano de 1616

*Na recepção do ilustríssimo Senhor D. Afonso Furtado de Mendoça,
bispo de Coimbra, conde etc*

PRÓLOGO

Bispo amigo, a retórica a ti dedicou estas flores
E aprazíveis mimos, em teu campo colhidos.
Recebe este molho composto com variegada verdura
Que o pudor colheu e com amor entrelaçou e atou.
Se fosse possível dar-te mil violetas, lírios mil e sem número
De prendas como prémio justo pelo quanto vales,
Receberias abundância grande de flores da nossa safra,
Abundância generosa de elogios teus:
E um estio mais longo que o costumado não bastaria para a safra
Nem uma língua só daria conta de tantos motivos de louvor.
Lisboa, a princesa, colocar-te-ia grinaldas sobre a cabeça,
Enquanto, colocada sob teu mando, gozasse da mais alta dignidade.
A nobre Coimbra espalharia rosas e variadas flores:
Como é de razão, pois ela floriu ao receber teu senhorio.
A tua Guarda, estendendo as mãos, mostraria e proclamaria
O imenso lustre que recebeu de tuas muitas obras e virtude.
Todo Portugal apressar-se-ia em fazer subidas loas
E estariam presentes o Tejo e as loiras águas do Bétis.
Ambas as regiões ficaram cientes de que és grande,
Ambas conheceram teus tesoiros de nobreza e de piedade.
Mas nem eu poderia expor tão farta messe de encómios,
Mesmo que possuísse uma voz de oiro ou uma áurea língua,
Nem o tempo te chega para pegar e cheirar tantas mil flores
Nem podes deixar que aqui se passe o dia todo.
Por isso, pega no ramalhete dos teus louvores, e nele
Pega com a mesma boa cara com que o colhemos.

ALOCUÇÃO PRELIMINAR

Se com infantis exórdios ou derramado discurso fatigasse durante mais tempo os teus ouvidos, pareceria que, diante da mais alta dignidade, estava

a abusar da afabilidade, comedimento e paciência de um tão grande [vº] convidado. Por conseguinte, ilustríssimo prelado e conde, a fim de que, após aquelas gulodices do discurso, não te seja enfadonha uma acolhida não tão suculenta nem ataviada, rogo-te que por uns momentos ouças, não a mim, mas a Virgílio, a murmurar, mais suavemente que o agonizante cisne, do modo seguinte, na *Eneida* 6. [143-4]:

*Arrancado o primeiro, não falta outro
De ouro, e de folhas do mesmo metal se cobre o tronco.*

O mui piedoso Eneas vivamente desejava ir até aos Campos Elísios a fim de gozar da visão e conversação do seu pai Anquises. Por isso, faz saber à Sibila o seu desejo, a qual ensina ao capitão troiano que de maneira alguma pode tentar-se ou concluir-se a jornada sem o favor do ramo dourado. Ensina-lhe onde deveria ser procurado e de que forma e de acordo com que rituais era necessário que fosse cortado. E que fazia parte da natureza desta árvore a boa dita de, quando se arrancava um rebento de oiro, logo a seguir renascia outro com inesgotável fecundidade:

*Não falta outro
De ouro, e de folhas do mesmo metal se cobre o tronco.*

Por isso, não me pareceria totalmente inepta e despropositada aquela pessoa que comparasse a igreja de Coimbra com uma tão ditosa e venturosa árvore, sobretudo se essa pessoa tivesse conjecturado que tu, aqui presente, é quem se exalça às alturas da nova prelatura. Faz pouco tempo que a Afonso de Castel-Branco, objeto do afeto da nossa Companhia, bem-amado de Coimbra, benquisto pelo reino inteiro, principal protetor da comunidade das letras, defensor poderoso de todos os bons, caído do céu, a morte, ainda que imatura, em idade já provecta o chamou para junto dos santos. E eis que tu, outro áureo Afonso, com o mesmo nome, brotaste de novo no mesmo tronco, floriste de novo na mesma árvore, por maneira a não apenas não fazeres esquecer a lembrança do antecessor, mas também a mitigares as saudades, se quando vieste algumas restassem. E quando, ainda estando tu ausente, Coimbra estava à tua espera, já toda ela se prometia que o teu dourado báculo e dourado bastão há de de consolar os homens de todas as classes e de todas as idades. [Aliás,] disse pouco: *há de trazer do além* e que da tua vara se há de apregoar com verdade o que antigamente apregoaram falsamente os poetas triunfais acerca do áureo caduceu ou vara de Mercúrio.

Virgílio, na *Eneida*, 4. [242]: *Pega então na vara: com ela faz vir do Orco as almas*. Horácio, *Odes* 1. 10. [16-20]:

*Tu justas almas aos Elísios guias,
Das leves sombras o esquadrão governas
Com o caduceu doirado:
És agradável aos supremos numes,
Ou governem no Olimpo ou no Aqueronte.*⁷³

Animai-vos, varões de Coimbra! Cobrai maiores alentos! Esta áurea vara do áureo pastor não apenas vos oferecerá, como outrora o cetro de Assuero,⁷⁴ fácil acesso ao vosso prelado, mas (algo que é mais desejável) há de fazer-vos passar, após o decurso de muitos anos, do campo Bolano para os Campos Elísios e venturosos pascigos da pátria celestial. Mas já parecia que eu estava a invadir alheios domínios, quero dizer, os dos oradores, e a estender-me para fora do que me foi prescrito, ao olhar mais para a presente felicidade como futura, sob a tua prelatura, do que a prever a que há de vir. Contenho-me dentro das minhas fronteiras: a ti regresso; é que neste brilho do teu oiro, por mor da luz sobeja, muito contenta, apraz e agrada **[140]** devanear, ver mal e ter curta a vista:

*Não falta outro
De oiro.*

Em toda a árvore, só um ramo de oiro dava rebentos, o qual não apenas causava à sombra dos outros ramos um não pequeno brilho, mas também ataviava sedutoramente a totalidade da árvore com valorizadora beleza. E tu acrescentaste luz e formosura ao nobilíssimo tronco da igreja conimbri-cense, e para formosamente te mostrares na sua árvore, não somente como ramo dourado, mas como o pomo de oiro, o qual, assim como antigamente foi furtado do jardim das Hespérides, assim hoje foi Furtado do reino da Hispânia (para não dizer, tesoiro [Furtado] da experimentadíssima guarda da Guarda), conquanto Hércules,⁷⁵ não esquecido da sua Coimbra, o tenha

⁷³ Versão de José Agostinho de Macedo, que não nos parece aqui de todo má: *Obras de Horácio, traduzidas em verso português por J. A. de M.*, Lisboa, na Impressão Régia, 1806, p. 17.

⁷⁴ Cf. *Est* 4. 11. ; 5. 2; 8. 4., sobretudo este último passo, que reza: “E o rei, segundo o costume, estendeu com a sua mão para ela o cetro de oiro, para lhe dar mostras de clemência.”

⁷⁵ Como se sabe, a busca dos pomos de oiro do jardim das Hespérides constitui o 11º dos trabalhos de Hércules, herói que, como estes textos fartamente exemplificam, a mitologia lusitana quinhentista associara à fundação de Coimbra.

levado mediante um melhor furto. Vê, por conseguinte, como se adequam bem a esta árvore as palavras que em premiados versos Claudiano acerca dela cantou:

*Nos sombrios bosques há também árvore mui rica
Cujos luzentes ramos se dobram com o metal de viva cor.
A ti fica consagrada. De farto Outono hás de gozar
E sempre serás rica com os loiros frutos.*⁷⁶

E com formosura não desigual, ainda que com lustre diferente, ornamentas a árvore senhorial da tua linhagem, cujas raízes lançou tão profundas aquele mui ilustre e intrepidíssimo prócer Fernando Laínez⁷⁷ que não só nenhuma inclemências do tempo as podem arrancar, como também, graças ao denodo na guerra, estenderam inúmeros férreos ramos de condes, marqueses e duques tão longe e ao largo que antanho, com imenso morticínio de mouros, abarcaram a Hispânia e a África, e no nosso tempo com temível estrondo de armas retumbam ao longo das regiões do Oriente e fazem reviver os exemplos do vigor e fortaleza portugueses,⁷⁸ que já se vão eclipsando, com grande louvor e com não menor descalabro dos bárbaros. Tu, segundo áureo ramo, de tal sorte doiras estes férreos ramos da tua linhagem com os enfeites e demais ornamentos do corpo e do espírito que, embora não percam o lustre e honra da sua ferrugem, todavia recebem incomparável formosura das tuas dignidades:

Outro de oiro.

Grande número de intérpretes pensam que com o ramo de oiro se significava a divindade, por privilégio da qual se oferecia, aos filhos dos deuses que ainda se moviam entre os vivos, fácil acesso e regresso às moradas dos infernos e aos Campos Elísios. Virgílio, na *Eneida* 6. [123; 131; 394]

⁷⁶ Claudiano, *De raptu Proserpinae* 2. 290-293. Veja-se a versão da Marquesa de Alorna: “Num bosque umbroso estende a vasta rama / Uma árvore pomposa de que pendem / Frutos d’ouro que a ti o amor consagra. / Gozarás de um Outono afortunado / Que d’ áureos pomos sempre te enriqueça.” *Obras poéticas da (...) Marquesa de Alorna*, tomo V, Lisboa, Imprensa Nacional, 1844, p. 233.

⁷⁷ Suposto e remoto tronco da linhagem Mendoça, do qual procederia também Rodrigo Díaz de Vivar, o *Cid campeador*.

⁷⁸ Alusão evidente a André Furtado de Mendoça, de facto uma das mais brilhantes figuras da presença portuguesa no oriente.

inculca-o em três passos: *Também a minha linhagem procede do supremo Jove*; Sibila: *Filhos de deuses o conseguiram*; Caronte: *Embora de deuses filhos fossem e de invencível força*.

Outros, com cuja opinião concordo, subentendem neste ramo a sabedoria, sem cuja direção é desatino empreender-se tudo o que é árduo e trabalhoso. Oh cousa formosamente dita! Esta opinião ajusta-se à maravilha ao nosso prelado. Para ti convergiram tão grande domínio das artes liberais, resplandeces com tão numerosos atavios de ciência que, se alguma mão também de oiro colhesse e uma áurea língua primeiro provasse as áureas flores e os áureos frutos do teu áureo ramo, pareceria não tanto iluminar quanto cobrir de sombra os áureos raios da tua sabedoria. De facto, em anos anteriores, devido à tua prudência e saber, a Espanha viu-te como conselheiro régio, Lisboa admirou-te como presidente na real Mesa da Consciência, Coimbra reverenciou-te uma e outra vez como reitor, primeiro do Colégio de S. Pedro, e depois de toda a Academia Conimbricense.

[vº] E a *ínfula* não *cinge* com outro nó as livres madeixas,⁷⁹ pois era justo e lícito que a ti, de dia para dia ornado com maiores luzes de sabedoria, te tivessem sido dadas honrarias de mais subido grau. A Guarda venerou-te, amou-te e beijou-te como seu bispo. Bispo? Antes pai, antes Crisóstomo pelos ensinamentos e Gregório Magno pela beneficência para com os pobres e os atribulados. Por derradeiro, a tua Coimbra recuperou-te e, como a um segundo Ambrósio, ela, que te teve como reitor, tem-te como bispo, e ter-te-á para sempre, pois tão-pouco ficava bem que o mais letrado dos bispos fosse colocado em outro lugar senão neste Ateneu das letras lusitanas. Portanto, engana-se quem julgar que com o ramo dourado da tua sabedoria não podes entrar, não digo nos Elísios, mas nos Empíreos Campos.

Por conseguinte, nesta colina regada por incessantes chuvas⁸⁰, tu, que és ramo doirado, hás de crescer até árvore de oiro: se é que tu não preferes ser chamado louro da vitória, ou hera do talento poético, ou palmeira da justiça, ou cipreste da nobreza, ou oliveira da paz e da esmola, ou cedro da longa vida (pois o nome tão-pouco foi atribuído por Virgílio), e a todos hás de cobrir com uma aprazível sombra dourada, a todos quantos temos boas esperanças em relação ao teu viço e agoiramos uma sorte venturosa.

⁷⁹ Cf. Estácio, *Silvas* 4. 4. 93: *nunc uacuos (...) nexu*.

⁸⁰ De novo nos deparamos com o jogo de palavras *collis* (colina) e *imber* (chuva), alusivo à fantástica etimologia de *Coimbra*. Como é evidente, torna-se impossível a sua transposição na tradução.

CENA DIALOGADA

COIMBRA:

Acaso é este aquele a quem há muito esperavam
As herculanas campinas, de loira areia fartas, aquele
Para quem, desde a Serra da Estrela e com belos cachões,
Por entre festivos campos o meu Mondego corre, aquele
Em quem eu, jubilosa Coimbra, com toda a atenção ponho
Meus olhos: o bispo Afonso?

GUARDA:

Teu e dos teus
Único amor e esperança única, para ti se deu pressa e ei-lo presente.
Não duvides, pois é verdade o que vês: aquele pejo de um rosto
Recatado, aquele semblante de uma piedade venerável e igual
À dos bispos de épocas antigas, os quais antanho, mantendo em
Paz o mundo, consigo trouxeram douradas eras: só ele
Dá a conhecer o mui subido lustre de Afonso.

SABEDORIA:

Acaso não vês como a longa mão, a fronte régia, o doce
Sobreceño e o olhar humilde, pondo de lado ufanias,
Dão testemunho dos clarões dos grandes avoengos?

COIMBRA:

Oh que grande lustre me prometo! Oh que grande ventura
Me é lícito esperar, ao olhar com pasmo para todas as qualidades
De seu espírito e coração; apraz ver em seu rosto a imagem
De mil reis e chefes; naquele semblante se divisam os brasões
E herdados nomes de seus maiores e os magnânimos progenitores
De aparência que desprezo não merece.

[141] Como é evidente: trata-se daquele mesmo, e já não poderei duvidar,
A quem esperavam com festivo aplauso minhas praças,
A quem o meu Mondego se sorriu desde o seu vasto leito,
A quem a minha Academia com razão proclama o seu amor.

GUARDA:

Eu, venturosa Guarda, na minha terra muitas vezes a este
O senti pastor pelo báculo, assim como pela tiara o vi bispo,
Guia pela virtude e pai pelos piedosos sentimentos.

SABEDORIA:

Como é manifesto, foi a sabedoria quem lhe concedeu estes dotes,
À Lusitânia inteira a ínclita sabedoria os concedeu;
Não invento novos títulos nem a fantasia contraria a verdade:
Com aplicado empenho mereceu estas loas.
Quaisquer mentiras que alhures fantasiam os versos dos poetas,
Com total verdade a Afonso se ajustaram.

COIMBRA:

Sou testemunha de como há pouco seus verdes anos com desvelo
Ocupava e consagrava sua idade moça aos sagrados
Cânones, do quanto se entregara às artes superiores,
Do grande louvor e honrarias que seu engenho merecera.

SABEDORIA:

Por isso é que a nova fama lhe oferece outros graus e mais elevadas
Funções e a nossa Academia saúda um reitor
E as musas nele reconhecem um reitor e um mecenas.
Quando o mando lhe cabia, podia ver-se os alunos tanto de filosofia
Como de ambos os direitos mais se entusiasmarem e com todo
O ânimo colher os laboriosos frutos dos estudos.

GUARDA:

Da mesma maneira, quando com acerto me governou, meu
Respeito ganhou por cumprir os deveres de bispo e pelo amor
De pai: senti que por toda a parte as virtudes nasciam e medravam,
Que o pecado e a injustiça se afastavam p'ra longe e que o crime
Insaciável fugia e era substituído pelo amor da vera piedade.

COIMBRA:

Portanto, possa eu esperar e possuir por longos anos
As doces maravilhas de tão grandes cousas.

SABEDORIA:

Ou antes, podes esperar maiores: sempre com novas funções
Acrescentou funções imensas e uma segunda fortuna se sobrepõe
À fortuna primeira e nunca se viu o venturoso Afonso
Decrescer na vitoriosa carreira das honrarias.

[vº]

GUARDA:

Ah quantas vezes ele, agora teu, com bondosa ajuda alenta
Os pobres e desvalidos; quantas vezes por entre campos e cidades
Se derrama em prata e oiro; a violenta sede desaparece e acaba
A má-conselheira fome e a lastimável indigência se afasta
E, com generoso gasto, a mão a todos faz felizes.
Acolhe como hóspede ao próprio *Pai dos deuses e humanos...*
Para onde me deixo arrastar? A sua bem conhecida modéstia
Não me deixa continuar, aquelas mostras de pejo proíbem-me
De dizer o que Portugal aplaude e por todas as vilas a fama espalha.

SABEDORIA:

Justo é crer que tudo quanto tem morada no peito de Afonso
Do céu foi enviado.

COIMBRA:

Vendo-o
A subir tão triunfalmente para as minhas alturas,
Enquanto um alvo cavalo o transporta e do mesmo passo
Representava as merecidas dignidades de bispo e de conde,
De imediato pelo seu rosto deduzi o como ao Céu era grato,
O quanto era estimado pelos homens e fácil de ser amado,
Reverenciado e guardado dentro do coração.
Ó venturosos astros de influência incessante,
Ó alegres e luminosos dias! Ó idade dourada restituída
Ao nosso mundo com juro centuplicado!
Não é possível sentir inveja do meu destino nem poderá
Em nada mudar-se a sorte; uma ventura nutre outra ventura,
Um ditoso tempo a outro nutre e vem depois de um primeiro
Afonso outro Afonso, nem menor nem em honra segundo,
Em nobreza primeiro, maior em esperança. Ó prazer
Digno de alegrar um mais amplo peito e uma alma melhor!
Apartai-vos daqui, almas vis! Apraz-nos, venturosamente
Prostradas, àqueles pés com mil abraços nos lançarmos.
Ó companheiras, com gesto e atitude suplicante, toquemos
Aqueles joelhos e não deixemos que se parta o objeto do nosso amor.

GUARDA:

Afonso, ó Afonso que um dia foste meu! Eis-me aqui,

A um dia venturosa Guarda: diante de teus olhos me coloco.
Para aqui volve, te peço, os olhos teus. De longe vê o quanto
Estás neste peito, tanto como neste brasão o nosso nome.
*Se a sorte minha me consentisse a vida guiar de acordo co' os
Meus desejos e ocupar-me de meus cuidados a meu talante,*⁸¹

- [142] Eu jamais permitiria, amado bispo, que te arrancassem
Dos braços meus: ser-me-ia grato percorrer na tua companhia
A venturosa sucessão dos anos e com o exemplo da tua virtude
Merecer o Olimpo aparelhado para o bem proceder,
Mas, porque a tua vida te tinha reservado, e ainda tem, para
Bem melhores destinos, meu mais alto prazer,
Vai, rogo-te, vai e o lustre mais alto junta à nossa terra,
E que a tua alegria nunca se perturbe com as minhas saudades:
Vivo no desterro, congratulo-me e rogo.
Que eu possa ver teu nome entre os dos purpurados padres.

COIMBRA:

Ora, apraz-me que o bispo com tão lento passo tenha chegado
Até minhas alturas, para que viesses para nossa terra e céu
Como galardão de maior preço, ó desejado Afonso!
Vieste enfim e a tua vinda supera os pregões mensageiros da fama
E a tua presença vence os montes de oiro que tua nobreza afiançava.
Eis-te inteiramente presente e apraza-te com semblante
Afável teu coração encher de alegria e novos prazeres.
Posso de perto ver-te, conhecer-te, falar-te e tocar-te, e sempre
O poderei, com complacência dos meus, com honra e amor teus,
Enquanto durar a minha cidade e o Mondego correr, e nada
De mim te há de arrancar, a não ser o tardio desejo do céu.
Entretanto, procede ao mesmo tempo como pai comum e prelado
Do povo: a minha glória há de brotar de um tão grande bispo
E nem a feliz Lisboa, nem Braga, a primaz, nem a grande
Évora hão de vencer os públicos pregões da minha fama.

SABEDORIA:

Se a alguém é permitido rejubilar em incessante triunfo
E passar alegremente os dias e, na tua vinda, enfeitar com festivos
Ramos as praças, as portas e entradas e inundar

⁸¹ Virgílio, *Eneida* 4. 340-341.

Inteiramente o coração com não costumado regozijo:
Seja-me isto a mim permitido, contigo sempre vivo, ó Afonso,
Luzeiro imenso, imenso lustre da sabedoria! Glória singular
Do monte Piero, de cujo grande peito a áurea sapiência
Vai jorrando em golfadas que não cessam.
Portanto, avante, visita o lar modesto das musas,
Entra e acostuma-te a mais humildes moradas; com a minha
Própria mão te franqueio todas as entradas; oh, oxalá fosse possível
Eu abrir este peito e o mais íntimo do santuário do coração:
Aqui encontrarias deveras a nossa morada, mais vasta que este auditório.

[vº]

EPIGRAMA:⁸²

Feito por um aluno

Coimbra pediu emprestado às estrelas um bispo
Com o afortunado nome de Afonso de Mendoça.
Não o tendo conseguido nem com rogos nem dinheiro e as estrelas
O negando, diz-se que Furtado foi às ocultas arrebatado dos céus.

EPIGRAMA:

Feito por um aluno

Guarda acolheu-o e Coimbra o possui, o grande
Furtado, bispo dado sob auspícios grandes.
De facto, não podia a Guarda conservar mãos que não sabem
Guardar e generosas com todos os pobres.

[142 vº]

João da Rocha

*A 2ª classe de retórica acolhia o Senhor D. Afonso Furtado de Mendoça
com estas modestas mostras de hospitalidade*

PRÓLOGO HENDECASSÍLABO

Ó generoso bispo, dignas-te visitar-nos
E em algo conceituar as nossas frioleiras?
Nada melhor provará que te quadra o título

⁸² Entenda-se a palavra “epigrama” no seu sentido originário em grego, ou seja, de composição poética de breve extensão.

De conde, a ti que o és, do que quando
Mostras novas mostras de gentileza.⁸³
Engano-me, ou regressou a antiga idade de nossos
Pais, em que gozavam da companhia dos deuses?
Venturoso quem na terra divindades viu
E em conta de não menos venturoso me terei eu mesmo
Agora, em cuja casa és recebido como santo hóspede:
Assim, secundando-nos⁸⁴ com teus bons auspícios,
Farás de modo a que com nome verdadeiro se deva, entre
As demais, segunda classe chamar a esta.
Mas, no mais profundo do espírito, sofro, ai de mim!,
A mordida de graves e raladores cuidados:
Os de que sejas recebido com o aparato que mereces.
Quando Júpiter na terra tomava forma humana
E entrava na casa de um camponês, contam
Que estimava terrenos manjares.
E os que não têm arábico incenso não hesitam

[143] Em usar nos sacrifícios trigo salgado.

Não consta que se tenha tomado como cousa indevida
Que alguém aos deuses ofereça aquilo que pode.
Portanto, tu que és gémeo dos divos, assim de bom grado
Hás de perdoar a pobreza desta acolhida.

Conversa de três moços sobre a feliz entrada na cidade

POEMA TRÁGICO

Primeiro :Os aplausos que agitam a cidade, o grande júbilo
Que inunda todos os cidadãos e a grande fogosidade
Que inflama os alegres varões de Coimbra,
Arderam mais do que as tochas há pouco ateadas:
Provas não pequenas dos incêndios dos corações,
Vejo que qualquer um o vê, se não é invisual.

⁸³ O autor joga com a polissemia de “comes”, que em latim clássico significa “companheiro de séquito”, para adquirir mais tarde, na Idade Média, o sentido de “conde”, ambiguidade que se mantém no derivado abstrato “comitas”, que inicialmente tem o valor exclusivo de “afabilidade, generosidade”. Na impossibilidade de transpor essa *nuga* tão do gosto barroco recorrendo ao correspondente português desse vocábulo, improvisámos com o verbo “mostrar”, uma graçola de não dissemelhante mau gosto.

⁸⁴ Tome-se este verbo com a acepção, menos corrente, de “favorecer”: deste modo se conservará o jogo de palavras do original.

Segundo: Quem não há de ver, sentir, aperceber-se e saber
Aquilo que igualmente no íntimo de si mesmo
Ou calado experimenta ou acaba por não conseguir:
Mandar a si mesmo que não pule de alegria e deixar
De abertamente festejar a chegada do santo prelado.

Terceiro: Possa eu ousadamente assegurar tão somente
Que na cidade inteira não haverá absolutamente ninguém
Que deixe de assinalar com branca pedrinha o dia
Que ofereceu de novo o bispo que nos fora arrebatado.⁸⁵

Primeiro: Quanto foi grande a dor que no passado mergulhou esta cidade,
Ao ser arrebatado para a corte da Espanha, tanto hoje
A nossa grei rejubila impelida por viva emoção,
Ao tempo em que o pastor a nós, seu rebanho, reconhece.

Segundo: Ó chamas de amor, que ele lançava,
Quando a cidade, para fora saindo de sua morada,
Se passou para a outra margem do rio
Para daí trazer para casa um tão grande penhor.

Terceiro: Qualquer um, como podia mostrando os seus sentimentos,
Ardia por abraçá-lo no mais profundo de seu coração:
E ele como pastor e como pai se ia mostrando.

[vº]

Primeiro: Com simpático semblante olhando as alegres ovelhas,
A todos os filhos risonho se oferecia.

Segundo: Como caminhava luzido entre os nobres varões,
Que nas mãos de um lado e do outro seguravam o pálio!
Penso que então meigamente furtou nossos corações.

Terceiro: Que roubos de almas não faria para si um semblante
Que reluz perto da pacífica tropa?

Primeiro: Que coração ou que alma podem ficar frios,

⁸⁵ Faz-se alusão à partida de D. Afonso para Madrid, quando, em 1605, deixando o cargo de reitor, passou a fazer parte do Conselho de Portugal junto da corte filipina.

Quando os dois luzeiros do rosto, ao modo das estrelas,
Com suas chamas arrebatam quanto lhes sai ao caminho?

Segundo: O aço não é tão arrastado pela atração do ímã
Nem a palha procura tanto abraçar o âmbar,
Como a benigna visão do bispo atrai e arrebatava
Quer os mais humildes, quer os mais alevantados.

Terceiro: Que doravante, com este protetor, Coimbra não pense em
Nada de infausto e ruim, em nada que incuta temor.
É que, se foi profeta visionário do futuro
Aquele que ontem ao nosso encontro veio,
Este venturoso pastor há de fazer feliz o seu rebanho.

Primeiro: Rogo-vos que transmitais a meus ouvidos os oráculos
Que dele ouvistes, se não vos esqueceram.

Segundo: Contemos como sucederam de facto estas coisas.

Terceiro: Primeiro escreveu as letras deste nome:
Afonso Furtado de Mendonça.
Em seguida, alterando a ordem e sentido das palavras,
Das mesmas letras extraiu o seguinte anagrama:
Ó Alfa que levas os presentes dos guardas,
A ti se dirigindo, ó Afonso, como a alguém presente,
A quem, inspirado pela mais alta inspiração do céu,
Repete um poema cheio com os teus louvores.

Primeiro: Quero que vós os dois mo digais alternadamente.

POEMA HEROICO

[144]

Terceiro: “Assim como o rebanho, através de campos e gândaras ermas
Vagueia, depois de perdido seu pastor e guarda, e, gemendo,
Com seu lamento enche os trevosos bosques, enquanto com
Triste voz chama o pastor e aflito gira em torno da casa de seu
Dono, anojado das fontes e da grama do amado pasto:
Do mesmo modo, quando Afonso se elevou para as celestes
Alturas, Coimbra jazia coberta em escuro luto, até levantar,

Com um pastor idêntico, o ânimo atribulado pelas aflições, e,
Com um idêntico pai, um termo pôr ao caudaloso pranto.

Segundo: Por isso, sus, os cumes agitai, ó pluviosos montes,
Batendo as palmas e dançando de roda, correi pelos campos
Herculanos e, *agitando as cabeças*,⁸⁶ de alegria pulai!
Eis aqui presente Afonso, arca da divina aliança:
Detende-vos, linfas que correis da fonte da Estrela,
Detende-vos, que o pai Mondego levante a cabeça por cima
Das ondas e humilde adore o rosto do que chega de longe.
Este Afonso poderá, se não avantajar-se àquele primeiro,
Certamente com ele emparelhar-se pelos méritos iguais.
Que, desaparecido o primeiro, o áureo segundo não deixe
De brotar renovos, luzindo com metal igual ou quicá melhor!

Terceiro: Como *Alfa*, tem, como nobre, a primeira origem no primeiro
Sangue, a reis ligado pelos dois sobrenomes.
Se atendermos aos costumes, deverá ser chamado *Alfa*,
Para que, quem pelas virtudes a Cristo se assemelha,
Como seu próprio leve o nome de Cristo, glória que é rara.
De facto, há alguém que tenha dado maiores provas de aos pés
Ter calcado o assoberbado fausto? Alguém que, sóbrio vivendo
Entre os luxos da corte, tanto tenha refreado as rédeas da sua vida?
Ou quem, menos do que ele, foi sujeito à vã ambição?
As honras, ele as mereceu, não as comprou.

Segundo: Além disso, se algum mérito tem a zelosa guarda
Do rebanho, este sobressai entre os demais guardas tanto
Quanto a letra *Alfa* se avantaja às que a seguem.
No curral cheio, ardis e ciladas arma o gato: arma-os
O lobo, quando aquele está de sobreaviso; ainda que a má
Conselheira fome abra as goelas, ainda que mostre as unhas,
São vãos os passos que se dão à volta do curral.

[vº]

Terceiro: Se por acaso com errante rumo uma rês vagueia através
De selváticos matos e não sabe regressar ao conhecido poiso
E com choroso clamor implora a bondosa ajuda do pastor,
Ele voa atento ao perigo e nos ombros a carrega

⁸⁶ Cf. Virgílio, *Eneida* 2. 629: *Et tremefacta comam concusso uertice mutat.*

E no estábulo a repõe.
Ó pastor vigilante, discípulo do Pastor eterno,
Nenhuma das tuas ovelhas perdes, dada em presa
Aos dentes dos lobos. Alegra-te carregar às oferecidas costas
Amadas cargas, mesmo que *o suor escorra até aos artelhos*.⁸⁷

Segundo: Que direi? Os presentes que ofereces? Os pascigos que pasta
O teu rebanho? Ninguém velou melhor pelos pobres.
A quem privas por mor de teu génio esmoler? E amiúde
Teu lar atormentas com estreiteza de gastos, para que a fome
Trôpega não possa atormentar a plebe. Os oráculos divinos
Desejam um prelado assim, que não pensa no seu proveito
E, esquecido do que é seu, de seus cordeiros não se esquece.
Não te favoreces a ti nem a outros por laços de sangue a ti
Ligados. Que feliz façam o povo os favores da tua destra,
Que aligeiras de sorte tal que, no revessar oiro, os rios
Da Ibéria supera. Como testemunha te tomo, ó Guarda,
E para o vindouro tempo hás de afiançá-lo, ó Coimbra.”

Terceiro: Estas palavras com boca profética o adivinho proferiu.

EPIGRAMA

Em que se promete ao bispo uma vida muitíssimo longa

Por longo tempo vive, ó pastor, lustre dos pastores, vive,
Em quem cuido que vivem os exemplos dos primeiros padres.
Quem vê como reluz, comparado com o dos demais, o teu saber,
Diz que neste peito Agostinho revive.
Quem escuta as vozes embebidas em néctar celestial,
Diz: “A mélica língua de Ambrósio perdura.”
Quem vê o emaciado corpo, diz: “Jerónimo, como é
Justo crê-lo, revive nestes membros.”
Quem conhece os gastos que fez com os mofinos indigentes,
Diz: “Eis que ressuscitou a destra de Gregório o Grande.”
Em ti só reunidos vivem os louvores de quatro Padres.
Oh prouvera a Deus que a vida tenhas de quatro Padres!

FIM

⁸⁷ Cf. Horácio, *Sátiras* 1. 9. 10-11: *cum sudor ad imos / manaret talos*.

[145]

Pelo irmão Jerónimo Botelho

*Na vinda do ilustríssimo e reverendíssimo Senhor D. Afonso Furtado
de Mendonça, bispo de Coimbra*

Pelo quinto ginásio. Para a entrada na sala de aulas

Escolar:

Que sejas ditoso, mui ilustre bispo, ditoso
Seja este dia que para nós a ti te trouxe:
Dia venturoso e que com alva pedrinha deve ser sinalado,
Em que nos é dado gozar do semblante do desejado hóspede.

O Ano 1616; a Primavera; o Verão; o Outono; o Inverno

O Ano:

Aqui acabo de chegar, repleto de toda a sorte de frutos:
Acaso sabeis quem eu sou? Decerto que não, segundo
Cuido, mas desejais sabê-lo. Eu sou este vosso ano.
A todos vós dei alimentos de sobejo e cabonde;
Que ninguém sinta fome.
Porém, a nossa maior glória é esta, que agora me
Atribuo, por restituir a Coimbra um varão
Que em costumes e linhagem não difere de nenhum
Dos antigos. Agradecei-me e louvai-me por bom,
Ó gentes de Coimbra, chamai-me bondoso.
Ele vos fora roubado, todavia, uma vez que era
Vosso, vo-lo restituo. No passado foi reitor
Da vossa Academia e por ele chorastes,
Quando partiu da cidade, doze anos atrás.
Não pôde para aqui de novo trazê-lo qualquer
Ano passado, mas só eu pude fazê-lo voltar.
Alegrai-vos, jovens, cantai, dançai de roda
Por toda a cidade, pois à lusa terra ofereço
Quem entre os heróis não é segundo: este louvor a mim
Cabe por inteiro. Ora sus! Chegai-vos, tempos meus!
Por que para aqui vens de alegre rosto, ó primavera?

Primavera:

Infeliz de mim, a primavera, pois que Coimbra há
Algum tempo com torvo rosto e avesso olhar me ameaça,
E com razão, porquanto o seu consolo tristemente
[vº]Arrebatei (embora em provecta idade): quero dizer,
O Padre Afonso, que pelo vasto mundo a fama louva⁸⁸
E a quem a virtude por seus méritos ao céu iguala.
Para melhor poder dobrar o duro espírito de imigo povo,
Esperança tinha de a ti, ilustre pelo sangue,
De excepcionais costumes, em piedade a ninguém segundo,
Para aqui como bispo transferir-te, a fim de que, em meus
Dias, com ameno céu, a tua Coimbra alegre te acolhesse
Como hóspede, e a terra então me oferecesse, pródiga, novas
Flores e eu pudesse esparzi-las por aqui. A sorte porém
De mim sentiu inveja e roubou-me favorável ensejo.
Essa cidade nunca há de fartar-se de seu ódio contra mim
E nunca há de olhar-me com rosto prazenteiro.

Verão:

Que frondosas sombras, eu, o verão, para ti preparei
No belo vale, e entretecidas com as novas videiras.
Aqui mais suavemente ataco que nos cimos dos montes:
O meu calor tratar-te-ia mais brandamente junto das águas
Do rio Mondego, entre os salgueiros, ou entre as grutas do teu
Ameno Tíbur,⁸⁹ que o riacho rega com muitas águas
E o bosque obscurece com suas ramagens.
Conviria que então tivesses vindo: com serena nuvem, ocultaria
Então os raios do meu sol e então, alegrando-me, regaria primeiro
Com abundante chuva as empoeiradas estradas.
Como receei que te fizessem mal com sua inclemente solheira

⁸⁸ D. Afonso de Castel-Branco falecera a 12 de maio de 1615: as acusações de que a Primavera se sente alvo justificam-se portanto por a morte do prelado ter-se verificado durante a vigência da sua estação.

⁸⁹ Ou Tívoli. O topónimo italiano está aqui como sinónimo de “arrabalde aprazível, local de vilegiatura”, apontando certamente para a Quinta do Bispo, antiga residência de férias dos prelados conimbricenses, hoje ocupada pelas instalações da Escola Superior Agrária de Coimbra, em S. Martinho do Bispo.

As altíssimas cumeeiras da Serra da Guarda!
Desejava conduzir-te até às sadias colinas desta cidade,
Seus irrigados vales e limpos e temperados ares.
Oh quão grande seria a minha alegria, se, como bispo
Por todos querido, durante o meu tempo te apresentasses!

Outono:

Primavera e verão arredai, fora, pois o céu para mim
Reservou tamanhas alegrias; apartai-vos daqui, preciso
De espaço. Rejubilo, pulo de contente e alegro-me e meu
Coração não se aquieta ao transbordar de ledice.
Como me sinto feliz, eu, o outono, a quem a glória e a quem
Os elogios tamanho lustre concederam. Eis que os cidadãos
Desta cidade me cobrem de loas porque nesta quadra para aqui
Me transporte, excelentíssimo Padre: contente com tão grande
Honra, mal consigo falar e não sou capaz de com palavras mostrar
A gratidão pela mercê da desejada vinda.
Posso dar-te sazonados frutos, ofereço-te cachos pendurados
Dos altos artesoados pelo fio do teto

- [146] Tão-pouco aqui faltam romãs. Que mais?
Pêssegos? Porventura, antes marmelos? E de bom grado
Toda a sorte de sadios frutos te ofertarei em repletos açafates.
Que te prometeu a primavera? Flores? E o seco verão?
Os riachos de correntes águas e as sombras com frondosos ramos?
Olha que promessas, que com riso devo escutar: só a tua presença
Me refreia de por mofa desatar às gargalhadas.
Se te apresentasses no tempo do verão ou da primavera, ó Padre,
A primavera acolher-te-ia com flores e o verão com ramagens.
Mas eu, agora, com frutos maduros te acolho. Vê quanto
Os meus presentes se avantajam às dádivas da primavera e verão.

Inverno:

Eu, o gélido inverno, coberto de canosa grenha, para aqui
Me dirigirei, com o corpo trémulo cabonde, porquanto
Sempre me acompanham o entorpecedor frio, os aguaceiros,
A neve, o gelo, os ventos, os trovões, o estrondo e a geada:

Mas assim mesmo para aí irei, pois é certo que não sinto pequena
Confiança na minha chegada, mui excelente Padre, pois,
Quando eu cobrava maior vigor com o duro mês de Jano,
Pelos teus merecimentos co' esta honra te ornou o rei Filipe.⁹⁰
Porventura não me conheces? No cimo da Serra da Estrela,
Próximo de Castelo Branco, aparelhei morada:
A minha casa é aqui, Portugal esta serra me ofereceu,
Para que em seu alto cimo estabelecesse a minha morada.
Aqui, eras meu vizinho; mas a vizinhança, para mim sempre
Grata, pouco o foi para ti. Em melhores pascigos apascenta
Agora maiores rebanhos, que brandamente acalentarei,
E já os meus frios menos hão de molestar-te, ó pastor.

Primavera:

Agora assiste-me o direito de queixar-me de ti,
Ó outono: por que razão tanto te ensoberbeces? Por que
Razão assim falas e arrogante avanças e com as tuas palavras
Nos indispões? Assim desprezas as minhas flores e a folhagem
Do estio, que há pouco oferecemos ao bispo
Com tão boa vontade? É esta a paga que de ti recebo
Pelos benefícios que te ofereci? Pagar-te-ei na mesma moeda.

Outono:

Que benefícios me lançaste tu em rosto, ó primavera?
Agora não faço qualquer conta dos vossos benefícios.
Dizes que eu sou soberbo? Que o sou também reconheço.
Pasma desta confiança com que te falo?
[vº] Não renego o meu atrevimento nem a minha presunção.
Por que razão assim te despraz a verdade?

Z

⁹⁰ Se bem entendemos estes versos o seu tanto enleados, pensámos que o autor pretende significar que o rei Filipe II de Portugal, III de Espanha, recebeu, e transmitiu a D. Afonso, a confirmação papal da nomeação para o cargo episcopal no mês de janeiro de 1616. Com efeito, a bula de confirmação de Paulo V tem a data de 5 de dezembro do ano anterior, sendo de supor que terá chegado a Espanha nos começos de janeiro de 1616.

Verão:

Ainda que se trate de palavras verdadeiras, mesmo assim
Penso que não devem dizer-se. Mas, dize-me: sem flores
E folhas seria alguma vez o outono cousa alguma?
Não podes ensoberbecer-te assim, ó outono,
Seria preferível que falasses com mais comedimento.

Outono:

Como a inveja corrói e atormenta as vossas almas,
Não podeis fazer-me mal. Estou ciente de que por causa
Da minha glória estais tomados pela inveja.
A mim cabe a honra desta vinda: estais assim
Mortificados porque a sorte me sorriu.

Primavera:

Quem poderá tolerar tão grande insolência?
O outono ensandeceu, está louco, a demência
Fá-lo tresvariar. As bravatas do soberbo incomodam
E de sobejo agridem os ouvidos do auditório.

Outono:

A tua presença, ó prelado, faz que aos demais
Eu pareça soberbo: é tão grande a minha alegria
Que sou julgado e tido na conta de soberbo. Eu
Não responderei mais à primavera e ao verão:
Que ladre a primavera e o verão murmure, nada eu direi.

Verão:

Cuidas, ó outono, que eu sou contrário a ti?
Enganas-te. De facto, nem os meus sentimentos
Nem a minha disposição de ânimo jamais a ti foram
Alheios, mas critico assaz a tua arrogância, com que
Desprezas os presentes que oferecíamos
A um tão grande hóspede, a um tão ilustre bispo.

Outono:

Eu fico mudo, pacientemente me calo: falai.

Inverno:

Outono, a primavera inveja-te; rogo-te que te cales.
Ainda que o verão afirme que é teu amigo,
Não o creias nem tão-pouco lhe dê ouvidos.
Deste no vinte: foi sempre a inveja quem assim
Agitou os sentimentos da primavera e verão.

Ano:

Porque fazeis perder tempo com vossos dislates?
[147] Deixai-vos de brigas ou reservai-as para outro
Dia mais adequado. Agora dirijamo-nos ao hóspede,
Que quer ir-se embora, com os usuais ritmos de um
Poema de aplauso ou com algum outro metro:
Prometei dias bem agoirados e uma saúde próspera
Para o futuro, para que daqui parta com boa disposição.

Primavera:

A todos apraz esse teu parecer.
Eu, a primavera, prometo-te ditosos tempos de primavera
E durante a minha época hás de estar sempre são.

Verão:

Afianço-te todos os anos grandes celeiros cheios de frutos
Ó bispo, e que nesta cidade o meu calor não há de causar danos.

Outono:

Atrevo-me a prometer frutos seletos e que na minha
Estação não haverá doenças que te atribulem.

Inverno:

Porque outra coisa prometer-te não posso, os meus meses
Hão de sempre manter afastadas e longe de ti as doenças.

Ano:

Enquanto não se apresenta o fim, que já está iminente,
O meu maior cuidado há de ser com a tua saúde.

ALOCUÇÃO PRELIMINAR

Do oitavo ginásio

Finalmente alvoreceu aquele ditoso e afortunado dia no qual livremente nos apossamos da grata presença (ó mui ilustre Senhor bispo-conde, a quem no passado vimos com o mais elevado empenho governar a mocidade consagrada ao estudo, e agora contemplamos, veneramos e reverenciamos resplandecente na maior dignidade), por todos assaz esperada, e muito e há longo tempo desejada, se não durante o tempo que é justo, pelo menos por um breve espaço de tempo. Mas, dizeis, a que fim, esquecido do teu ofício, a que fim visa este teu discurso? Que tem a ver o gramático com as musas mais amenas? Por que razão te arrogas o saber literário, como os presentes, uma vez que antes deverias ocupar-te do passado? Porém esse gracejo, di-lo-ei com vossa permissão, é a minha desculpa. De facto, diante de um tão grande prelado à memória escapa todo o passado, com a só presença do ilustríssimo Senhor D. Afonso, cai em perpétuo esquecimento tudo o mais e de uma certa maneira fica expungido. É que com a sua felicíssima presença de tal sorte arrebatava os olhos de todos, as almas seduz e furta os corações que com toda a propriedade lhe cabe o ilustríssimo sobrenome de *Furtado*.

Em ti, ó ilustríssimo bispo, te assenta aquela túnica de linho, [v^o] que o pontífice dos hebreus usava quando se apresentava à vista de todos, porque era de tal maneira artisticamente tecida que, devido a certas figuras ininterruptas de olhos e corações, estampadas a toda a volta, para si atraía e roubava os olhos e corações de todos. Por conseguinte, ao ver-te presente, imediatamente me acode ao espírito aquele mui nobre brasão dos teus antepassados, que possuis, ornas e abrilhantas como por direito hereditário, não sem grande lustre dos teus maiores. Ora, no escudo esquartelado em aspa⁹² apresentam-se muitas cousas dignas de admiração, as quais, se fos-

⁹¹ Nome e sobrenome do autor riscados de modo a não permitir a leitura, conquanto pareça que se encontram antecidos das letras *fr*, abreviatura de *frater* ("irmão").

⁹² Ou *franjado*. Para boa inteligência do passo por parte do leitor pouco testo em heráldica, passamos a citar a descrição das armas dos Mendoças, com referência aos Condes de Val de Reis, tal como apresentada por Braancamp Freire, *Armoria Lusitana*, s. l., 1900, p. 320: "Franchado de verde e oiro; no verde, banda de vermelho perfilada de oiro; no oiro, a *dextra* AVE, e a *sinistra* MARIA, em letras de azul, postas em faixa e dispostas em pala." – Lembre-se que o bispo D. Afonso pertencia ao ramo dos Mendoças da Comenda das Entradas.

sem mais de espaço examinadas, pediam uma longa exposição. Todavia, tocarei em algumas com brevidade, por forma a, limitado pelas estreitezas de tempo, não deixar todos por tratar. Na parte superior do escudo estendem-se três bandas, que em português dizemos *barras*, tantas quantas na parte inferior: a que se encontra no meio de ambas é vermelha, mostrando-se de cor verde as restantes. A parte do meio do escudo nobilita-se, não tanto pelo campo de oiro por que se estende, quanto pela saudação angélica, gravada em letras azuis como em gemas indiáticas. Eis o brasão de família, que, se o tempo o permitir, poder-se-á coroar com o tríplice raminho, como era costume dos antigos. Hei de fazê-lo entrançado de palma, oliveira e loureiro: empreenderei mostrar quanto tudo isto se adegue ao meu tema, e, se não em conformidade com a sua importância, pelo menos na medida da minha fraqueza.

São três, mui nobre prelado, as cousas que sobretudo recomendam a tua família: a régia nobreza do sangue, a admirável intrepidez na guerra e o extraordinário conhecimento das ciências mais excelentes. O régio lustre do sangue, quem não o reconhece é cego, ou, tão abalado pelos seus ofuscantes raios, de tal maneira parece ficar cego que não se atreve a olhar diretamente o esplendor do sol nascente. Aqui, se as estreitezas de tempo não impedissem, enumeraria muitos condes, marqueses, duques e grandes senhores que, reluzindo com aquele régio brilho, iluminaram quase o mundo inteiro; inúmeros que assaz se assinalaram pelo denodo militar. Invoco como testemunha as regiões orientais, que hão de contar, nunca na proporção do que merecem, as conhecidas façanhas afoutamente cometidas por esta ilustríssima família. Será ignorante quem não conhecer os ilustríssimos bispos, arcebispos e cardeais que, como frondosas vergôntes, abundantemente brotaram desta régia árvore. Mas, que necessidade tenho de estar a enumerar esparsamente aquelas qualidades que em ti de forma venturosa se juntam?

Com efeito, *tens ajuntadas as qualidades que juntas santos fazem*,⁹³ conforme cantou Claudiano acerca do seu amigo Estilício. Quem não venera em ti o ânimo régio debuxado no campo doirado do teu brasão? Com a máxima justiça para ti reivindicas um ânimo de rei e um campo doirado, ilustríssimo prelado, ou melhor: mãos de oiro e torneadas, que, para acudir às misérias dos pobres, de tal guisa se derramaram e ofereceram que não existe ninguém que não apregoe a tua liberalidade, ninguém que não se aperceba desta régia munificência, ninguém que não admire estas mãos cheias de jacintos.

⁹³ Claudiano, *Panegírico de Estilício*, 34-35.

Por outro lado, quem não olha com pasmo para a intrepidez militar e firmeza de ânimo contra as agressivas tropas inimigas? Certamente há de olhar com pasmo quem dirigir a sua atenção para aquela jornada feita contra a vila de Buarcos. Sabeis, alguns de entre os que estais presentes, que o ilustríssimo bispo, quando desempenhava as funções de reitor, galhardamente se comportou não apenas como reitor, mas como chefe e general. Anunciou-se em Coimbra que os inimigos ingleses tinham desembarcado em Buarcos. Eis que logo o reitor se fez prestes, não para empreender a fuga, mas para com rápido voo se dirigir a toda a brida contra os acérrimos inimigos do nome cristão, como se então já afortunadamente gozasse do título, que hoje tem, de conde. Mostram esta intrepidez guerreira aquelas bandas vermelhas no seu brasão, as quais a este enaltecem com mais venturoso quinhão do que a púrpura de Tiro às régias vestes.

Ora, aquelas felicíssimas oito primeiras letras da saudação angélica, mui apropriadamente postas em campo doirado, parece-me [148] que proclamam que a tua sabedoria, não simples, mas multiplicada, trouxe muito lustre ao áureo campo da régia linhagem. Desta sabedoria, consorciada com uma admirável prudência, toma conhecimento o sereníssimo rei das Espanhas D. Filipe, segundo só no nome, o qual te nomeou reitor da Academia conimbricense; imitando o pai, o filho, terceiro do mesmo nome, levou-te daqui para Madrid, onde fizeste resplandecer o tesouro da tua sabedoria, ao fazeres parte dos Conselhos de sua católica majestade. Igualmente o testifica Lisboa, que não apenas te recebeu como presidente da Mesa da Consciência, mas te admirou como insuperável. Testificam esta admirável sabedoria as *Constituições sinodais* que elaboraste não sem pequeno trabalho para o bispado da Guarda.⁹⁴ Mas, que dizer, em relação à diocese da Guarda? Que a Guarda fique calada e não pranteie o doce penhor para nós Furtado, que manteve em seu poder durante mais tempo do que era justo.

Venturosa Coimbra, conserva o ilustre e precioso depósito, venera-o depois de restituído. *Ó assaz ditosos cidadãos de Coimbra se seus bens*

⁹⁴ Foram impressas em 1621, em Lisboa, por Pedro Crasbeeck, sob o nome do então bispo da Guarda D. Francisco de Castro, que no prefácio, datado de 20 de novembro daquele ano, reconhece a autoria do seu predecessor com as seguintes palavras: "O Senhor D. Afonso Furtado de Mendonça (...) fez de novo estas *Constituições* e, convocando sínodo diocesano para 29 de Junho de 1614 anos (...) foram nele publicadas e aceitadas e depois vistas e examinadas em ua junta para isso ordenada (...) com licença para se imprimirem, o que não deixou feito por sua translação deste bispado ao de Coimbra. (...) e por entendermos que estas *Constituições* estão mui conformes aos santos cânones (...) as mandamos imprimir e publicar, havendo que esta última obrigação foi a que somente nos deixou o santo zelo e fervorosa vigilância de nosso predecessor."

*conhecessem!*⁹⁵ Esta é a morada, ó ilustríssimo prelado, que propriamente te compete: a saber, no coração do reino, pois é assim que se chama a Coimbra, e não toleraremos que daqui se parta, a não ser para ocupar a sé da capital do reino ou a da primaz das Espanhas ou,⁹⁶ algo que será mais luzido, para se condecorar com a púrpura cardinalícia. Tudo isto mostram e nos mandam que esperemos, e a ti estão ditosamente vaticinando, aquelas quatro bandas de cor verde do teu brasão familiar, ó mui ilustre prelado.

A nobreza, Coimbra, a Companhia de Jesus e a virtude acolhem como hóspede o ilustríssimo bispo D. Afonso Furtado de Mendoça

A nobreza ao bispo:

Ó lustre da Hispânia e prenda dos astros caída, honra
Da cidade e amor do povo, *o homem mais justo que*
*Aspirou as étereas auras e o mais zeloso cumpridor da justiça:*⁹⁷
Oh! Que sejas propício e bom para os teus! Visita as escolas
Que livremente confessam que te estão inteiramente obrigadas.

A nobreza aos companheiros:

*Digamos palavras de bom agoiro:*⁹⁸ *ele que é da linhagem*
*Do Olimpo,*⁹⁹ ouvirá e em silêncio há de haurir nossa poesia.

A nobreza a Coimbra:

Coimbra, nunca cesses de entoar louvores ao Senhor
Que a celeste divindade te concedeu como pastor.

⁹⁵ Cf. Virgílio, *Geórgicas* 2. 458-459: *O fortunatos nimium, si sua bona norint, agricolas!*

⁹⁶ Vaticínios ambos que se cumpriram, com a acessão à primacial prelatura bracarense em 1618 e a nomeação para arcebispo de Lisboa em 1626. Quanto à púrpura cardinalícia, padeceu D. Afonso a sorte comum a todos os prelados lusos durante os sessenta anos da união ibérica, que dela sem exceção foram expeditamente arredados nas nomeações para cardeais apresentadas ao papa pelos monarcas Habsburgo.

⁹⁷ Cf. Virgílio, *Eneida* 2. 426-427: *iustissimus unus / Qui fuit in Teucris et servantissimus aequi.*

⁹⁸ Tibulo, 2. 2. 1: *Dicamus bona uerba: uenit Natalis ad aras.*

⁹⁹ Virgílio, *Eneida* 6. 834: *tuque prior tu parce genus qui ducis Olympo.*

Coimbra ao bispo:

Se a terra mandasse oiro para a cidadela de Hércules,
Se o Indo tesoiros oferecesse nas águas misturados,
Se Roma, a soberana, desse augustas tiaras
E a alevantada corte posições de grande peso:
[vº] Eu, os bens desprezando, a todos agora poderia dizer:
Daqui se apartem tais dádivas, com um bispo assim rica serei.

A nobreza à Companhia de Jesus:

Companheiros aos quais assinala de Jesus o nome,
Ao céu dai as merecidas graças por um tão grande bispo.

A Companhia de Jesus ao bispo:

Enquanto os benfazejos astros te dão a elevada tiara
E assumes o pastoral cuidado do rebanho,
Os grão-senhores lusos e a corte regozijam-se por a teus feitos tão
Merecidamente se haver concedido esta honraria.
Nós lamentamos que esta seja inferior aos teus méritos,
Pois a terra mal seria digna de como bispo ter-te.
É que a superior virtude de tal sorte te guindou até ao céu
Que de humano só tens o poder morrer.
Testemunho deras de não pequeno amor por mim,
Quando um poder hostil atacou os meus filhos.
Na tua presença, presente estava o remédio, a gente ruim
Não se movia e, ao ver-te seguro, segura me sentia.
Acumulas agora uma dignidade maior que as antigas,
Também agora me ata um amor mais estreito que o antigo.
Para defesa deste amor meus filhos te entrego e, se pudesse
Dar mais do que os meus filhos, dá-lo-ia.
Todavia, rogo aos céus que te recompensem com prémios
Dignos e te concedam que possas viver felizes dias.

A nobreza à virtude:

Dize, virtude, em que terra ou em que mundo brilha
Um bispo que em virtude e sangue a Afonso se semelhe?

A virtude ao bispo:

Se a imagem da piedade ainda vive na terra
E o esplendor das virtudes a levar para os céus;
Se existir alguém que de tal modo segure as rédeas do poder
Que por inteiro penda e se encaminhe para o senhorio do mundo;
Se alguém merece as honras dos homens e dos santos:
Que eu morra, se esse não for o meu hóspede.

A virtude à nobreza:

Se este meu bispo se avanta em virtude e sangue,
[149] Por que razão, ó nobreza, não o presenteias com mais honrarias?

A nobreza ao bispo:

Porque estou ciente de que não correspondeste a tantos méritos,
Para que não pareças que palavras te dei, isto te darei.
Reconheço que te dei pouco, mas garanto que a quem muito merece
Por algum modo hão de conceder-se honras aos seus feitos.
Enquanto para ti procuro melhor galardão, ó bispo, tempo e
Licença me concede, e hás de receber prémios dignos de teus feitos.
Mas, que prometo de proporcionado a feitos tão imensos,
Para os quais nem Roma nem o mundo serão proporcionados?
Se se ajuntarem em um só os presentes de prelados e reis,
Serás maior que o presente de prelados e reis.
Mal conhecemos, mesmo pequena, uma cidade de Portugal
Na qual não darias exemplos de virtudes.
Os estrangeiros reinos, se te vissem, ter-te-iam invejado,
E os astros de ti sentiriam inveja, se Deus não se opusesse.
Agora, avante, e, com tuas façanhas, até aos astros leva o povo
*Herculano.*¹⁰⁰ Planta virtudes e com a foice cerceia o mal.
Assim quero e assim ordeno. Esta sorte te concede a divindade,
Este destino te fixou e impôs o Rei dos seres celestiais.

¹⁰⁰ Cf. Virgílio, *Eneida* 3. 463: *Vade, age, et ingentem factis fer ad aethera Troiam*. – Com a expressão “herculano povo” refere-se à população de Coimbra, cidade cuja fundação a erudição humanística nacional quinhentista, como já atrás se disse e os anteriores textos mais de uma vez comprovaram, atribuía por vezes a Hércules.

Coimbra ao bispo:

Raiou o ditoso dia e que deve marcar-se com bela pedrinha
Em que se me concede contemplar o semblante do bispo.

A virtude ao bispo:

Oh se o florido Abril agora matizasse os campos
Para que o meu hóspede os pés assentasse em violetas!

A nobreza ao bispo:

De bom grado vos esparzo,¹⁰¹ a vós que poupou o negro e
Forte inverno: esmagadas melhor cheiro derramareis.

A Companhia de Jesus ao bispo:

Se pudesse oscular os santos pés, julgar-me-ia mais importante
Do que se tivesse com o dedo tocado os astros do céu.

A virtude ao bispo:

Vive por dilatado tempo, ó bispo, glória da virtude, vive,
Pois minha glória estará segura, ao ver-te seguro: vive!

[vº]

A nobreza ao bispo:

Vive, ó ditosa âncora da minha vida, vive,
Ó honra, lustre, luz e graça da nobreza: vive!

A Companhia de Jesus ao bispo:

Vive, ó nosso lustre, bispo nobilíssimo, vive,
A quem o Senhor do Alto se compraz em dilatar a vida: vive!

¹⁰¹ NOTA LATERAL DO MANUSCRITO: *Neste ponto esparzem-se [no chão] flores.*

Coimbra ao bispo:

Vive, ó pai dos pobres, única esperança da pátria, vive,
Esta palavra entoam a pátria, os pobres e os astros: vive!

A nobreza ao bispo:

Estes versos te consagramos por enquanto, ó Afonso:
Se outra vez aqui vieres, cantos melhores cantaremos.

TEXTOS LATINOS ORIGINAIS

Código 994 da BGUC

[136]

Habita a Patre Apolinare d' Almeida

ORATIO QVA EXCEPTVS EST D. D. ALPHONSVS FVRTADO DE
MENDONÇA, MENSE NOVEMBRIS 1616 IN PVBLICA AVLA CONIMBRICENSI

Debellato ad orientem Cunhalio, crudelissimo Lusitaniae hoste, auspiciis, consilio et uirtute inuictissimi imperatoris, belli fulminis, patriae immortalis gloriae, cognomento Furtadi laetissimum laureati milites paeana uictori duci concordēs cecinerunt, non ad citharam et plectrum molles et eneruati, non ad Pharia sinistra traiecto Erythraeo mari nec ad feminea Palaestinarum uirginum, gigante occiso, tympana, sed ad tubas, lituos et classica uiriliter temperatum. Cuius ea mens: "Commodatum sibi postulauit a caelo terra ducem, sed uerita repulsam illum furata est." O bracteata sententiam, o auream cantilenam, o Martialem musicam Alcaeī numeris, Achyllis fidibus, Arionis cithara, musarum uocibus, Mercurii testudine, lyra Apollinis, eburnea modulate referendam. Iuuat iterum repetere: "Ne terra a caelo peteret ferretque repulsam furari est hunc ausa ducem uiolentior astris."

Heu! Cadit in quemquam, nedum in caelum, tantum nefas! Tanta caelitis inuidia ut nec uellent inclytum ad expeditionem arduam difficilem imperatorem, ad breue tempus saltem, commodare? Ite, Lusitanae cohortes, iuuenes lectissimi, iamdudum caelo uis infertur, inferte, rapite et furamini ut contractam qualemcumque reflantis fortunae labem tali ductore deletis uicemque abunde rependatis! Equis me in ipsis carceribus, in ipso limite, uix tanto hospite salutato, e uestigio subito uertice correptum ad sitientes Indos procul a nobis ad orientem sitos, prope oceani reflexus et solis ortus, ad Malabaricam oram, ad Calecutanam regionem Pegaso uelociorem detulit? Alterum in ortu, aliud in occasu furtum mihi tempestiue reduxit in memoriam. Non opus est coniectore, facessant pythones et aruspices: ante uestros oculos et ora furtum hoc positum est. Conspicite, suspicite, ueneramini, facile mihi agnoscitis, facillime extemporarium inexpectatumque dicendi feruorem condonabitis.

O praedatricem Conimbricam, o furacem et insidiatricem urbem: *non fuerunt tam piceatae manus Autolyçi*, non tam callidum Mercurii ingenium, non tam recurui pedes Phoebei corui nec tam unci ad harpagandum ungues

louis armigeri. Nouum tibi nomen indam, uel potius, nominibus obruam et uocabo iure optimo: accelera, spolia detrahe, festina praedari. Ne quis me iniurium dicat et calumniatorem arguat, refriccate paululum memoriam rationumque momenta iustissimi ad libram prudenter expendite, enimuero ipse urbis uestrae situs non factus humano artificio, sed a Deo optimo maximo conditus uidetur ad has generosas praedas. Hinc inde clementer assurgens liberum circumquaque oculis prospectum exhibet, uallibus fraudi accommodis circumdatur; non procul abest mare; ad radices praeter labitur Monda fluuius leuibus ad excurrendum phasellis, errant campis armenta uelocissimarum equarum, quales nec Epirus genuit aut Mycaenae, quales non uidit Elis in Olympiaco puluere et certamine.

In tristi et calamitosa Africae expeditione nobilissimus D. Emmanuel Menesius, egregius antistes, munere suo gloriose functus occubuit. De successore agebatur: quem urbs haec sortita est? Sortita? Parum dico: quem postulauit? Postulauit, immo quem elegit? Elegit autem quem uoluit et designauit, et post Gasparem Casalium, Leirinensem episcopum, quasi nullus intra regni limites arrisisset animo, nullus optatis plenissime satisfaceret, fines praetergressa Lusitaniae ultra Lunae promontorium ad Sacrum mediterraneum uersus, ex Algarbiorum regno D. Alphonsus Albi Castrensem pastorem omnibus [vº] numeris absolutum ad praedam destinauit, destinato diu feliciter potita est. Hic ad meliora translatus praemia, quibus illius merita et suauius uirtutum concentus remuneranda erant uacuum reliquit aulam, lares ac penetralia deseruit parietesque ipsos tristi silentio et tacitis suspiriis ob domini absentiam lugentes.

Vix lacrimas Conimbrica absterserat, obtutum purificat, aciem intendit acutissimam, manus expedit et in beatam de more rapinam armat. Aquilam dixerunt poetae fulminantis louis ministrum eo quod illam in commentito Ganymedis raptu fidelem expertus fuerit, ut mensis adstaret pocillator et pincerna nectar ambrosiamque officii causa praegustaret. Itaque supra nubium tractus praepetibus pennis uolans *in ipso solo aetheris et fastigio hiemis uelificatas alas et pennarum indefessa remigia, quo libuit aduertens modico caudae gubernaculo*; dein paulisper cunctabundo uolatu paene eodem loco pendula, cuncta eminus despiciens, non incuriosum agnum, non insultantem pratis haedum, non *meticulosum leporem*, sed regium puerum ueloces frondosae Idae ceruos iaculo cursuque fatigantem dicto citius inuolauit.

Abite, deliramenta uatum, abite, aniles fabulae, Graeciae mendacis nugae, nebula fumoque uaniores! Vrbs uestra Herculea qualibet aquila uelocior, qualibet ualidior et perspicacior: aptum desolatae aulae solacium, dignum palatio praesidem, dignum tot oppidis patronum ac pastorem popu-

lis studiose quaesiuit; quaesitum comprehendit; comprehensum illico domum rediit, fortunato iactu, nobili furto diues et gloriosa.

“O speciosa oratoris dicta!”, obiiciet inuidus aliquis exedente uiscera liuor. “O uerba phalerata et inania, o panegyrim bullatis nugis turgidam! O fragile falsae gloriae choragium! Nam, ut apparet, uel ex oceani penetralibus glauco amictu uernantibus, uelut margaritae et uniones, aut ex terrae meditullio et uisceribus, uelut obryzum aurum, ex Brasiliae siluis opobalsama sudantibus, ex odoriferis Ceilani nemoribus, ex Hesperidum hortis haec poma aurea, ex *Britannis diuisis penitus* nostro orbe haec dibapha purpura, ex fodinis Amaricae et Sopalae hoc aurum et argentum, ab *extremis hominum Morinis* nouus hic pastor et patronus emendus et extrahendus est et in Herculeos agros importandus. Post Menesium, Casalium et Albicastrum, quid superest, nisi tertius hic excidat e caelo lato?”

O mordacem cauillatorem rabiosum, insanum et uecordem o monstrum, o furiam! Vnus tu qui iustitiae fraudulenter intercederes, unus qui ueritati impudenter detraheres: unus, qui mea dicta eleuares, peroranti inuidiam conflares et uanitatis uaniloquus argueres! O uiperiam linguam ceruicibus euellendam radicitus: obmutesce pisce taciturnior omnium bipedum nequissime. E caelo, iterum dico, e caelo, ab astris excidit nouus hic pastor, qui dispersos greges et palantes colligeret, pasceret ac defenderet. Subscribitis mihi, taciti auditores; subscribitis, calculum additis ex melioribus lapillis. Id asseuerant nobiles; id affirmant religiosae familiae; id omnia urbis collegia asserunt; id nostrum, uel potius, tuum hoc (praesul e millibus electissime!) confirmat; id plebei fatentur; id clamant pauperes: et facto agmine certatim eunt pedibus in hanc sententiam.

Vt primum hic nuntiatum est nostrae urbis te aditurum prouinciam (cetera quae manifesta sunt laetitiae signa praetermitto) inter egenos et mendicos una uox percrebuit ut commune egestatis leuamen, publicum aerumnarum remedium, communem patronum et parentem ordinibus diuisi extra urbem honorifice exciperent, quod, si pauperibus caeleste regnum non promissum, sed datum, si ingeniosa est ad explorandum [137] egestas, si felices habet alas paupertas, quibus facillime in empyreum uoletur: egenorum tutela praesul a caelo non magicis carminibus deducendus, at communibus uotis expetendis; communibus precibus impetrandus aut facto impetu uiolenter rapiendus. Expetiuerunt, impetrarunt, rapuerunt tenues ac famelici pauperes, etenim aues, quas natura rostro unguibusque armauit ad rapinam, tum magis probantur cum famelicae; canes, quos ad uenatum instruxit, ut ipsa fames et miseria acrius stimulet, defectus uelocius expediret, necessitas breuius edoceret.

Insignem Argonautarum nauigationem, qua Iason ad rapiendum uellus aureum profectus est, numerosis poetarum carminibus immodice antiquitas celebravit ipsamque nauim Argo in stellarum numerum fabulose retulit. Consulti hac de re mythologi respondent Iasonem ad deripiendam Scytharum opulentiam nauigasse, eo quod *non procul a Caucaso monte aliqui torrentes aurum deferre dicerentur, quod tabulis perforatis ac lanosis pellibus Scythis excipere mos erat*. Meministis optime diuites appellasse quemdam non imprudenter, *oues aureo uellere onustas*. Conimbricam Iasonem libenter appellabo, quae tam opulentum aurei uelleris ac pastoris furtum ausa est deripere: ab scopo enim non deuiabit, qui integerrimum, sapientissimum ac munificum antistitem aureum uellus dixerit, non ad uanum splendorem emicans, sed sparsum ouium suarum pellibus. Perforatis tabulis fluuiorum ramenta excipiebantur, perfuratis manibus quidquid diuitiarum nanciscitur liberaliter effundit effunderetque in egenos Croesi et Darii opes atque aureos Persarum montes. In quo illud meo iudicio maximum praestitit, ne rogarent scilicet illi quibus opus erat: hoc per publicas uias testantur uiatores, quibus munuscula sponte largiebatur et fere ut acciperent gratissimam uim inferebat.

Non erant haec breuiter obiterque attingenda. Diutius hic immorandum lactea sermonis ubertate: amplam hic materiam habuissent *Homerici oratores subtilis libera dictione Menelaus et instar profundae grandinis ductor Ithacensis melleoque delibutus eloquio tertiae iam aetatis Nestor*. Omnibus ad excurrendum spatium non deesset, alta nempe bonitas, praesens comitas, temperata seueritas, castitas et modestia non tam affectata quam ingenua et innata aliaque uirtutis exempla, quae sequi cupiat uentura posteritas meridiana luce clariora. Quarum uiua et expressa uestigia Conimbricensis Academia osculatur, quorum fidem facit Regium Catholicae Maiestatis Concilium, quorum certissimum testimonium praefert grauissimum Conscientiae Tribunal. Possent ire per reliquias appellationes et gradus, a quibus non tam honorem accepit quam duplicato fenore refudit: haec tamen *reuerentius fuerit integra illibataque cogitationibus uestris reseruari quam carptim breuiterque perstringi: quia fere sequitur ut illa, de quibus taceas, tanta quanta sunt esse uideantur*. Habetis quidem pontificem et pastorem temptatum per omnia grauissima munera omniumque suffragiis probatum et, quemadmodum aurea fluuiorum ramenta perenni aquarum agitatione puriora ac splendoriora redduntur, sic rerum decursu negotiorum experientia, officiorum peritia, laborum attritu, molestiarum patientia uellus hoc aureum purius, splendidius ac praestantius euasit: dignius Argoa nauim et Phrixeo ariete ut inter sidera locaretur. Locatum interim et depositum in stellifero monte, custoditum Aegitaniae, ut illud

opportuno tempore uestra urbs potiori iure et antiquiori peteret ac non impetrans, ut furtium iniecta manu animose uindicaret.

[vº] Illud communi gaudio obstare uidebatur et Conimbricensium splendori aliquam infamiae nuberculam obducere, aliquam honori labem porgere famaeque notam incurrere. Nam, cum omnium gentium, quantumuis barbararum, communi iure, possidentis condicio longe melior habeatur, aequi rerum aestimatores immane scelus reputabunt Aegitaniam tanto praesule spoliare illumque sibi uindicare uno titulo, quod placuerit. Expectare praesentium aures sentio et eminere in omnium uultu intellego quod desiderio concipitur animorum, quo pacto hos Gordianos nudos pari felicitate scindam aut soluam; quis Delius natator haec expediat; quis Aedipus hos Sphyngris griphos explicet; quis Babylonios hosce numeros enumeret et Baeotica aenigmata declaret?

Non offendunt mihi Cimmerias tenebras haec argumenta nec difficultatis uictus magnitudine et oppressus redigar ad silentium. Rem plenius ac planius nullis ut circulator circumforaneus praestigiis proponam. Nemo non scit celebrem esse in tota Lusitania Stellae Montem multis oppidis frequentem, multorum fluuiorum patrem et ubi niues diffugere, amoenitate pulchrum, ob pabuli abundantiam pecorosum, Herminium ueteres appellabant. Cur illustrius ab Stella nomen traxerit, unde sibi et quo iure usurpauerit ac furatus fuerit, uix indigenae causam reddunt uerisimilem: inditum dicitur a pastoribus argumento stellae in summitate cuiusdam rupis a natura effigiatae. In hoc tractu sita est Aegitania prouinciae caput. *Guarda* uulgari nomenclatura, quae nostrate idiomate “custodiam” sonat. Pro stemmate turrem habet tribus minoribus propugnaculis coronatam.

Quorsum haec tam longe petita? Non abs re profecto; uerum ut intellegatis mutuis furtis rem agi feracissimamque urbem non facile nobis posse furti actionem intentare. Parco maledictis, ne ex aliena infamia puerili iactantia uobis laudem quaeram; nec illius soli caelique intemperiem incuso. Illa se indicio prodit manifesto fateturque indignam esse tanto praesule, quem singulis annis, alio ueluti exsulem amandabat cogebatque pluribus mensibus Albicastro subsistere, ne penetrabilius illius Aeoliae frigoribus adureretur aeternisue niuibus geluque obrigesceret et instar campestrium Scytharum, quorum domus plaustis irrequietae trahuntur, huc illuc uagum semestri hospitio fatigabat et sub clementiae pietatisque specie crudeliter enecabat, quamobrem ipsamet Aegitania iudice anni dimidio illustrissimum antistitem non possidebat, quandoquidem illum uidere non merebat.

Aegre ferunt mortales in mari idoneas ad nauigandum tempestates praestolari, quanto aegrius in media Lusitania menses computare, sidera

speculari, uerna explorare signa ut in sua tecta securi redeant. Externarum auium condicio est ciconiarum et hirundinum statis anni temporibus adesse iterumque abesse, uerno tempore accedere, rostro plausitare, cantillare, minurire, animo tamen redeundi insalutato hospite ad prima hiemis impendentis signa. Quapropter iure domicilii uix Aegitania possessionem defendet: ad alia fugiendum est ut suum ius, si quod habet, tueatur. Erit tamen illi solacium non mediocre magna Conimbricae dextera superari: adhuc enim illos fundatoris sui Herculis spiritus et uirtutem prae se fert, qua Geryones Hispaniarum reges diuisit, opima spolia comparauit, greges et armenta, illius temporis diuitias, abegit tergeminis honoribus insignis.

Male rebus tuis, Aegitania, consuluisti, male custodisti tuum principem: non melius a *Custodia* Lusitanum nomen trahis quam a luce lucus per anti-phrasim, bellum a pulchritudine, a mansuetudine eumenides. Quid tibi profuerunt gentilicia, turres et propugnacula? Profecto nihil. Tam pretiosum [138] thesaurum, tam facile aliis credebas passimque discurrere, ne exulare dicam, permittebas? Itane? Tuos quaestus non admiito, ignaua tuas querelas non audio, o iners; ad tuos clamores obscurdesco, deses; non me tuae lacrimae et suspiria serae paenitentiae flectunt et emolliunt. Inclusam Danaen aenea turre diligentissime parens Acrisius asseruabat, deceptus tamen est; Cerberus triceps et oculatus Argo sopitus, peruigil Hesperidum draco elusus: debueras alieno capite experiri; alieno malo sapere. Thesaurumque tuum, ne in Conimbricensium heroicum furtum uerteretur, speluncis abdere et accuratissime abscondere. Sed, quid potest ciuitas abscondi supra montem et quidem stelliferum lampasque solis aemula inuidiose obtego quin transluceat ac radios tam doctrinae quam sanctimoniae clarissimos liberaliter spargat?

Gratulor ex animo felicitati uestrae, auditores gratulor tibi, Conimbrica, quod tam eximium praesulem in quo naturae, industriae gratiaeque dotes fulgurant uel ex ipsa Guardae custodia abstrexeris et ab altissimis stellae rupibus deduxeris; laudo artem et industriam, laudo sollertiam et studium: tali gloriare furto, inter alias urbes caput altius atolles quando sublimi uertice sidera uerticemque stelliferum attigisti. Si quis tua expendat merita et ad calculos reducat aut stateram: laconice respondebis. Rationem felicitatis nemo reddit. Ne tamen apud ignaros et imperitos uno silentio iniustitiam fraudemque tueri ac protelare uidearis: mihi conflatur haec inuidia, tuas ego partes agam.

Et cur, praesul clarissime, quamuis animo multas praeuideres tempestates, Conimbricam moderari recusares? Non effugeres ingrati animi notam, si altrici tuae parem amorem non rependeres gratiasque cum posses non referres. Illa te multos annos grauius discentem uidit, laudauit et erudiit ut

non solum alios, sed illammet ipse postea sapienter erudires. Hoc ipsum nobilissimi D. Petri sodales deperibant: numquid eos prae tui desiderio contabescere emorique permitteres? Idem florentissima Academia unice cupiebat rectoremque olim suum tiara pontificisque infulis radiantem non ex Sinae culminibus, ut Moysem Hebraeorum populus, sed ex montis stelliferi uertice descendentem aspectuque solo scholas, Lycaea et atria laetissime recreantem iamdudum exspectabat. Te summi, te infimi et utriusque sortis ac conditionis incolae, ut [uno] uerbo dicam, te ciuitas et prouincia uniuersa in dies ardentem sperabat. Etenim haeret adhuc animis infixum, quod nulla delebit aetas, *aere perennius* immortale beneficium, quo illam plusquam trabali clauo et catenis adamantinis fortiter iunxisti.

Adestis qui oculis rem uidistis: immo, in partem laboris adfuestis, cum ad Anglicanorum piratarum aduentum, direpto iam repentina descensione oppido in ora maritima Buarco, generosus Academiae moderator Alphonsus solo nomine formidabilis milites euocauit, lectissimos iuuenes, inermis armataeque Palladis imitatores in acies sub signis deduxit, non imprudenter inanis gloriae auras et rumorem aucupaturus (ut sacerdotes illi qui sibi nomen facturi omine infelici proeliantes ceciderunt), uerum ut, suo posthabito periculo, communem rei publicae salutem animose defenderet. Quid ad cathedram euectus pontificalem contra luporum insidias pro caris ouium gregibus optimus pastor non audebit, qui ob tutelae ac patrocinii umbram pro uestris laribus et foris, pro uestris fortunis et honore uitam suam in omne discrimen, in ancipitem dubii Martis uicem prodigus obtulit et alacriter adduxit. Cuius nec aspectum armatae maioribus sclopiis Anglorum acies tulerunt, collectis raptim sarcinulis, uasa colligentes et receptui canentes turpi fuga naues conscenderunt, ut solo uisu, uel potius audito nomine, perterritos hostes, quemadmodum dictator Caesar Mithridatem [vº] uinceret triumphator. O praeclara futuri praesulis rudimenta cum ueteranorum ducum meritis, cum emeritorum gestis meritissimo conferenda! Miretur nemo nec succenseat si generosissimum antistitem apertissime nuncupauero, ardentissimum ac fidele desiderium, si non aeternorum collium, at saltem *collis imbrium*.

Solent peritiores Lusitaniae pastores certis anni temporibus pascua mutare et ouium greges, ne molle pecus durata glacie humo laedant frigora, ex Herminiis montibus in Oriquios ultra Tagum campos deducere ob mitioris per hiemem caeli teporem et clementiores aeres, indeque editis iam agnis appetente uere in Hermineos reducere. In Oriquiis fortunato sidere enutritur: est hic aurei uelleris agnus, ut statim regios primi Lusitaniae regis Alphonsi spiritus hauriret et una cum lacte sugeret: quod eius gentilicia stemmata ab occiso quondam in certamine Mauro rapta satis exprimunt: ut, quemadmodum

Alphonsus rex a deuictis Mauris regni stemmata, non aliter sua Furtadi Mendoncii angelica salutatione augusta ducerent pietate et armis insignes.

In difficiles dein colles et stelliferos montes post rerum prosperos successus regius agnus greges ducturus ascendit. Sublatis ideo in Herminios oculis Conimbrica, unde sibi in articulo uenturum auxilium sperabat. Agnum dominatorem terrae ac pastorem ex deserti petra, ex altissimis stellae culminibus ad Sionis montem, ad imbrium colles diu noctuque indefesso studio sollicita euocabat. Lapis foret durissimus, qui haec desideria non sentiret; Marpaesia rupes ferrea silex, qui tot tantisque amoris ardentissimi flammis non flecteretur, molliretur et liquesceret. Tandem, aliquando imitatus es Mondae cursum, qui in ipso Stellae uertice scaturiens, huc illuc uelut temere discurrens, tortuosis flexibus flexuosisque ambagibus rapitur et tollentibus sese hinc inde rupibus arctatus praeceps labitur, donec fracto impetu, domita uiolentia, suis aliorumque fluuiorum aquis diues et copiosior pleniori alueo leniter fluit, ubi Herculeas planities contingit, quibus ad fecunditatem largus hospitatur; ibique, ut hospitii merita munifice remuneret, ante conspectum urbis riparum crepidines ac positos utrimque aggeres restagnans praetergreditur tumidusque circumiectos rigat agros fertilitate incredibili.

Hic tibi certa domus, praesul illustrissime, ne incertus hospitii causa euageris. Hic ex pontificia specula gregibus inuigilabis figesque in munitione gradum stabilem: Conimbricam ac nostra tempora aureo et stellato uellere inaurans et exornans. Hucusque aemulatus es Mondae cursum, feliciori tamen exitu non ut ille proximo in oceano in amaram salsuginem uersus gloriosum nomen ac famam amittes, sed eisdem, unde nobis effluxisti stellis, eidem, unde excidisti caelo redditus ob legitimum aduersus luporum rabiem certamen coronaberis, inter Erigonem et Scorpionis brachia, ut incorruptus in iudicando animus Martiusque in periculis uigor et constantia semper fulgeat, semper omnibus praeluceat ad exemplum.

L. Gaspar Luís, magister primarius,
Anno 1616

*Excipiendo Illustrissimo Domino D. Alphonso Furtado de Mendoça,
Conimbricensi episcopo, comiti etc*

PROLOGVS

Hos tibi rhetorice flores et amoena dicauit
Munera de campo, praesul amice, tuo.
Excipe compositum uario de gramine fascem,
Quem legit et mixto nectit amore pudor
5 Soluere si laudem uiolas, si mille tuarum
Lilia, tam multas si licuisset opes.
Larga tibi florum nostra de messe ueniret
Copia, de titulis copia larga tuis:
Nec satis ad messem solito prolixior aestas,
10 Lingua tot in laudes nec foret una satis.
Mitteret impositas princeps Olisippo corollas,
Praeside te summus dum frueretur honos.
Spargeret alta rosas uariosque Conimbrica flores:
Scilicet, arbitriis floruit illa tuis.
15 Panderet innumeros operum et uirtutis honores,
Diceret effusas et tua Guarda manus.
Omnis in egregias properaret Lysia laudes
Et Tagus et flaua Baetis adesset aqua.
Vtraque te magnum didicit prouincia, sensit
20 Vtraque tam generis quam pietatis opes.
Sed neque tot rerum cumulos euoluere possem,
Aurea si mihi uox, aurea lingua foret,
Nec tibi per tempus tot millia carpere florum,
Nec licet hic solidum praeteriisse diem.
25 Ergo, tuis cape fasciculum de laudibus et quo,
Hosce tibi flores legimus, ore lege.

PRAELECTIO

Puerilibus anteloquiis aut sermone prolixo tuas aures si diutius onerarem, tanti [vº] hospitis affabilitate, modestia patientiaque per summam dignitatem abuti uideremur, pontifex et comes illustrissime. Igitur, ne tibi fastidium post orationis cuppedias illas, non ita lautum et ornatum pariat hospitium, non me, sed Maronem te, quaeso, paulisper audi quolibet moriente cycno suauius mussitantem; sic ille, *Aeneidos* 6:

*Primo auulso, non deficit alter
Aureus et simili frondescit uirga metallo.*

Elysios campos adire ut parentis Anchisae conspectu et colloquio frueretur, pientissimus Aeneas cupiebat. Ergo, Sibyllam desierio suo participat. Illa Troianum imperatorem monet, uiam sine aurei rami priuilegio temptari uel confici nullo modo posse. Docet unde petendus esset et quo ritu quauae religione praecidendus. Arboris eam esse felicitatem ut, aureo germine auulso uno, alterum mox inexhausta fecunditate regerminet:

*Non deficit alter
Aureus et simili frondescit uirga metallo.*

Vnde mihi non ineptus omnino et absurdus ille uideretur, qui ecclesiam Conimbricensem cum tam beata et tam felici arbore compararet, si maxime is te praesentem nouique pontificatus fastigia conscendentem suspixisset. Nuper Alphonsum Albicastrum, Societatis nostrae delicias, Conimbricae amorem, totius regni amoenitatem, primum rei publicae litterariae praesidium, bonorum omnium grande patrocinium, caelo delapsum, ad superos, longa iam in aetate, mors, tamen immatura, reuocauit. En aureus alter eodem nomine Alphonsus eodem in stipite repullulasti, in eadem refluuisti arbore ut et praecedentis memoriam non obliterares et, si qua tuo superessent in aduentu, desideria releuares. Id uero iam cum te absentem praestolaretur, sibi tota Conimbrica pollicebatur fore ut aureus baculus tuus et aurea uirga omnis ordinis, omnis aetatis homines consolaretur. Parum dixi: ab inferis excitaret ac de tua uero praedicaretur, quod olim de aurea Mercurii uirga seu caduceo triumphales poetae falso praedicarunt. Virgilius, *Aeneidos* 4: *Tum uirgam capit: hac animas ille euocat Orco*; Horatius, *Odarum* primo, decima:

*Tu pias laetis animas reponis
Sedibus uirgaque leuem coerces
Aurea turbam, superis deorum
Gratus et imis.*

Erigite animos, uiri Conimbricenses! Sumite spiritus maiores! Haec aurei pastoris, aurea uirga non tantum uobis ut Assueri quondam illa faciles uestri pontificis aditus praestabit, sed (quod optabilius est) Bolano ex agro uos post multorum annorum curricula in Elysios caelestis patriae campos et felicia pascua traducet. At ego iam in alienos, hoc est, oratorios fines irrue-re uidebar et extra praescriptum euagari, dum futuram, te praesule, felicitatem praesentem potius intueor quam praesentio uenturam. Intra meos me limites contineo: ad te redeo, aridet enim, placet, iuuat in hoc auri tui splendore prae nimia luce [140] hallucinari, caligare, caecutire:

*Non deficit alter
Aureus.*

Tota in arbore ramus aureus fruticabat unus, qui et ceterorum opacitati ramorum non mediocrem afferebat splendorem et arborem uniuersam quaestuosa pulchritudine mangonizabat. Tu uero Conimbricensis ecclesiae trunco nobilissimo lucem ac uenustatem addidisti, non tantum ut aureus ramus, sed aureum pomum teque ut in arbore sua formosius appareres, sicut olim ex Hesperidum pomario furatum, ita nunc ex Hispaniae regno Furtadum (ne dicam experientissima Guardae custodia thesaurum), meliore tamen furto, sui non oblitus Conimbricensis Hercules reportauit. Vide igitur quam bene in hanc arborem conueniant, quae laureatis carminibus de illa cecinit Claudianus:

*Est etiam lucis arbor praediues opacis,
Fulgentes uiridi ramos curuata metallo.
Haec tibi sacra datur. Fortunatumque tenebis
Autumnum et fuluis semper ditabere pomis.*

Nec uero impari uenustate, licet absimili splendore, imperatoriam tuae generis arborem exornas, cuius radices praeclarissimus ille strenuissimusque princeps Fernandus Laynius tam altas egit ut non solum auelli nulla temporis procella possint, sed etiam plures comitum, marchionum ac ducum ramos bellica uirtute ferreos ita longe lateque porrexerint ut Hispaniam et Africam olim cum ingenti Maurorum caede complecterentur, aetate uero nostra per

orientales plagas armorum metuendo fragore tonent et Lusitani roboris ac fortitudinis iam obsolescentis exempla, magna cum laude nec minori barbarorum clade repraesentent. Ferreos hos tuae prosapiae ramos, tu aureus alter ramus ita infulis ceterisque corporis et animi ornamentis inauras ut, cum ferruginis suae decus ac decorem non amittant, incomparabilem tamen a tuis honoribus pulchritudinem mutuentur:

Alter aureus.

Interpres nonnulli putant aureo ramo significari diuinitatem, cuius praerogativa agentibus ad inferiorum sedes et Elysios Campos facilis patebat aditus ac reditus. Trifariam Virgilius inculcat in 6 *Aeneas*: *Et mi genus ab loue summo; Sybilla: dis geniti potuere; Charon: Dis quamquam geniti atque inuicti uiribus essent.*

Alii, quibus adhaereo, sapientiam subaudiunt, sine cuius praesidio temere laboriosa et ardua quaeque subeuntur. O dictum belle! Graphice quadrat haec in pontificem nostrum sententiae. Tot in te bonarum artium momenta confluerunt, tot scientiarum fulges ornamentis ut aurei rami tui flores aureos et aurea poma, si qua manus etiam aurea legeret et aurea lingua praegustaret, aureos tuae sapientiae radios non tam illuminare uideretur quam adumbrare. Nempe, superioribus annis tuae prudentiae ac doctrinae causa regium te consiliarium uidit Hispania, praesidem in regio Conscientiae Tribunali suspexit Olisippo, semel iterumque rectorem, primo Diui Petri sodalium, deinde totius Conimbricensis Academiae Conimbrica uenerata est.

[vº] Nec *uecuos crines alio subit infula nexu*, ius enim fasque erat ut maioribus te in dies sapientiae luminibus decorum, altiores honorum gradus exceperent. Te suum Guarda episcopum coluit, amauit, exosculata est. Episcopum? Immo parentem, immo doctrina Chrysostomum et in pauperes afflictosque beneficentia Magnum Gregorium. Tandem, tua te Conimbrica recuperauit et uelut alterum Ambrosium, quae rectorem tenuit, episcopum tenet aeternumque tenebit, neque enim decebat litteratissimum praesulem alibi, quam in hoc Lusitanarum litterarum Athenaeo collocari. Ergo, falsus ille qui, non dico Elysios, sed empyrios campos aureo sapientiae tuae ramo penetrare te non posse iudicabit.

Hoc igitur in *colle imbribus* assiduis irriguo, qui ramus aureus es, arborem in auream adoleres: seu tu uictoriae laurus, seu poeticae facultatis hedera, seu iustitiae palma, seu nobilitatis cupressus, seu pacis et eleemosynae olea, seu diuturnitatis cedrus malis appellari (neque enim a Virgilio nomen inditum est) et aurea omnes amoenitate opacabis, quotquot de tua uiriditate bene speramus ac de felicitate bona ominamur.

DIALOGISMVS

CONIMBRICA:

- Hiccine, quem flaua pridem cumulatus arena
Herculeus sperabat ager, cui gurgite pulchro
Siderio de colle meus per ouantia rura
Monda fluit, toto quem fausta Conimbrica uultu
5 Intuor, Alphonsus praesul?

EGITANIA:

- Tuus ille tuorumque
Vnus amor, spes una, tibi properauit adestque:
Ne dubita, nam uera uides: pudor ille modestae
Frontis et augustae facies pietatis et instar
Pontificum ueteris saeculi quibus aurea quondam
10 Tempora pacatum fluxere tenentibus orbem,
Non nisi sidereos Alphonsi ostentat honores.

SAPIENTIA:

Nonne uides ut larga manus, frons regia, frontis
Dulce supercilium positoque iacentia fastu
Lumina, magnorum radios testentur auorum?

CONIMBRICA:

- 15 O quantum mihi polliceor decus! O mihi quantam
Fortunam sperare licet, dum mentis et omnes
Pectoris admiror dotes: iuuat ore tueri
Mille ducum et regum species; spectantur in illo
Stemmata maiorum proauitaque nomina uultu
20 Formaue magnanimos non dedignata parentes.
[141] Scilicet, hic ille est nec iam dubitare licebit,
Quem mea festiuo sperabant compita plausu,
Cui mea iure suos Academia dicit amores.

EGITANIA:

- Hunc ego saepe mea felix Egitania tractu
25 Pastorem baculo sensi pariterque tiara
Pontificem, uirtute ducem, pietate parentem.

SAPIENTIA:

- Scilicet, has illi tribuit sapientia dotes
Inclyta Lysiadum toto sapientia regno:
Non titulos affingo nouos nec fabula ueris
30 Officit: has meruit studioso pectore laudes.
Quaeque alibi uatum mendacia carmina fingunt,
Omnia in Alphonso proprium tenere decorem.

CONIMBRICA:

- Testis ego, uirides nuper cum sedulus annos
Duceret ac sacro iuuenilia tempora iuri
35 Dederet, egregias quantum incubisset in artes
Ingenii laudem quantam et meruisset honores.

SAPIENTIA:

- Inde alios noua fama gradus maioraque praestat
Munia rectoremque Academia nostra salutat,
Musae, rectorem Maecenatemque fatentur.
40 Hoc duce tam sophiae, gemini quam iuris alumnos
Sumere maiores animos totoque uideres
Pectore frugiferos studiorum haurire labores.

EGITANIA:

- Non aliter cum rite meas tenuisset habenas,
Praesulis officio uenerandus, amore parentis:
45 Surgere uirtutes passim atque adolescere sensi,
Ire procul scelus, ire nefas et auara fugari
Crimina, substitui uerae pietatis amores.

CONIMBRICA:

Ergo, mihi longos sperare et habere per annos
Dulcia tantarum liceat miracula rerum.

SAPIENTIA:

- 50 Immo, licet maiora: nouis ingentia semper
Munera muneribus cumulauit et altera primam
Fortunam, fortuna premit, decrescere numquam
Visus ab emerito felix Alphonsus honore.

[v°]

EGITANIA:

- Ah quotiens tuus ille inopes miserosque benigno
55 Suscitatur auxilio, quotiens per rura, per urbes
Argento fluit atque auro: sitis aspera ponit
Et malesuada fames perit et miseranda recedit
Pauperies largoque manus beat omnia sumptu.
Ipsam etiam hospitio diuumque hominumque parentem...
60 Effari pudor ille uetat quae Lysia toto
Concelebrat regno sparsitque per oppida rumor.

SAPIENTIA:

Quidquid in Alphonsi generoso pectore sedem
Possidet, e caelo missum fas credere.

CONIMBRICA:

- Tanto
Scandentem adspiciens fastigia nostra triumpho,
65 Dum niueo ueheretur equo comitisque simulque
Pontificis meritis repraesentaret honores,
Illicet e uultu didici quam gratus Olympo,
Quam foret humano generi dilectus, amari
Pronus et ore coli medioque in corde teneri.
70 O mea perpetuo felicia sidera cursu,

O hilares niueasque dies! O saecula nostro
 Aurea centuplici cum fenore reddita mundo!
 Non licet inuidiae mea uertere fata, licebit
 Fortunae uariare nihil: sors altera sortem,
 75 Successum successus alit sequiturque priorem,
 Non minor Alphonsus Alphonsus nec honore secundus,
 Nobilitate prior, maior spe. O digna uoluptas
 Pectore maiori atque animo meliore foueri?
 Degeneres procul ite animi! Iuuat illa beato
 80 Mille per amplexus ruere ad uestigia lapsu,
 O sociae, genua illa habituque et supplice uultu
 Tangere, delicias nec praetermittere nostras.

EGITANIA:

Alphonse, o Alphonse olim meus! En tua quondam
 Ante tuos oculos felix Egitania sisto.
 85 Huc geminas, age, flecte acies: procul adspice quam sis
 Pectore in hoc nostrum uelut hoc in stemmate nomen.
Me si fata meis paterentur ducere uitam
Auspiciis et sponte mea componere curas,
 [142] Non ego te sinerem amplexu diueller umquam,
 90 Praesul amate, meo: tecum mihi dulce beatam
 Ire per annorum seriem meritisque paratum
 Exemplo meruisse tuae uirtutis Olympum,
 Sed, quoniam tua te satis melioribus aetas
 Sperabatque et sperat adhuc, mea summa uoluptas,
 95 I, precor, i nostris summum decus addite rebus,
 Et desiderii liceat tua gaudia numquam
 Sollicitare meis: exsulo, gratulor, oro.
 Inter purpureos uideam tua nomina patres.

CONIMBRICA:

Nempe, libet mea tam lento fastigia praesul
 100 Ascendisse gradu, maiori ut munere, nostro
 Exspectate solo caeloque Alphonse uenires!
 Venisti tandem et praeconia nuntia famae
 Aduentus superat tuus et praesentia uincit

- Quos tua nobilitas auri spondebat acervos.
105 Totus ades iuuat et magno praecordia uultu
Deliciisque beare nouis. Prope nosse tueri,
Affari, tetigisse licet semperque meorum
Obsequiis et honore tuo et pietate licebit,
Urbs mea dum stabit, fluet et dum Monda: mihique
110 Te nihil eripiet, caeli nisi tarda cupido.
Interea, gere communem populique parentem
Pontificemque simul: tanto mea praeside surget
Gloria nec felix Olysipo, Brachara princeps,
Eboram magnam meae uincent praeconia famae.

SAPIENTIA:

- 115 Si cui perpetuo licet exsultare triumpho
Et laetos agitare dies et compita festis
Te ueniente, fores et limina cingere ramis
Totoque non solito praecordia fundere risu:
Hoc mihi te semper uiuo licet, o iubar ingens
120 Alphonse, o ingens sophiae decus! Vnica montis
Gloria Pieri, cuius de pectore magno
Aurea continuus manat sapientia riuus.
Ergo, age, Musarum tenues inuise penates,
Ingredere et tectis assuesce minoribus; omnes
125 Ipsa manu tibi pando fores; aperire liceret
O utinam latus hoc penetrique sacrarii cordis:
Hic tibi uel nostra sedes foret amplior aula.

[vº]

EPIGRAMMA

Pontificem petiit Conimbrica mutuum ab astris
Alphonsum fausto nomine Mendocium.
Cum prece nec pretio exorasset et astra negarent
Furtadum a superis clam rapuisse ferunt.
Discipulus faciebat

EPIGRAMMA

Acceptit quem Guarda, tenet Conimbrica magnum
Furtadum, egregio sidere pontificem.
Seruando nempe ignaras miserisque benignas
Omnibus haud poterat Guarda tenere manus.
Discipulus faciebat

[142 v°]

*2ª classis Rhetoricae classis parabili hoc hospitio Dominum D.
Alphonsum Furtadum e Mendoça excipiebat*

Joannes da Rocha

PROLOGVS HENDECASYLLABVS

- Tu nos uisere, praesul o benigne,
Ac nostras aliquid putare nugas
Dignaris? Melius nihil probabit
Te comem comitis decere nomen
5 Quam cum fers noua signa comitatis.
Fallor, uel rediit uetus parentum
Aetas, hospitio fruens deorum?
Felix qui superos in orbe uidit
Nec felix minus ipse nunc habebor
10 Apud quem sacer hospes hospitaris:
Sic nos auspiciis tuis secundans
Vero ut nomine debeat uocari
Haec, inter reliquas, secunda classis.
At morsus animo graues sub imo
15 Curis heu patior petitus altis:
Vt digno excipiaris apparatu.
Virum et pauperis ostium coloni
In terris ubi Iuppiter subibat,
Terrestrem perhibent amasse cenam.
20 Et turis quibus est nihil Sabaei,
[143] Salsa non dubitant litare fruge
Haud cuiquam uitio fuisse constat
Diuis, quod ualeat, parare munus.
Ergo, te superis dabis gemellum,
25 Si rebus uenias libens egenis.

Adolescentium trium colloquium de felici in urbem ingressu
CARMEN TRAGICVM

- Primus: Qui plausus urbem concitet, quantum fluat
Ciues in omnes gaudium et quanto uiri
Conimbricenses ardeant laeti rogo
Arsere plus quam nuper accensae faces:
5 Incendiorum pectoris signum haud leue,
Videre quemuis uideo, ni uidet minus.
- Secundus: Quis non uidebit, sentiet, capiet, sciet
Quod ipse pariter intimo mentis sinu
Aut experitur tacitus aut tandem nequit:
10 Sibi imperare gestiat quin et palam
Et praesulis quin celebret aduentum sacri.
Tertius: Vnum illud audax calculo firmem meo
In urbe tota neminem prorsus fore
Qui non lapillo computet niueo die,
15 Antistitem quae rursus ereptum dedit.
- Primus: Quam tristis olim mersit hanc urbem dolor
Ad curiam cum raptus Hispanam fuit,
Tam coetus hodie motus ex animo salit,
Cum nos ouile pastor agnoscit suum.
- Secundus 200 quas amoris ille uibrabat faces!
Cum ciuitas e domibus exsiliens suis
Ad alteram se fluminis ripam tulit,
Vt inde tantum pignus afferret domum.
Tertius: Quo quisquis animum poterat exponens modo,
25 Et ille qualis pastor et qualis pater.
- [vº] Laetas amica fronte suscipiens oues,
Se ridibundum filiis cunctis dabat.
Secundus Quam clarus inter nobiles ibat uiros,
Vmbraculum hinc et inde portantes manu!
30 Tunc nostra blande corda furatum puto.
- Tertius: Quas non rapinas ageret animorum sibi
Facies sereno proxima refulgens pilo?
- Primus: Frigere quodnam pectus aut quae mens queat,
Cum frontis ignes siderum in morem duo,
35 Quodcumque flammis obuium rapiant suis?
- Secundus: Magnetis haud sic trahitur impulsu chalybs.

Non sic aristae sucini amplexus petunt,
 Quantum benigno praesulis uisu solet
 Vel infimus uel quilibet summus capi.

Tertius: 40 Posthac nihil sinistrum et infaustum, nihil
 Conimbrica hoc auspice timendum cogitet.
 Nam, si futuri prouidus uates fuit,
 Hesterna cui nos obuios egit dies,
 Felicitabit pastor hic felix gregem.

Primus: 45 Quae uos ab illo oracula audistis, precor,
 Nisi exciderunt, auribus detis meis.

Secundus: Huius notauit nominis primum notas:
Alphonsus Furtado e Mendoza.
 Deinde, uerborum ordinem ac sensum mouens,

50 Anagramma eiisdem litteris tale eruit:
O Alpha custodum ferens dona.
 Tete alloquens, Alphonse, praesentem uelut,
 Ad quem supremo spiritu afflatus poli,
 Carmen remittit laudibus plenum tuis.

Primus: 55 Vterque uestrum dicat alternus uolo.

CARMEN HEROICVM

[144]

Tertius: "Qualis per campos desertaque rura uagatur
 Amisso custode gemens et questibus implet
 Grex nemorum latebras, maesta dum uoce requirit
 Pastorem et sedes circum tristatur heriles

5 Pertaesus fontes et amati graminis herbam:
 Talis caelestes ubi sese Alphonsus in arces
 Extulit, obscuro Conimbrica mersa, iacebat
 In luctu, donec simili pastore leuaret
 Afflictum curis animum similique parente

10 Tristia diffusis cohiberet lumina riuis motate.

Secundus: Ergo, agite, imbriferi cacumina montes,
 Ite per Herculeos choreis plaudentibus agros
 Et date festiuos *concusso uertice* saltus!
 En Alphonsus adest, diuini foederis arca:

15 Sistite, currentes stellato ex fonte liquores,
 Sistite, Monda pater summis caput efferat undis
 Et uultum longe supplex uenientis adoret.

- Ille equidem Alphonsum si non anteire priorem,
At paribus certe meritis aequare ualebit.
- 20 Ne primo auulso non pullulet aureus alter
Aut simili aut forsan radians meliore metallo.
Tertius: Alpha uelut, primum primo de sanguine semen
Clarus habet, duplici referens cognomine reges.
Si uitae morem inspicias, erit Alpha uocandus,
- 25 Vt qui se Christo geminum uirtutibus addit,
Ipse ferat Christi (quae rara est gloria) nomen.
Ecquis enim maiora tulit documenta superbos
Calcandi fastus? Ecquis tam sobrius inter
Delicias aulae uiuens compressit habenas
- 30 Vitae auriga suae? Vel quis minus aeger inani
Ambitione fuit? Meruit, non emit honores.
- Secundus: Praeterea, si fida gregis custodia laudem
Vllam habet, in reliquis tantum hic custodibus exstat,
Antestare notas quantum solet Alpha sequentes.
- 35 Insidias plenoque dolos molitur ouili
Cattus, eo uigilante, lupus; quamquam oris hiatum
Diducat malesuada fames, quamquam exserat ungues,
Irrita funduntur circum uestigia caulas.
- [v°] Tertius: Exerrat si forte uago siluestria cursu
- 40 Per dumeta pecus nescitque ad nota reuerti
Limina et absentis querulo clamore benignam
Implorat pastoris opem, uolat ille pericli
Sollicitus reuehitque humeris stabuloque reponit.
O uigil aeterni pastor pastoris alumnae,
- 45 Non ouis ulla tibi periit data praeda lupinis
Dentibus: apposito gaudes pia pondera tergo
Excipere, *ad talos sudor* licet effluat *imos*.
- Secundus: Quid memorem? Quae dona feras, quae pascua pascat
Grege tuus? Haud quisquam melius prospexit egenis.
- 50 Saepe domum exerces, ualeat ne marcida plebem
Exercere fames. Diuina oracula talem
Pastorem exoptant, sua qui non commoda curat
Oblitusque sui, non obliuiscitur agnos.
Nec tibi necue aliis consanguinitate dextrae,
- 55 Quam sic exoneras, fluuios ut praestet Iberos,
Aurea dona uomens. Testor te, Guardia, teque

In reliquum factura fidem Conimbrica tempus.”
Tertius: Haec ore uates uerba fatidico tulit.

EPIGRAMMA

Ad praesulem uitam longissimam promerentem

- Primus: Viue diu pastor, pastorum gloria, uiue,
In quo exempla Patrum uiuere prima puto.
Qui tua prae reliquis uidet ut sapientia fulget
“Hoc Augustinus pectore uiuit”, ait.
- 5 Qui uidet imbutas caelesti nectare uoces,
“Mellita Ambrosii lingua peremmat”, ait.
Extenuata uidet qui membra, “Hieronymus istis,
Vt par est membris credere, uiuit”, ait.
Qui facta in miseros dispendia cernit egenos,
- 10 “En Magni Gregori dextera uiuit”, ait.
Quattuor in te uno uiuunt encomia Patrum,
Quattuor o utinam sit tibi uita Patrum!”

FINIS

*In aduentu illustrissimi ac reuerendissimi Domini Alphonsi Furtado a
Mendonça, Conimbricensis episcopi
Pro quinto gymnasio. Ad ingressum in palaestram*

Scholasticus:

Aduenias felix, praesul clarissime, felix
Sit quae te nobis attulit ista dies:
Fortunata dies alboque notanda lapillo,
Hospitis optati qua datur ore frui.

Annus 1616. Ver. Aestas. Autumnus. Hiems
Annus:

- Huc modo uenio toto refertus fructuum
Genere; quis ego sim forte nostis? Non quidem,
Vt arbitror, sed scire cupitis. Annus hic
Vester ego sum, uobis dedi satis omnibus
5 Superque uictus; sentiat nemo famem.
Sed nostra maior gloria haec est, quam mihi
Nunc arrego, quoniam Conimbricae uirum
Restituo moribus et genere non disparem
Cuicumque ueterum. Gratulamini bonum,
10 Laudate me, Conimbricenses, beneficum
Vocate. Raptus fuerat a uobis, tamen
Cum uester esset, restituo. Vester fuit
Academiae olim rector illumque lacrimis
Ab urbe cum discessit ante duodecim
15 Annos, fuistis persecuti. Reddere
Non potuit illum praeteritus huc quilibet
Annus, sed ego solum reducere potui.
Gaudete, iuuenes, canite, ducite choreas
Totam per urbem, Lysiae namque affero
20 Heroas inter non secundum: laus mihi
Haec tota cedit. Agite, iam mea tempora
Adeste. Ver huc fronte cur maesta uenis?

Ver:

- Infelix ego Ver, mihi nam Conimbrica dudum
Auersis oculis et torua fronte miratur,
25 Et merito, quoniam illius solacia maesto
[v°] Corripui (quamuis maturo funere) patrem,
Scilicet, Alphonsum, quem latum fama per orbem
Commendat, meritis et uirtus aequat Olympo.
Sperabam mentes populi, te sanguine clarum,
30 Moribus eximium, nulli pietate secundum
Huc praesul, transferrem meis ut laeta diebus
Hospitio et miti tua te Conimbrica caelo
Exciperet, mihi terra nouos tunc prodiga flores
Praeberet possemque illos hac sternere: uerum
35 Inuidit fortuna mihi sortemque secundam
Abstulit. Vrbs odiis numquam exsaturata quiescet
Ista meis, numquam laeta me fronte uidebit.

Aestas:

- Quam frondosa tibi pulchra in conuelle paraui
Et contexta nouis umbracula uitibus aestas.
40 Mitius hic ferio summis quam in montibus: ardor
Blandius ad Mondae noster te fluminis undas
Tractaret salices inter siue inter amoeni
Tiburis antra tui, multa quod riuulus unda
Irrigat et lucus ramis frondosus opacat.
45 Tunc decuit uenisse. Meos tunc nube serena
Obtegerem soles et puluerulenta uiarum
Effuso gaudens loca tunc prius imbre rigarem.
Quam timui suprema tibi ne culmina montis
Aegitanensis feruenti sole nocerent!
50 Optabam ad sanos huius te adducere colles
Vrbis et irriguas ualles caelique serenam
Temperiem optatus si tempore, praesul, adesses!

Autumnus:

Cedite, Ver Aestasque retro, nam gaudia caelum

- Seruauit mihi tanta; retro discedite, campo
 55 Est opus. Exsulto, salio laetorque nec intus
 Cor prae laetitia nostrum exsuperante quiescit.
 Quam felix Autumnus ego, cui gloria cessit,
 Cui laus, cui tantum decus. En me laudibus urbis
 Istius ciues extollunt tempore quando
 60 Te nostro huc retuli, pater inclyte: laetus honore
 Vix tanto uocem emitto nec soluere dictis
 Optati aduentus ualeo pro munere grates.
 Mitia poma tibi possum donare, racemos
 Pendentes filo tecti laqueraibus altis
 [146] 65 Offero nec desunt. Hic punica mala. Quid ultra?
 Persica [*]¹⁰²? Potiusne Cydonia? Quaeque libenter
 Sana tibi plenis apponam mala canistris.
 Quid tibi pollicitum uer? Flores? Sicca quis aestas?
 Vndarum riuos patulisque umbracula ramis?
 70 O promissa mihi risu excipienda: cachinnos
 Tollere ludibrio tua me praesentia frenat.
 Tempore si ueris, pater, aut aestatis adesses,
 Floribus acciperet te uer et frondibus aestas,
 Ast ego maturis nunc fructibus. Adspice quantum
 75 Veris et aestatis dono mea munera praestent.

Hiems:

- Huc glacialis hiems canis hirsuta capillis
 Accedam, tremulo quantumuis corpore, namque
 Frigora me semper comitantur inertia, nimbi,
 Nix, glacies, uenti, tonitrus, fragor atque pruinae,
 80 Sed tamen accedam, nec enim fiducia nostri
 Accessus mihi parua quidem, pater optime, nam te,
 Cum magis atque magis Iani impia mense uigerem,
 Rex hoc pro meritis ornauit honore Philippus.
 Cognita sumne tibi? Stellati in uertice montis
 85 Castello Albenti sedem uicinae paraui:
 Hic uicinus eras; atqui uicinia semper
 Grata parum tibi nostra fuit. Melioribus aruis

¹⁰² Palavra ilegível.

Maiores nunc pasce greges, quos blanda fouebo;
Et te nostra minus, pastor, iam frigora laedent.

Ver:

- 90 Expostulare nunc mihi tecum licet,
Autumne, cur adeo superbis? Cur ita
Loqueris et incedis tumidus atque afficis
Nos male tuis dictis? Meos sic despicias
Flores et aestatis folia, quae praesuli
95 Tanto bono animo nuper obtulimus? Venit
Haec praestitis mihi pro beneficiis tua
Solutio. Par ego pari referam tibi.

Autumnus:

- Quae tu modo beneficia mihi, uer, obiicis?
Ego uestra nihili nunc facio beneficia.
100 Me tu superbum dicis? Et me esse fateor
Miraris hanc, qua te alloquor, fiduciam?
[vº] Audaciam mihi et animi iactantiam
Assumo. Cur ita tibi uera displicent?

Aestas:

- Sint uera quamuis uerba, non semper tamen
105 Dicenda iudico. Sed, age, sine floribus
Atque foliis autumnus aliquando foret
Aliquid? Ita superbire tibi modo non licet,
Autumne, praestaret loqui te parcius.

Autumnus:

- Vt inuidia corrodit ac torquet animos
110 Vestros nocere non potestis, gloriam
Propter meam liuore uos scio percitos.
Mihi cedit honor istius aduentus, mihi
Fortuna, quoniam arrisit, ita maceramini.

Ver:

- Tantum insolentiam pati quis erit potens?
115 Insanit autumnus, furit uecordia
Illum exagitat. Affligit audientium
lactantia superbi feritque aures nimis.

Autumnus:

- Praesentia tua aliis superbum me facit,
Praesul, uideri: tanta laetitia mea est,
120 Vt iudicer et habear superbus. Ego amplius
Responsa ueri nulla et aestati dabo.
Ver latret, aestas murmuret, dicam nihil.

Aestas:

- Existimas, autumnus, me contrariam
Esse tibi? Falleris. Voluntas nam mea
125 Atque animus alienus tui numquam fuit,
Sed arrogantiam tuam, qua despicias
Ea dona, quae tanto hospiti, quae praesuli
Tanto offerebamus, nimis uitupero.

Autumnus:

Mutus ego sum, patiens taceo: loquimini.

Hiems:

- 130 Autumnus, tibi uer inuidet; tu, obsecro, tace.
Aestas amicam se esse tibi licet asserat,
Ne crede nec etiam benignam aurem admoue.
Punctum attigisti: semper inuidia fuit
Quae ueris et aestatis animos sic coquit.

Annus:

- 135 Quid nectitis uestris ineptiis moras?

[147]Contentiones mittite illasue in alium
Seruate commodius diem. Nunc hospitem
Discedere uolentem beneuoli carminis
Prosequimini solito tenore uel alio
140 Quocumque metro: pollicemini dies
Bene ominatos et bonam ualetudinem
In posterum, discedat hinc ut beneuolus.

Ver:

Arridet omnibus tua haec sententia.
Ver tibi polliceor felicia tempora ueris
145 Et semper nostro tempore sanus eris.

Aestas:

Spondeo magna tibi frugum horrea plena quotannis,
Praesul, in hac oberit nec meus urbe calor.

Autumnus:

Audeo selectos fructus promittere; nostro
Tempore non morbus, quo crucieris, erit.

Hiems:

150 A te, quando aliud nequeo promittere, semper
Eiicient morbos tempora nostra procul.

Annus:

Dum non finis adest, qui iam mihi proximus instat,
Non mihi cura, salus, quam tua, maior erit.

*Ex octauo gymnasio
Praelectio*

Illuxit tandem fausta et fortunata dies illa in qua grata nobis praesentia (illustrissime Domine praesul comes, quem olim addictam studio iuuentutem summo consilio moderantem uidimus in maiori nunc fulgentem dignitatem intuemur, colimus, ueneramur), ab omnibus satis exspectata, multum diuque desiderata, si non ut par est, saltem breui aliquo temporis spatio libere potiremur. Sed, quorsum dicitis tui muneris oblitus, quorsum tua haec tendit oratio? Quid grammatico cum mitioribus musis? Quid humaniores litteras tibi, tamquam praesentes arrogas, cum potius de praeteritis agendum foret? Cauillatio tamen haec uestra pace dicam, mea est excusatio. Nam, coram tanto praesule omnia praeterita memoria dilabuntur, uno illustrissimo Domino Alphonso praesente, reliqua perpetua obliuione delentur et quodammodo oblitterantur. Illius enim iucundissima praesentia ita omnium oculos rapit, animos allicit et corda furatur ut meritissimo illustrissimum nomen a furto sortiatur.

In te, praesul illustrissime, mirifice quadrat linea illa [v^o] tunica, qua Hebraeorum pontifex utebatur cum omnium se dabat in conspectum, quippe quae ita erat artificiose intertexta ut continuis quibusdam oculorum et cordis imaginibus, undequaque circumsepta, omnium oculos ad sese traheret et corda compilaret. Te igitur, dum praesentem intueor, statim in mentem uenit praeclarissimum illud maiorum tuorum gentilicium stemma, quod hereditario ueluti iure non sine magna maiorum tuorum decore possides, exornas, illustras. In quadripartito igitur scuto multa apparent admiratione digna, quae si lentius examinanda forent, longam postulabant orationem. Aliqua tamen attingam breuiter, ne, temporis angustiis oppressus, omnia maneant illibata. In superiori scuti parte tres deducuntur bendae, quas Lusitane dicimus *bar-ras*, totidem in inferiori: media inter utrasque rubra apparet, ceterae uiridi colore pelluceto medium scutum non tam a campo aureo, quo sternitur, quam a salutatione angelica ceruleis notis inscripta ueluti indiantibus gemmis illustratur. En gentilicium stemma, quod, si per tempus licuerit, fas erit triplici ramusculo, ut mos erat antiquis, coronare. Sertum conficiam ex palma,

¹⁰³ Nome e sobrenome do autor riscados de modo a não permitir a leitura.

oliua et lauro, quae omnia quam sint apta in rem nostram, si non pro rei dignitate, saltem pro mea tenuitate, aggrediar.

Tria sunt quae illustrissimam familiam tuam, antistes praeclarissime, maxime commendant: regia sanguinis nobilitas, uirtus in bello admirabilis, optimarum artium doctrina singularis. Regium sanguinis splendorem caecus est qui non agnoscit uel tam praeclaris radiis percussus ita caecutire uidetur ut exorientis solis fulgorem non audeat fixis oculis intueri. Hic, ni temporis angustiae obstarent, multos recenserem comites, marchiones, duces, principes qui, regio illo splendore coruscantes, totum paene terrarum orbem illustrarunt; multos, qui belli uirtute praeclarissimi exstiterunt. Testor orientalem plagam, quae facinora illa ab illustrissima hac familia non ignauiter patrata numquam pro meritis narrabit. Sapientiam solum ignorabit, qui ignorauerit illustrissimos praesules, archiepiscopos, cardinales qui ex hac regia arbore, ueluti luxuriantes surculi, pullularunt. Sed, quid iuuat per alios sparsa recensere, quae in te uno felicissime connectuntur?

Nam, *quae diuisa beatos efficiunt collecta tenes*, ut de suo Stilichone cecinit Claudianus. Regium animum in gentilicii stemmatis campo aureo adumbratum, quis in te non ueneratur? lure optimo regium tibi animum et campum aureum uindicas, praesul illustrissime, seu potius, manus aureas et tornatiles, quae in pauperum miseras subleuandas, ita ubertim fusae ac deditae sunt ut nullus sit qui tuam non praedicet liberalitatem, nullus qui regiam hanc munificentiam non animaduertat, nullus qui regias has manus hyacinthis plenas non suspiciat.

Iam uero, bellicam uirtutem et animi robur in infensas hostium copias, quis non miratur? Mirabitur quidem qui attenta mentis acie tum illud iter in oppidum Buarcos contemplatus fuerit. Nostis ex iis qui adestis aliqui illustrissimum praesulem, cum rectorem ageret, non solum rectoris, sed ductoris ducisque munus eleganter praestitisse. Conimbricae delatum est Anglicanos hostes ad oppidum Buarcos appulsos. Ecce tibi rector talaria induere, non ut fugam caperet, sed ut praepeti uolatu in hostes christiani nominis infestissimos conuolaret, ac si tunc temporis comitis nomenclaturam, quam nunc habet, iam fortunate sortiretur. Hanc belli uirtutem ostendunt rubrae illae bendae in gentilicio stemmate, quae feliciori sorte illud quam Tyrii purpura regias uestes commendant. Octo uero illae primae salutationis angelicae felicissimae litterae, non indecore in campo aureo positae, mihi uidentur [148] praedicare sapientiam tuam non simplicem, sed multiplicem multum decoris attulisse aureo regiae stirpis campo.

Nouit hanc sapientiam mira prudentia coniunctam serenissimus Hispaniarum rex Philippus, solo nomine secundus, qui te in Conimbricensi Academia rectorem

creauit, patrem imitatus filius, eiusdem nominis tertius, hinc te Madritum detulit, ubi sapientiae tuae thesaurum locupletissimum in splendorem dedisti cum esses a Consiliis catholicae maiestatis. Idem testatur Olysippo, quae te in tribunali Conscientiae non solum praesidem excepit, sed suspexit nulli secundum. Testantur admirabilem hanc sapientiam synodales illae *Constitutiones*, quas Aegitanensi episcopatu non sine magno labore elucubrasti. Sed, quid Egitanensis episcopatus? Sileat Guarda nec lacrimis prosequatur seruatum hucusque dulce pignus, nobis furto sublatum, quod longius quam par erat detinuit.

Fortunata Conimbrica, depositum obserua clarum et pretiosum, restitutum uenerare. *Fortunati nimium sua si bona norint* Conimbricenses ciues! Haec tibi, praesul clarissime, propria sedes: nimirum, regni corde, sic enim dicta Conimbrica nec te hinc patiemur abire, nisi ad regni caput, uel Hispanarum primatum occupandum seu, quod pulchrius erit, cardinalis purpura decorandum. Quae omnia quattuor illae bendae tui gentilicii stemmatis uiridi colore pelluentes et nobis bene sperare iubent et tibi, praesul illustrissime, feliciter ominari

Nobilitas, Conimbrica, Societas Iesu et uirtus hospitio excipiunt illustrissimum praesulem D. Alphonsum Furtado de Mendoça

Nobilitas ad praesulem:

O decus Hispaniae et demissum munus ab astris
Vrbis honos et gentis amor, *iustissimus* auras
Qui bibit aethereas et *seruantissimus aequi*,
Sis bonus o felixque tuis! Inuise palaestras
5 Quae tibi se totas ultro debere fatentur.

Nobilitas ad socios:

Dicamus bona uerba, genus qui ducit Olympo.
Audiet et tacita nostram bibet aure poesim.

Nobilitas Conimbricae:

Dicere ne cesses Domino Conimbrica laudes,
Quem tibi pastorem caelestia numina donant.

Conimbrica episcopo:

10 Orbis ad Herculeas aurum si mitteret arces,

Fluctibus immixtas si daret Indus opes:
Si domina augustas praeberet Roma tiaras
Offerretque graues regia celsa locos:
[vº] Rerum contemptrix, cunctis nunc dicere possem:
15 Dona abeant, tali praesule diues ero.

Nobilitas Societati Iesu:

Soluite nunc socii nomen quos signat Iesus
Empyreo meritas tanto pro praesule grates.

Societas Iesu ad praesulem:

Dum tibi sublimem dant astra benigna tiaram
Et pastoribus de grege cura subit,
20 Lysiadum procures et regia gaudet honorem
Tam merito factis hunc tribuisse tuis.
Nos haec quod meritis sint inferiora dolemus,
Namque orbis uix te praesule dignus erat.
Te quoniam praestans ita uexit ad aethera uirtus,
25 Nil tibi ut humanum sit, nisi posse mori.
In me non tenuem fueras testatus amorem
Cum premeret natos uis inimica meos.
Te praesente aderat praesens medicina, nocentes
Cessabant et, te sospite, sospes eram.
30 Maiorem antiquis cumulas modo rebus honorem,
Artior antiquo me quoque nectit amor.
Pro quo trado meos, praesul clarissime, natos
Et natis, possem si dare plura, darem.
Oro tamen superos ut praemia digna rependant
35 Dentque tibi faustos uiuere posse dies.

Nobilitas uirtuti:

Dic quibus in terris, uirtus, quoue orbe coruscet
Alphonso similis uirtute aut sanguine praesul?

Virtus ad praesulem:

Aurea si terris superest pietatis imago
Et quam uirtutum splendor in astra uehat;
40 Si quis erit rerum qui sic moderetur habenas,
Pronus ad imperium totus ut orbis eat;
Si quisquam humanos superumque meretur honores:
Dispeream, si non hic meus hospes erit.

Virtus nobilitati:

Si meus hic praesul uirtute et sanguine praestat,
[149] 45 Nobilitas, plures cur non largiris honores?

Nobilitas ad praesulem:

Me quia tot meritis non respondere recordor,
Haec tibi, ne uidear uerba dedisse, dabo.
Pauca dedi fateor, sed spondeo multa merenti
Adueniet factis qui tribuatur honos.
50 Da, praesul, spatium tibi dum meliora requiram,
Da ueniam et factis praemia digna feres.
Sed, quid ego factis promitto ingentibus aequum
Queis non aequalis Roma nec orbis erit?
Munera pontificum et regum si addantur in unum,
55 Pontificum et regum munere maior eris.
Vix licet exiguum Lysiae cognoscimus urbem,
In qua uirtutum non documenta dares.
Regna inuidissent si te peregrina uiderent
Inuidaue obstaret ni Deus astra forent.
60 Nunc, age, et Herculeam *factis fer ad aethera* gentem.
Inserere uirtutes falceque scinde nefas.
Sic uolo, sic iubeo; dant has tibi numina sortes,
Has superum fixit Rex statuitque uices.

Conimbrica praesuli:

Fausta dies luxit pulchroque notanda lapillo
65 Qua datur augusti mihi praesulis ora tueri.

Virtus praesuli:

O si nunc uernans agros uariaret Aprilis,
Vt meus in uiolis uestigia poneret hospes!

Nobilitas praesuli:

Vos, quibus hiberni uis temporis atra pepercit,¹⁰⁴
Pargo libens: triti melius fundetis odorem.

Societas lesu praesuli:

70 Oscula si possem sacris affigere plantis,
Grandior astra poli digito tetigisse putarem.

Virtus praesuli:

Viue diu, praesul, uirtutis gloria, uiue,
Nam mea sospes erit, te sospite glori: uiue!
[v°]

Nobilitas praesuli:

Viue, meae uitae fortunata anchora, uiue,
Nobilitatis honos, splendor, lux, gratia: uiue!

Societas lesu praesuli:

Viue, decus nostrum, praesul clarissime, uiue,
Quem superi gaudent uitam protendere: uiue!

Conimbrica praesuli:

Viue, parens inopum, patriae spes unica, uiue,
Hoc patria, hoc inopes, resonant hoc sidera: uiue!

Nobilitas praesuli:

Hos, Alphonse, tibi dedimus pro tempore uersus:
Si uenias rursus multo meliora canemus.

¹⁰⁴ Ao lado: *Hic sparguntur flores.*

Bibliografia

- ALMEIDA, Manuel Lopes de (1973) – *Acordos do Cabido da Sé de Coimbra (1580-1640)*, Coimbra, edição do Arquivo Coimbrão.
- BARBOSA, Manuel José de Sousa (1995) – “Humanismo e práticas escolares: um testemunho jesuítico quinhentista (Lisboa, BN, cod. 3308)”, *Euphrosyne* 23.
- BARBOSA, Manuel José de Sousa (1996) – “Humanismo e práticas escolares: um outro testemunho jesuítico quinhentista (Coimbra, BGU, cod. 993), *Euphrosyne* 24.
- CUNHA, D. Rodrigo da (1635) – *Segunda parte da História eclesiástica dos arcebispos de Braga*, Braga, Manuel Cardoso.
- FIGUEIROA, Francisco Carneiro de (1937) – *Memórias da Universidade de Coimbra*, Coimbra, por Ordem da Universidade.
- FRANCO, António (1714) – *Imagem da virtude em o noviciado da Companhia de Jesus do Real Colégio do Espírito Santo de Évora*, Lisboa, na Oficina Real Deslandesiana.
- FRANCO, António (1720) – *Annus gloriosus Societatis Iesu in Lusitania*, Viena, sumptibus Joan. Mich. Christophori.
- FRANCO, António (1726) – *Synopsis Annalium Societatis Iesu*, Augsburg, sumptibus Philippi, Martini et Ioannis Veith heredum.
- FRÈCHES, Claude-Henri (1964) – *Le Théâtre néo-latin au Portugal (1550-1745)*, Paris/Lisboa, Nizet/Bertrand.
- LOURENÇO, Miguel Rodrigues (2016) – *A articulação da periferia: Macau e a Inquisição de Goa (c. 1582-c. 1650)*, Lisboa, Centro Científico e Cultural de Macau e Fundação Macau.
- MACHADO, Diogo Barbosa (1741-1758) – *Biblioteca Lusitana*, Lisboa, António Isidoro da Fonseca (1º tomo)/Inácio Rodrigues (2º e 3º tomos)/Luís Ameno (4º tomo).
- MARTÍNEZ D’ ALÓS MONER, Andreu (2015) – *Envoys of a human God: the Jesuit mission to christian Ethiopia, 1557-1632*, Leiden/Boston, Brill.
- MIRANDA, Margarida (2009) – *Código pedagógico dos Jesuítas. Tradução de*, Lisboa, Esfera do Caos.
- O’NEILL, Charles E. (dir./coord.) (2001) – *Diccionario Historico de la Companhia de Jesus. Biográfico-temático*, Roma/Madrid, Institutum Historicum S. I./Universidad Pontificia Comillas.
- PAIVA, José Pedro (1993) – “O cerimonial da entrada dos bispos nas suas dioceses: uma encenação de poder (1741-1757)”, *Revista de História das Ideias* 15.
- PAIVA, José Pedro (2011) – “El ceremonial eclesiástico en el Portugal del siglo XVII”, *Obradoiro de Historia* 29.
- PENNEC, Hervé (2003) – *Des Jésuites au Royaume du prêtre Jean (Éthiopie): stratégies, rencontres et tentatives d’ implantation: 1465-1633*, Paris/Lisboa, Centre Culturel Calouste Gulbenkian.
- PINHO, Sebastião Tavares de (2005) – “Um código latino da literatura jesuítica quase desconhecido: o cod. 1963 da Livraria dos Manuscritos dos ANTT”, *Humanitas* 57.
- PINTO, António Guimarães (2020) – *Os jesuítas portugueses e a literatura novilatina (século XVI)*, Lisboa, Theya.
- RELAÇÃO (1627) – *Relação do recebimento e festas que se fizeram na Augusta cidade de Braga à entrada do ilustríssimo e reverendíssimo Senhor D. Rodrigo da Cunha, arcebispo e Senhor dela, primaz das Espanhas*, Braga, Frutuoso Lourenço de Basto.

- SANTOS HERNÁNDEZ, Ángel (2000) – *Jesuitas y Obispos. Los Jesuitas Obispos Misioneros y los Obispos Jesuitas de la extinción*, Madrid, Universidad Pontificia de Comillas de Madrid, tomo II.
- SCHÜTTE, Josef Franz (ed./coord.) (1975) – *Monumenta Historica Japoniae I. Textus catalogorum Japoniae*, Roma, apud Monumenta Historica Societatis Iesu.
- TELES, Baltasar (1660) – *História de Etiópia a Alta*, Coimbra, na oficina de Manuel Dias.

APÊNDICE 1

D. Afonso Furtado de Mendonça, reitor da Universidade de Coimbra, socorre Buarcos, atacada por piratas ingleses, à frente de um batalhão académico

D. Nicolau de Santa Maria, *Crónica da Ordem dos Cónegos Regrantes do Patriarca Santo Agostinho*, 2ª parte, Lisboa, na oficina de João da Costa, 1668, pp. 392-393:

[392] “No sobredito ano de 1602, entraram em a vila de Buarcos uns ingleses, hereges e ladrões, que andavam roubando no mar, em ocasião que ele estava muito quieto, e lançando gente abaixo da vila, sem serem sentidos dos de terra que estavam bem descuidados de tal successo, com muitos mosqueteiros e homens de armas, e tomando todas as entradas das ruas, foram bater às portas e, acudindo os moradores às janelas, apontando neles os mosquetes, os faziam vir abrir as portas, e assi foram roubando tudo muito a seu salvo, e depois fizeram o mesmo nas igrejas, onde quebraram todas as imagens, mas, quando chegaram a nossa igreja de Santa Cruz daquela vila já não acharam tanto que roubar, pela boa diligência do padre [393] cura, que ali tinha posto o mosteiro de Santa Cruz, por nome João de Carvalho, que, logo em sentindo o que passava, se foi à igreja muito depressa, e abrindo o sacrário comungou o santíssimo sacramento e tomou a caixa em que estava com o cálix e cruz de prata da freguesia e entregando tudo em um envoltório a ua mulher, a mandou pera um lugar perto da vila, onde escaparam estas três peças de prata, e com tudo isto ainda custou depois mais de duzentos mil réis o prover de novo a igreja e ao cura fez o padre prior geral mercê do curado pera sempre.

Chegando esta nova a Coimbra, logo se ajuntaram na câmara o corregedor, juiz e vereadores da mesma cidade a tratar de acudir a Buarcos, e elegeram por mestre de campo a João da Fonseca, comendador de Malta, e por sargento-mor a João de Andrade, cavaleiro do hábito de Cristo, e a Heitor de Sá por capitão da gente de cavalo, e por capitães da infantaria e gente de pé a Cristóvão de Sá e a Bento Arrais de Mendonça, que com toda a diligência cumpriram com seus ofícios e abalaram com toda a gente que puderam ajuntar no mesmo dia dormir a Pereira, e daí ao outro dia dormir a Maiorca e daí a Tavarede, e ali fizeram alto com a mais gente que acharam de Montemor o Velho e mais lugares vizinhos, porque os ingleses, depois de roubar Buarcos, vieram também saquear a Figueira e o mosteiro dos

religiosos de S. Francisco, donde se fizeram fortes com certos reparos que fizeram com suas estâncias, donde com grossos mosquetes varejavam todos os caminhos e matavam a seu salvo os que os queriam acometer. Deste forte e do de Santa Caterina, que também tomaram, se foram ua noite com muito segredo embarcar outra vez na sua armada, sem mais perda que de quinze ou vinte homens, que, por se desordenarem, lhe mataram os nossos, e de dous moços que lhe tomaram vivos.

Era neste tempo reitor da Universidade D. Afonso Furtado de Mendonça, que determinou com os do conselho de ir em pessoa a socorrer Buarcos com todos os estudantes e privilegiados da mesma Universidade, e nomeou por capitães a António da Cunha, lente de prima de leis, e ao lente de prima de medicina, e por mestre de campo a um ilustre italiano, que estudava na mesma Universidade e tinha sido soldado, por nome Cipião Garrafa, o mais bem disposto e valente homem e mais alto de corpo de quantos andavam na Universidade; nomeou mais por capitão dos fidalgos aventureiros a um irmão do conde da Feira e um filho do comendador-mor de Cristo: os quais ajuntaram a si mais de trezentos fidalgos e nobres, todos com escopetas, couras e bandas de diversas cores, que, com duzentos que iam nas outras duas bandeiras, faziam número de quinhentos e tantos homens. Com este luzido exército abalou o reitor logo ao outro dia após o exército de Coimbra e se foi ajuntar em Tavarede.

Estava nesta ocasião o bispo-conde D. Afonso de Castel-Branco em Lávãos, aonde ajuntou muito boa gente de Soure, do Pombal, de Condeixa, da Ega e da Arredinha, e estando aparelhada toda esta gente e com grande ânimo pera passar o rio à Figueira, veio recado ao bispo que os ingleses eram embarcados e idos. Porém, ainda que esta gente e a mais que estava já em Tavarede não chegou a pelejar com o inimigo, foi de proveito pera socorrer aos pobres de Buarcos e da Figueira, que ficaram roubados, aos quais fizeram muitas esmolas e deram tudo que levavam pera seus gastos.”

APÊNDICE 2

Poema de João da Rocha

TRADUÇÃO:

Publicado entre as peças introdutórias de homenagem ao Autor do livro: *VERGEL DE SAGRADO E PROFANO SABER*, semeado e cultivado pelo Padre lisboeta Francisco de Mendoça, da Companhia de Jesus, doutor em Teologia, em tempos professor catedrático de eloquência e professor de Filosofia do Colégio de Coimbra e posteriormente professor de Sagrada Escritura no de Évora. Obra póstuma. Em Lyon, à custa de Jacob Cardon, 1631. Com privilégio do rei.

[15v]

QUEIXUME

Na morte do Padre Francisco de Mendoça

BILHETE

Sem mim ireis até aos Elísios Campos, letras minhas,
Não haveis de voltar às lusas moradas.
A alma quer ir também, as cadeias quebrando, como companhia
Ir, para, onde pelo corpo não posso, pela alma ser levado.
Para alegrias grandes te chamam os cidadãos do Céu
E ao pranto concitam ao mesmo tempo os tristes fados.
Ordena o Céu: "Daqui vos apartai, ó dores, ó lágrimas,
Que poderoso vento sobre o mar a tristeza arrojé!
Aos que aqui habitam não há suspiros que os contristem,
Ensejo não há para a água que de tristes olhos jorra.
Dos elísios rincões pra sempre se banuiu a dor
E em corações tranquilos assentam só contentamentos."
Todavia, o pesar e as lágrimas negam-se a ir embora;
O pesar e as lágrimas aliam-se: o que não é novidade.
Que eu possa com palavras divulgar a oculta dor,
Palavras que um dia a dor dentro da boca encerrara.
Que escute meus queixumes aquele que governa os astros,
Se meus rogos não despreza com um ouvido hostil,
Enquanto chamo os insensíveis astros e os célicos profetas,
Enquanto a dor manda dar solta rédea às lágrimas.
Assim, pois, levou o Céu Francisco? Os áureos astros

Tomados de inveja o meu tesoiro levaram?
 Assim, pois, a inclemência da cruel morte e ávida
 Riquezas tão grandes vai pilhando?
 Ela a minhas lágrimas não deixou refrigério algum,
 Para levar para os santos do Céu todas as alegrias.
[16r] Por que razão, ó cruel, o Leão¹⁰⁵ gaulês cruéis unhas te deu,
 A ti, que mereces ser estracinhada pelas unhas do hircano tigre?
 Se é fama que, amansados, os leões tamanha morte choraram
 E as feras da Líbia lágrimas derramaram,
 Os olhos em brasa aquietaram a vingativa chama e as
 Fortes cervizes abaixaram as eriçadas jubas.
 Ó Libitina, mais feroz que as feras, destas aprende, peço-te,
 A manter afastadas as cruéis mãos dos fúnebres flagelos.
 Ó cruel, não te dobrou a eloquência da latina língua nem
 As canoras cordas de uma lira de ouro?
 Nem os atavios do espírito e as graças de honesto semblante,
 Nem o lustre da linhagem, a incomum proibidade unido?
 Ó morte impiedosa, guarda tuas empeçonhadas frechas:
 Nada de maior fica já no mundo sujeito a teu capricho.
 E não temo que a fama, pelo inteito mundo esparzida,
 Venha a perecer vitimada por tuas setas.
 Ó grande Pai, antes de mais de ti me queixo, e contra ti
 É a minha queixa e a dos teus filhos teus.
 Acaso tão grande enfado sentiste por Portugal que achas
 Mais doce morrer entre as neves dos Alpes?
 Destarte, porém, ordenou de Deus o oráculo:
 Que não te daria a tumba quem o berço te dera.
 E, por isso, morres, insofrido co' a tardança? É este aquele
 Grande amor paterno? Esta a clara prova de teus afetos?
 Apartaste-te para não voltar? Contigo, oh, contigo iremos
 Todos: foi doce viver contigo, contigo é doce morrer!
 E, ó pastor, se para felizes pastios partes, porque te praz
 Na terra deixar uma grei que te ama?
 Privados de defesas vivemos passando pelos mores riscos;
 Amiúde nossos crimes incitam Deus a castigar-nos.
 Quantos são os pecados medonhos e as quebras das juras a

¹⁰⁵ Alusão à cidade francesa de Lyon, onde o Padre Francisco de Mendoça inesperadamente faleceu, a 3 de junho de 1626, quando regressava de Roma à sua pátria.

Deus feitas, tantas as terríveis guerras que se desencadeiam.
Mas a ti longa vida te cabe em espaços bem melhores,
Sem conheceres as alternâncias da voltária sorte.
E enquanto nas supernas moradas a desejada vida logras,
Não te espreitam quaisquer perigos ou o imprevisto acaso.
Abaixo de teus pés vês a celeste mansão dos seres mais altos,
Vês as estreladas fortalezas do céu.
Vive, pois, vive nas elísias campinas, de nós não deslembrado.
O amor assina estas regras que escrever mandou.

*P. João da Rocha,
antigo professor catedrático de retórica, nos Colégios de Évora, Lisboa e
Coimbra*

Poema de João Rocha
ORIGINAL LATINO

*VIRIDARIVM SACRAE AC PROFANAE ERVDITIONIS, a P. Francisco de
Mendoça, Olysiponensi, Societatis IESV, doctore Theologo, olim in Conimbricensi
Academia primario eloquentiae magistro, et Philosophiae professore, postea
in Eborensi Diuinorum Oraculorum interprete, satum excultumque. Postuma
proles. Lugduni. Sumptibus Iacobi Cardon. MDCXXXI. Cum priuilegio regis.*
[15v]

QVERIMONIAE
In obitu P. Francisci de Mendoça
EPISTOLIVM

Ibis ad Elysios, sine me, mea littera campos,
Ad Lysios iterum non reditura lares.
Mens simul ire cupit, ruptis comes ire catenis,
Vt quo non possum corpore, mente ferar.
5 Caelestes te magna uocant ad gaudia ciues
Et simul ad lacrimas trsitia fata uocant.
"Ite procul, lacrimae", caelum iubet, "ite, dolores,
Tristiamque potens in mare uentus agat.
Caelicolas hic nulla premunt suspiria, maestis
10 Quae salit ex oculis, non habet unda locum.
Aeternum procul Elysiis dolor exsulat oris
Solaque tranquillo gaudia corde sedent."
Ire tamen maeror, lacrimae procul ire recusant,
Haud noua cum lacrimis foedera maeror habet.
15 Obductum liceat uerbis uulgare dolorem,
Quae quondam in primo clauserat ore dolor.
Audiat illa meas, qui temperat astra, querelas,
Si non auersa respuit aure preces,
Dum superos dumque astra uoco crudelia uates,
20 Dum iubet ad lacrimas soluere frena dolor.
Siccine Franciscum caelum tulit? Astra tulerunt
Aurea, delicias inuidiosa meas?
Siccine crudelis rapit inclementia Mortis
Atque auida ingentes depopulatur opes?
25 Illa meis lacrimis solacia nulla reliquit

Ferret ut ad superos gaudia cuncta deos.
 [16r] Cur tibi saeua dedit saeuos Leo Gallicus ungues,
 Vnguibus Hircanae dilaceranda ferae?
 Si, fama est, mites tantum ingemuisse leones
 30 Interitum et Libycas illacrimasse feras,
 Vltrices posuere ardentia lumina flammās,
 Necnon erectas fortia colla iubas.
 Disce, precor, Libitina feris truculentior ipsis
 Funeribus diras abstinuisse manus.
 35 Non te, crudelis, Latiae facundia linguae
 Flexit et auratae fila canora lyrae?
 Non animi ornamenta et honestae gaudia frontis,
 Non generis, rara cum probitate, decus?
 Conde uenenatas mors impia, conde sagittas,
 40 Maius ad arbitrium nil manet orbe tuum.
 Nec uereor totum late diffusa per orbem
 Occumbat telis fama petita tuis.
 De te, magne Parens, primum queror et mea semper
 Sit de te, natis prima querela tuis.
 45 Tantane te Lysiae ceperunt taedia ut optes
 Mollius Alpinas inter obire niues?
 Hoc tamen, hoc superum iussere oracula ut illa,
 Quae dederat uitam, non tibi fata daret.
 Deficis ergo, morae impatiens? Hic ille paternus
 50 Est amor? Haec animi pignora clara tui?
 Non rediturus abis? Tecum o, tecum ibimus omnes:
 Dulce fuit tecum uiuere, dulci mori est!
 Et si rura petis felicia, pastor, amicum
 Quid iuuat in terris deseruisse gregem?
 55 Ducimus imbelles extrema per omnia uitam,
 Saepe Deum in poenas crimina nostra uocant.
 Quot scelerum portenta et quot uiolata deorum
 lura, tot in clades horrida bella tument.
 At te longa manet spatiis melioribus aetas,
 60 Fortunae nullas experire uices.
 Dumque agis optatum superis regionibus aeuum,
 Nulli te casus, nulla pericla manent.
 Caelestes superum sedes, stellantia caeli
 Claustra uides plantis inferiora tuis.

Viue ergo Elysiis, nostri non immemor, aruis:
Haec qui uerba iubet scribberre signat Amor.

*P. Ioannes da Rocha,
Quondam in Eborensi, Olysiponensi, in Conimbricensi Academia primarius
Rhetoricae professor*

